



CRONICAS DA

COMPANIA

2018

Gabriel Galo

## QUE BOM QUE VOCÊ VEIO!

Bem, se você tem neste momento este e-book em sua posse, é porque você ativamente o quis. E isto muito me alegra! A você, caro leitor, meu muito obrigado.

Antes de você continuar com a leitura, eu tenho dois pedidos a fazer.

Como você percebeu, este livro é uma coletânea das minhas crônicas e contos publicados tanto no meu site, o [Papo de Galo](#), quanto no **Correio da Bahia** ou no **HuffPost Brasil**. Percebeu também que ele é totalmente grátis! Olha que negócio espetacular!

Aqui é que entram os pedidos!

O primeiro dele é que eu quero MUITO saber o que você acha de cada texto. De verdade. Quero ouvir você, interagir. E vários são os canais para fazer isso! Você pode comentar nos posts do meu site – sim, estão todos lá, na série especial “[Crônicas da Copa 2018](#)”. Você pode também me encontrar nas mídias sociais! Pela página do [Facebook](#) da Papo de Galo (@canalpapodegalo), pelo [Instagram](#) (@canalpapodegalo), pelo [Twitter](#) (@gpgalo) ou até mesmo por [e-mail](mailto:gabriel@papodegalo.com.br) (gabriel@papodegalo.com.br), se preferir.

Promete que vai fazer?

Meu segundo pedido é aquela ajuda que faz com que eu consiga continuar a minha carreira como escritor. Tem algumas maneiras diferentes de colaborar. Você pode, por exemplo, compartilhar meus textos e trabalhos. Pode recomendar que outras pessoas acompanhem meu trabalho. Pode assinar a newsletter do meu site. Pode encaminhar este livro para amigos e elogiar fortemente. Se for o caso, pode me contratar para escrever para sua agência, sua produtora, seu roteiro...

E tem uma que fará TODA a diferença para mim. Pense, antes, durante ou depois de ler estas crônicas, se este livro teve algum valor para você. Se sim, eu o convido para fazer uma doação pelo meio que você achar mais conveniente.

O valor você diz, se zero ou mais do que zero. Pode ser aquela quantia pequena que não fará falta no seu orçamento, mas para mim virá carregada de generosidade e afeto. O ato conta muito! E eu agradeço integralmente!

Você pode depositar diretamente na minha conta bancária:

Gabriel Di Giácomo Galo

CPF: 226.735-028-90

Banco Itaú: 341

Agência: 6374

Conta Corrente: 07393-7

Ou apoiar o projeto “Crônicas da Copa 2018” pelo Catarse.

<https://www.catarse.me/cronicasdacopa2018/>

Seu apoio é importante demais!

Pronto. Acabaram os pedidos. Agora, aproveite!

## A HONRA DE ESCREVER SOBRE A COPA

### PREMISSA

O pontapé inaugural desta Copa do Mundo foi dado numa quinta-feira, dia 14 de junho. Enquanto lá no Estádio Luzhniki de Moscou a Rússia iniciava seu massacre contra a Arábia Saudita, daqui do Brasil eu sabia que vinha um mês e tanto pela frente. Sim, era mês de Copa do Mundo, portanto já seria um período glorioso de se acompanhar. A minha ideia, no entanto, ia mais longe. E não só foi longe, como ultrapassou a fronteira!

No agora distante 14 de junho eu virei a chave. Qualquer outro assunto, a partir dali, ficaria de lado. O negócio era dedicação total ao maior evento do planeta. A meta, um tanto ousada: produzir conteúdo diariamente com crônicas e contos que buscassem o lado lúdico do futebol. Nada de resenha, nada de análise tática, nem perfis, nem curiosidades. Nestas searas existem aos montes gente por aí.

Como mais do mesmo nunca foi a minha praia, ansiava resgatar as crônicas de Nelson Rodrigues, Armando Nogueira e Eduardo Galeano, gente que tratava o futebol como arte, como paixão, como algo que toca o fantástico. Com todos respeito e admiração aos mestres, neles me espelhei e, imbuído dos ensinamentos de Walt Disney, mirei no impossível, porque lá a concorrência é muito menor.

A premissa era que os artigos não se restringissem a fatos. Não na versão final do texto, que fique claro. O fato sempre foi a origem, o ponto de partida, mas não a linha de chegada. A intenção era pescar um aspecto de um jogo e construir uma fábula sobre ele. Ir puxando o fio da meada até o sótão da imaginação. Fazer literatura, algo atemporal, que não tivesse prazo de validade, que não fosse datado. Futebol é fantasia, afinal.

E assim foi feito!

## PRODUÇÃO E EXAUSTÃO

Nestes 33 dias corridos, assisti a 54 jogos. Sete deles foram ignorados pelas rodadas duplas (o Grupo H conseguiu a proeza de ter transmissão simultânea na TV e no computador). Mais 3 jogos foram perdidos na íntegra já no segundo dia de Copa, uma sexta-feira de compromissos profissionais que me fez não assistir ao vivo o baile de Cristiano Ronaldo contra a Espanha – embora este desempenho sobrenatural tenha virado crônica e conto.

Nestes sublimes e inesquecíveis 33 dias, foram 51 textos escritos – 50 deles aqui neste e-book –, fora as inúmeras incursões nas redes sociais enquanto a bola rolava. Alguns de que me vanglorio, outros que poderiam ter sido melhores. Teve caso daqueles que achei que não iriam tão bem, mas bateram asas, enquanto outros que julguei serem propensos ao gosto de geral, só que não. De que sabemos nós, afinal?

Não foi trabalho sem dose de sacrifício. Porque enquanto o aniversário do sobrinho rolava à toda, eu tinha que parar para falar sobre Uruguai e Portugal. Ou em dia de jogo do Brasil, a galera se esbaldando, e eu tendo que arrumar concentração para alinhar linhas, alheio. Ou quando um amigo fez festa de aniversário conjunta dele e da esposa em pleno Domingo da final, tive que me ausentar da celebração para buscar um canto e mandar bala em dois artigos com hora marcada. Também quando outras agendas profissionais surgiam, era um tal de empurrar uma data daqui para lá para quando não tivesse jogo – e nestes dias sem jogos, houve escrita do mesmo jeito. Sem contar as muitas noites de poucas horas de sono, anotações e organizações mentais.

Quaisquer que fossem os impasses – foram mínimos, convenhamos –, no entanto, havia a certeza de que valia a pena. Sentia-me vivo, feliz, satisfeito. Produzia, mas não parecia trabalho. De fato, conferi veracidade à frase Confúcio, e fazendo o que amo fazer, não tive que trabalhar um dia sequer.

## AGRADECIMENTOS

E já que entrei na linha do profissional, alguns agradecimentos importantes.

Primeiro a Herbem Gramacho e à equipe do Correio (especialmente a Ivan, Miro e Nanda). Toparam a ideia da Crônica do dia no site e ainda dominei a página 2 do impresso em todas as segundas-feiras liberadas para o esporte. Foram 32 crônicas on-line, mais 4 páginas 2 no impresso (e repeteco no on-line, claro). Sempre na capa do portal! Quem chegava se deparava com a crônica do dia pronta para ser consumida.

Agradecimentos são devidos também a Diego Iraheta, editor-chefe do HuffPost Brasil, por ter apostado nos episódios do Casal Anti-Copa, série criada para satirizar essa gentalha mal-humorada que quer estragar a diversão dos outros. Gentinha que segue à risca o grande ditado baiano, “feijoada que eu não como eu boto o dedo pra azedar”.

Em ambos os casos, a liberdade criativa foi irrestrita. Não houve sequer um senão, um talvez, um veja bem, um “muda isso aqui”. Pelo contrário. No tapa final vieram sugestões que incrementavam o texto ou lembravam de algo que tinha, por esquecimento ou desatenção, ficado de fora. As intervenções apenas enriqueceram o palavrório.

Foi um orgulho danado e um privilégio imenso ter tocado esse barco com vocês! Como brinde, o fato de poder colocar no meu currículo que fiz parte da cobertura de uma Copa do Mundo em dois veículos imensos. Estou que eu não caibo em mim!

Digo que valeu! Valeu demais!

Como agradecimento final, claro, me dirijo a vocês que tiveram a paciência de acessar e ler as publicações, seja no meu site, no HuffPost Brasil ou no Correio. E que ainda por cima chegou a este e-book!

Copa do Mundo, sua linda, até 2022.

Tóquio, me aguarde. Te vejo lá!

**GABRIEL GALO** é baiano praticante. Soteropolitano torcedor do Vitória, está radicado em São Paulo há mais tempo do que deveria. Pacheco, acreditou piamente que o hexa vinha na Rússia.

# Sumário

<b>COPA DO MUNDO É MUITO MAIS QUE FUTEBOL.....</b>	<b>10</b>
<b>CADA UMA DAS MINHAS COPAS.....</b>	<b>12</b>
<b>VAI COMEÇAR A COPA, FILHO.....</b>	<b>18</b>
<b>CHERYSHEV E A FESTA DO IMPROVÁVEL.....</b>	<b>22</b>
<b>O MUNDO É UMA QUINTA DE CRISTIANO RONALDO.....</b>	<b>24</b>
<b>DA HONRA E DO TRANSE.....</b>	<b>26</b>
<b>MESSI E O PESO DAS CABRAS.....</b>	<b>31</b>
<b>DESCE DAÍ, BRASIL.....</b>	<b>34</b>
<b>JAMILE E BENÍCIO, O CASAL ANTI-COPA.....</b>	<b>36</b>
<b>A EVOLUÇÃO DO ÁRBITRO DE VÍDEO.....</b>	<b>39</b>
<b>SENEGAL, UM GIGANTE ADORMECIDO.....</b>	<b>43</b>
<b>PEPE, EL MARIACHI DE BERLIM.....</b>	<b>45</b>
<b>O GRUPO B E A JUSTIÇA JUSTICEIRA.....</b>	<b>49</b>
<b>ARGENTINA, AMOR E ÓDIO, PRAZER E CULPA.....</b>	<b>51</b>
<b>LEVANTA, NEYMAR.....</b>	<b>54</b>
<b>O CASAL ANTI-COPA ABALADO.....</b>	<b>57</b>
<b>ALEMANHA E O CHEIRINHO.....</b>	<b>60</b>
<b>PANAMÁ E O LEGÍTIMO GOL DE HONRA.....</b>	<b>63</b>
<b>A VOLTA DO NOVE-NOVE.....</b>	<b>65</b>
<b>ONDE FICA A TRIVELA, QUARESMA?.....</b>	<b>67</b>
<b>TALEMI E A FANTASIA DO QUE NÃO É.....</b>	<b>69</b>
<b>A INVASÃO ARGENTINA DE SÃO PETERSBURGO.....</b>	<b>72</b>
<b>ALEMANHA, BRASIL, BARBA, CABELO E BIGODE.....</b>	<b>75</b>
<b>O CASAL ANTI-COPA E O CAIR PRA CIMA.....</b>	<b>78</b>
<b>NA MINHA MATEMÁTICA, SENEGAL.....</b>	<b>82</b>



<b>BÉLGICA E A INCRÍVEL FAÇANHA DE GANHAR TUDO SEM MOSTRAR NADA .....</b>	<b>84</b>
<b>CRISE DE ABSTINÊNCIA NUM DIA SEM COPA .....</b>	<b>87</b>
<b>DESPEDIDAS E AZAR DA COPA DO MUNDO .....</b>	<b>89</b>
<b>TOCA PRO LADO QUE O JOGO É DE CAMPEONATO.....</b>	<b>91</b>
<b>O BRASIL NO 2 DE JULHO.....</b>	<b>93</b>
<b>CHORANDO NO PÉ DO CABOCLO.....</b>	<b>95</b>
<b>O CASAL ANTI-COPA E O ARRIBA, MÉXICO! .....</b>	<b>98</b>
<b>O ANTI-JOGO DOS FINGIDORES DO FUTEBOL .....</b>	<b>102</b>
<b>A COPA E O POTENCIAL À ETERNIDADE.....</b>	<b>104</b>
<b>AS ILUSÕES DA COPA EM CASA .....</b>	<b>107</b>
<b>O SONHO NÃO ACABOU .....</b>	<b>109</b>
<b>EU TENTO SIMPATIZAR COM A BÉLGICA, MAS.....</b>	<b>112</b>
<b>O NOVO SEMPRE VEM .....</b>	<b>114</b>
<b>O CASAL ANTI-COPA E A VOLTA PRA CASA .....</b>	<b>116</b>
<b>A DIGNIDADE DA RAÇA E DO CHORO .....</b>	<b>123</b>
<b>GLOBALIZADA EUROCOPIA DO MUNDO.....</b>	<b>125</b>
<b>O AUGE DE NEYMAR JÁ PASSOU? .....</b>	<b>127</b>
<b>A ÓTIMA GERAÇÃO FRANCESA.....</b>	<b>129</b>
<b>CROÁCIA E A LÓGICA INVERTIDA.....</b>	<b>131</b>
<b>MARADONA É O CRAQUE DA COPA .....</b>	<b>133</b>
<b>MEU CARO AMIGO, ME PERDOE, POR FAVOR .....</b>	<b>136</b>
<b>O JOGO QUE NÃO IMPORTA, PARTE 2 .....</b>	<b>139</b>
<b>AXÉ, LES BLEUS! VIVA À FRANÇA!.....</b>	<b>141</b>
<b>DEPRESSÃO PÓS-COPA.....</b>	<b>143</b>

## COPA DO MUNDO É MUITO MAIS QUE FUTEBOL

Ao meio-dia deste 14 de junho de 2018, no grandioso Estádio Luzhniki, em Moscou, a bola vai rolar para o maior evento esportivo do mundo. Sim, maior que as Olimpíadas. Porque nenhuma organização singular movimentava tantas paixões, tantos sentimentos (por vezes conflituosos) quanto a Copa do Mundo.

Se na primeira fase teremos partidas do naipe de Portugal x Espanha, mais jogos de Brasil, Alemanha, Argentina e outras seleções favoritas, teremos espaço e público para que clássicos como Irã x Marrocos ou Panamá x Tunísia ganhem contornos épicos. Há um canto para todos na Copa.

A cada rolar da bola, os jogadores são um povo inteiro, com alma na ponta da chuteira. Dentro das quatro linhas, o onze selecionado vestirá o manto sempre sagrado. Será a personificação e a condensação de populações contadas em milhões. No Egito, serão todos Salah. Em Portugal, serão todos Cristiano Ronaldo. Na Argentina, serão todos Messi. Aqui no Brasil, seremos todos Neymar. Cada nação vai com o que tem. E assim serão todos Modrić, Lewandovski, Navas, Suárez, Rodriguez.

Este povo, aqui e alhures, vai se ver representado, batendo no peito um coração mais patriota, mesmo que num efêmero pulsar que morre quando acaba e voltamos ao normal, ao choque do cotidiano. Neste ínterim, bandeiras ganharão as ruas e cantaremos sermos de nossas nacionalidades com muito orgulho, com muito amor.

Por 31 dias, o globo entende que a prioridade é aquela feliz e colorida confraternização de gente que fala esquisito, que se veste diferente, que tem até um alfabeto próprio. O planeta bola unindo e reunindo mesmo aqueles que se encontram em espectros distintos no embate de ideologias. É um armistício poderoso, em que as guardas são baixadas para dar lugar a um abraço caloroso de boas-vindas.

Passaremos os dias inventando pretextos para matar a aula, para criar 'horários flexíveis' no serviço, para marcar o encontro de amigos, com direito a feijoada, churrasco, caipirinhas e cerveja gelada. Trabalharemos com a internet plugada

no aplicativo que passa o jogo ao vivo. E ai de quem marcar reunião justo na hora de jogo importante!

Além do jogo jogado, tem a resenha que come solta. Em metafóricas mesas redondas reúne-se confluência dos gatos mestres que moram em cada um de nós, apaixonados pelo esporte bretão. Seguiremos tentando adivinhar quem será o azarão da Copa. Palpitaremos sobre qual gigante cairá na fase de grupos, quem será o artilheiro, o melhor jogador.

É um período tão mágico, tão surreal, que nos vemos imunes aos constantes ataques daqueles que enxergam o mundo em preto e branco, cegos para a diversidade furta-cor da realidade. Gosta da Copa? Ótimo, vem comigo. Não gosta? Ótimo também, só não me encha o saco. Porque, sinceramente, minha atenção estará voltada para os memes do craque-chorão ou da derrota acachapante, praquele golaço que vai sair, pro Zagallo emocionado, pra peituda pintada querendo seus 5 minutos de fama, pra alguém lançar uma resposta atravessada no repórter mala, pra gafe ao vivo. Vale tudo, vale o que vier!

Histórias serão contadas. Biografias terão seu capítulo áureo, ou seu mais baixo fascículo. Injustiças serão cometidas. No fim, o resultado será um acúmulo empilhado e fazendo ruma de humanidade, de vida, de civilidade. Porque o futebol exagera seus alcances. Amplia seus horizontes para muito além das quatro linhas. Abraça o mundo e extrai o que temos de melhor em cada um de nós.

Vai começar: vivamos a Copa do Mundo!

## CADA UMA DAS MINHAS COPAS

\*\*\*

[82]

Eu nem nascido era. Segundo meu pai, a derrota no Sarriá para a Itália de um endiabrado Paolo Rossi foi uma das maiores tristezas de sua vida. Não é de se duvidar. Aquela capa histórica do Jornal da Tarde, com o garoto chorando, representava a alma de cada brasileiro. O encanto perdeu. Uma das melhores seleções brasileiras da história perdeu.

\*\*\*

[86]

Eu me aproximava dos quatro anos e de nada lembro. Nem boa história há do círculo familiar mais próximo.

\*\*\*

**[Brasil 0 x 1 Argentina, oitavas-de-final - Itália 1990]**

Quando Argentina e Brasil jogaram no dia 24 de junho, era um domingo de muita chuva. Estávamos em Mutá, paradisíaca vila de pescadores apontando para os fundos da Ilha de Itaparica. Artigo de muito luxo era televisão. Para acompanhar as coisas do mundo restava o rádio. Nas ondas das AM/FM que alcançavam o longe, deve ter chegado a notícia, que veio até mim de maneira muito peculiar.

Meu pai nunca foi de saber administrar bem seus sentimentos. Explodia por pouco. Era uma constante bomba-relógio. A Argentina vencia com gol de Caniggia, passe de Maradona. A chuva apertava e insistia, levando consigo um vento frio de gelar os desavisados baianos. Com o apito final, a bomba explodiu.

Meu pai mandou todo mundo para fora de casa. Não tinha discussão. Tinha que sair. Sem essa de “mas está chovendo”, de “mas está frio”. Nada. Queria ele o tempo livre para ficar em casa com minha mãe sem filhos enchendo o saco.

Nem consigo imaginar a dor que ela sentiu naquele momento. Sei apenas da minha dor.

Na época, a ponte dos pescadores era de madeira. Havia grandes espaços entre as ripas, coisa de construção precária. Era, no entanto, o único abrigo que consegui encontrar. Encolhi-me sob a ponte, os pingos gélidos descaindo sobre meu corpo, espalhando calafrios e tremedeiras.

Não entendia nada daquilo, porque eu estava sendo punido tão violentamente por nada. Perguntava-me o tempo inteiro se eu já podia ir para casa. Foi com o sol se pondo e o dia se esvaindo que voltei. Um dia tenebroso.

\*\*\*

### **[Brasil 0 (3) x 0 (2) Itália, final - EUA 1994]**

*(Acabou! É tetra!)*

Ah, a Copa dos EUA! Que barato! Os horários dos jogos eram excelentes, sempre no meio da tarde, começo da noite. Eu, maior e mais atento às coisas da vida, sabia quem era quem, quais as seleções favoritas, quem estava bem no Brasil. A final assistimos numa grande festa na casa de algum amigo de meus pais em Salvador. A área comum do prédio foi preenchida com mesas e cadeiras. Juntou gente como o quê! No fim, a disputa de pênaltis nem foi assim tão sofrida, mesmo depois do perdido pelo Márcio Santos. O lendário Baresi mandou na lua, Massaro nas mãos de Taffarel, Baggio imitou Baresi, e o tetra chegou. O povo pulando, comemorando, e eu vendo o Galvão e o Pelé, abraçados, Galvão semitonando, rouco, Pelé em êxtase, usando uma gravata de gosto mais do que duvidoso. Aquela imagem ficou marcada em mim para sempre. Além da imagem de Romário acenando com a bandeira do Brasil na janela do avião da muamba voltando ao Brasil. Épico.

\*\*\*

### **[França 3 x 0 Brasil, final - França 1998]**

*(Quem é que sobe...)*

Estávamos em Campo Grande, no MS. Em poucos meses depois dali aportaríamos em São Paulo, para retomar a vida, tal qual rotina já se tornara.

Os jogos, pela manhã ou à tarde, aconteciam em horário de escola, o que me afastou de boa parte dos confrontos. Mas na final estávamos todos a postos! E vimos o massacre. No 2 a 0 já interesse mais não havia. Das lembranças marcantes, um Galvão inconformado na transmissão.

A primeira escalação confirmada para a final trazia Edmundo como titular no lugar de Ronaldo. Sim, o episódio da mais misteriosa convulsão da história do desporto. O Galvão falava nos microfones da Globo que aquilo não poderia acontecer. Que Ronaldo jogaria, SIM, a final. E de última hora ele jogou. Mal, como toda a seleção, dominada por um Zidane mal marcado nos escanteios pelo Leonardo. Seria aquela a Copa da camisa mais bonita da Seleção que eu já vi em uma Copa do Mundo.

\*\*\*

### **[Brasil 2 x 0 Alemanha, final - Coréia/Japão 2002]**

*(Como é bom gritar gol numa final de Copa do Mundo!)*

Que horariozinho esta Copa no oriente. Que preparação esdrúxula. Tudo indicava o pior - lembremos, fomos eliminados por Honduras um ano antes pela Copa América. Mas a gente tinha Ronaldo, mesmo descreditado depois de uma cirurgia complicadíssima no joelho, após contusão dois antes quando estava em ação pela Inter de Milão numa final de Copa da Itália. Tinha Rivaldo. Tinha Ronaldinho Gaúcho. Deveria ser suficiente... E foi.

Por conta das complicações de fuso, os jogos foram sempre assistidos em casa mesmo. Menos a final. Como era de sábado para domingo, dava para reunir a galera, garantir o churrasco, tirar uma soneca rápida e estar acordado na hora do jogo.

Dito e feito. Brasil campeão, 2 de Ronaldo e o seu ridículo penteado Cascão.

\*\*\*

### **[França 1 x 0 Brasil, quartas-de-final - Alemanha 2006]**

*(Olha a categoria desse cidadão...)*

Olha, era difícil não segurar a empolgação. A seleção de Parreira tinha ganhado tudo o que disputou. Na final da Copa das Confederações de 2005, 4 a 1 na

Argentina com requintes de crueldade. Formamos o quadrado mágico, com Kaká, Ronaldinho Gaúcho, Ronaldo e Adriano, estrela da Inter de Milão que tomou o lugar de Ronaldo, transferido ao Real Madri depois da Copa anterior. Cafu numa lateral, Roberto Carlos na outra, Dida no gol... Nem precisaria de muito esforço que o hexa viria.

Foi a primeira Copa do mundo das TVs de plasma! E nós, tendo garantido uma sobreprecificada TV pouco antes do pontapé inicial na Alemanha, fizemos do apartamento o ponto de encontro dos amigos. Em todo o jogo, lotava. Pessoal chegava com carregamento de bebidas e quitutes. Juntava na sala e ficava vendo.

E gerava situações inusitadas. Começou espaçado e virou regra. Ficávamos nós ali, 15 a 20 pessoas, sentados na sala, imóveis. Alguém haveria de levantar. Fosse de sede, fosse para ir ao banheiro, fosse pelo que fosse. E quando o coitado levantava... virava o garçom de geral. Ia e voltava seguidas vezes da cozinha abastecendo as gargantas secas de quem não levantaria nem por decreto.

Nesta levada, vimos o episódio da meia do Roberto Carlos, a elegância sutil de Zidane, e a eliminação absolutamente surpreendente. Mesmo com a bagunça, a taça era nossa. Não foi.

\*\*\*

### **[Holanda 2 x 1 Brasil, quartas-de-final - África do Sul 2010]**

*(Cagão de merda...)*

Em retrospecto, agora, fica realmente fácil ver que o Brasil não chegaria longe. O time titular tinha Michel Bastos, Felipe Melo, um envelhecido Gilberto Silva, Elano e Luís Fabiano. No banco, Grafite, Nilmar, Kleberson... Complicado. Um 11 no mínimo instável, comandado por um bipolar técnico que, num desafio às regras de probabilidade, fazia um excelente trabalho até então: Dunga. Se não fosse pela bola, aquela seleção levaria no grito.

A gente até esquece que no primeiro tempo contra a Holanda, pelas quartas-de-final, se o placar tivesse virado 3 a 0 para o Brasil, não seria exagero. A seleção jogou demais. Sufocou, dominou a Holanda. Mas aí virou o segundo

tempo... E o enredo todos conhecem. Julio Cesar tromba com Felipe Melo, gol. Felipe Melo, destemperado, dá um pisão em Robben, expulso. A Holanda vira. Na casa onde morávamos na Granja Vianna, galera mais uma vez reunida. Que lamento.

\*\*\*

### **[Brasil 1 x 7 Alemanha, semifinal - Brasil 2014]**

*(Lá vêm eles de novo... Virou passeio! Gol da Alemanha.)*

Felipão, Felipão... Ah, Felipão!

Tínhamos mudado para Alphaville, na região metropolitana de São Paulo. E, uma vez mais, bora juntar todo mundo! Desta vez, foi muita gente do trabalho, cujo escritório era próximo de casa e ninguém queria pegar trânsito de 4 horas para não ver o jogo do Brasil por estar no meio de um congestionamento.

Fomos assistir à abertura do Copa no até hoje inacabado Itaquerão. Antes, em 2013, vimos a final contra a Espanha pela Copa das Confederações no Maracanã, num jogo memorável da seleção. Ainda pelo torneio, voei a Salvador para ver Brasil 4 x 2 Itália na Fonte Nova, a arena das goleadas do Vitória sobre o rival de Itinga, para ver o maior clássico das Copas com meu pai. O mundo veio para o Brasil. O clima era maravilhoso. A atmosfera de #NãoVaiTerCopa foi substituída por uma euforia de contentamento porque esse negócio de Copa é bom demais, meu povo.

Então o pessoal foi chegando. Semifinal, Brasil e Alemanha, Mineirão. Rumo ao hexa!

Amigos, com Bernard e sem Neymar a gente não conquista nem a várzea aqui de São Paulo. Daí foi 1... 2... 5... (enquanto você falava o dois saiu o terceiro e o quarto e você nem viu). Um foi ali fumar um cigarro, saiu 1 a 0, voltou 5, achava que era pegadinha. O abatimento era geral. Ninguém falava, ninguém conversava. Sequer havia força para gesticular. Ficamos todos embasbacados, queixos no tornozelo, imóveis. Duvida? Tome um gol da Alemanha na fuça para deixar de ser cético.



Pessoal ainda resistiu até o fim. Ficou até ver o Oscar fazer o gol que nada teve de honroso. Daí contra a Holanda ficou cada um no seu canto, viu outra sapecada e adeus alegria nas pernas, para todo o sempre.

## VAI COMEÇAR A COPA, FILHO

[É véspera da abertura da Copa do Mundo. Um pai, fanático por futebol, coloca o filho de 7 anos para dormir. Dentre as dificuldades que ele tem tido com a educação de seu filho está a de passar a paixão pelo clube do coração para a próxima geração. Ele vê seus esforços sendo aniquilados por um Barcelona global, que ganha dos clubes locais na escala de atratividade. A Copa é a carta na manga para resolver de vez essa questão.]

\*\*\*

São Paulo, 13 de junho de 2018, 21:39h

- Escovou os dentes direitinho?
- Sim! - o filho abre um largo sorriso mostrando a arcada com esburacadas janelas sobrepostas, em cima e em baixo. O pai examina como se dentista fosse. Sorri em aprovação.
- Muito bem.
- Pai... - o filho começa em tom de dúvida - amanhã começa a Copa?
- Isso! Amanhã é a abertura. Rússia e Arábia Saudita.
- Arábia Saudita?
- É, filho. É um país do Oriente Médio.
- Tem alguém do Real Madri lá?
- Não filho, não tem.
- Mas na Rússia tem, né?
- Também não.
- Do Barcelona?

- Não filho... O time da Rússia joga quase todo em times da Rússia mesmo. E o da Arábia Saudita também!
- Os jogadores da Arábia Saudita jogam na Rússia?
- Não, não! É que os jogadores da Arábia jogam quase todos em times da Arábia mesmo.
- Ah... Que nem no Brasil?
- Ih, não mesmo... No Brasil quase todo mundo joga na Europa.
- Na Rússia?
- Não, na Rússia não.
- A professora falou que a Rússia fica na Europa.
- Sim, ela está certa, claro. Mas quando falo de Europa eu digo os maiores.
- Mas ela me falou que o maior país do mundo é a Rússia!
- Não! Quer dizer, sim, é o maior país do mundo, territorialmente, em área total, sabe? Mas quando eu digo maiores, estou me referindo a futebol mesmo. Espanha, Inglaterra, Itália e Alemanha, esses.
- Ah... E a França?
- França não é assim tão forte.
- Ué? Mas eu ouvi você falando que a França é favorita nessa Copa!
- A seleção da França, sim, mas agora estou falando do campeonato francês.
- Não é lá na França que joga o Neymar?
- Isso! No PSG.
- Ah, então ele não é assim tão bom, né? Porque ele não está nos maiores...
- Que é isso, menino!? – o pai se exalta um pouco. Consegue controlar o ímpeto e retoma. – Ele foi o jogador mais caro do mundo! E até o ano passado ele jogava no Barcelona. Lembra?
- Lembro. E ele saiu por quê?

- Olha, filho, quando você ficar maior, você vai ver que as preocupações da gente mudam e...
- Pra ganhar dinheiro, né?
- Como que você sabe?
- É que eu vi você falando com a mamãe que estava pensando em mudar de trabalho porque ia ganhar mais dinheiro.
- Mas é diferente.
- Diferente como?
- Não importa. - ele se exalta uma vez mais. Mas não pode perder a chance. Afinal, é a Copa do Mundo! - Mas, filho, você gosta do Neymar!
- Gostava mais quando ele jogava no Barcelona. Agora, do Brasil, gosto mais do Philippe Coutinho. E do Paulinho.
- Tá bom. Você gostou da camisa da seleção que a gente comprou?
- Mais ou menos...
- Por quê?
- Porque eu tinha pedido a camisa do Barcelona no Natal!
- Mas filho, é a Copa do Mundo! Todo mundo quer uma camisa do Brasil!
- Eu sei, pai... Mas...
- E olha só que legal: lá na Rússia já é amanhã! - o pai retoma, interrompendo o filho.
- Isso quer dizer que amanhã na hora do jogo aqui ele já vai ter acabado lá?
- Não, filho, não. É que... - ele se enrolou, afinal, como explicar fuso horário?
- Vai ser ao mesmo tempo, mas é que tem vezes que aqui vai ser noite e lá já é de dia. Ou o contrário, lá é de noite e aqui é de dia.
- Ah, tá...
- Mas a gente vai ver todos os jogos juntos! E vamos torcer muito pelo Brasil!

- Tá bom...
- Então tá. Boa noite, filho. Durma bem. - o pai se inclina para dar um beijo no filho, quando ele volta a falar.
- Pai...? - o filho continuou como se fosse perguntar. - será que você poderia comprar a camisa do Barcelona pra mim?
- De novo isso?
- O Julinho falou que a Argentina joga sábado e a gente combinou de ver na casa dele aqui no prédio.
- E?
- Daí seria legal ir com a camisa do Barcelona, ué!
- Vai com a sua nova do Brasil, ué.
- Nada a ver! É a Argentina que vai jogar! E, pai, tem que ser a do Messi, tá?
- Filho... - o pai fala em tom de "melhor ter cuidado com o que você vai falar, moleque."
- O Julinho falou também que o Messi é melhor que o Neymar. E é verdade, né? O Messi joga muito...
- Não! Não mesmo! E não quero mais saber de você andando com esse Julinho.
- o pai se exalta, e nem tenta mais se controlar.
- Mas ele é meu primo! - retruca o infante, indignado.
- Não importa. E vá dormir. Amanhã tem jogo. E, ó, vai ter que ver tudo com a camisa do Brasil. E se gritar gol do Messi vai ficar de castigo.

## CHERYSHEV E A FESTA DO IMPROVÁVEL

[No jogo de abertura da Copa do Mundo 2018, a Rússia goleou a Arábia Saudita por 5 a 0. Improvável destaque para Cheryshev, autor de 2 belíssimos gols.]

\*\*\*

A festa no Estádio Luzhniki era bonita. A cerimônia de abertura foi rápida e simples, o que não foi suficiente para evitar que fosse revestida de um brega à la Dia dos Namorados. O garotinho entrou com Ronaldo em campo, feliz da vida. Ele, representando o sonho de quase toda criança de jogar futebol; Ronaldo, os atletas consagrados do maior espetáculo da Terra.

Quando finalmente a bola rolou, pondo fim a um sofrimento de quase 4 anos de espera, ambas as equipes demonstravam fragilidades. A Arábia Saudita parecia sofrer os efeitos do jejum do Ramadã. Já a Rússia, bem, a Rússia era a Rússia mesmo. Ainda assim, mais poderosa fisicamente, abriu o placar no comecinho do jogo, de cabeça. Daí o Sobrenaturalov de Almeidavski surgiu.

O fantasma das Copas passadas passou uma rasteira em Dzagoev, o melhor jogador Russo. O estádio se calou, apreensivo. O que eles pensaram vocês já sabem, começa com “fo” e termina com “eu”. Aqueceu e veio a campo Cheryshev. Canhoto habilidoso, desde muito jovem abduzido pelas *canteras* do Real Madri. E que é tratado como pólvora molhada na Europa.

Que melhor forma de descrever Cheryshev senão usado uma analogia? Pois aqui vai aquela que vai definir com clareza para que existe o ponta no escrete czar: Cheryshev é o Denílson da Rússia.

Bota fogo no jogo, Cheryshev, meu filho!

Pois o atleta do Villareal, talvez vislumbrando aquele contrato polpudo no recesso pós-Copa, tratou foi de escrever seu nome contra um mambembe time saudita. Se na primeira vez de frente para o gol pecou por excesso de preciosismo, na segunda foi à glória com preciosismo em excesso. Dominou já de cavadinha, deixando passar dois zagueiros estatelados no carrinho, para

ajeitar o corpo e bater para as redes. Estavam ali as qualidades que o gigante madrileno vislumbra.

Você talvez vá relativizar que, “tudo bem, contra a Arábia Saudita, né? Até eu!”, o que provavelmente será verdade. Mas entenda, tem algo mais ali. Nem que seja apenas fagulhas, lances isolados, um drible desconcertante cá, uma levantada no público lá. Tem um manejo da bola que indica a arte moleque de um futebol que parece não pertencer aos russos.

Para não dizerem que foi exceção, pintou mais um gol no segundo tempo, pegando de primeira um chute de trivela para fazê-la dormir no ângulo do arqueiro verde que nada pôde fazer.

O que será de Cheryshev e da Rússia durante a Copa é uma incógnita. Talvez seja rebaixado ao limbo do ludopédio, fazendo companhia ao compatriota Oleg Salenko, que fez 5 numa só partida na Copa de 94, sagrou-se artilheiro da competição e... Quem é Salenko mesmo?

O fato é que isto não importa. Cheryshev escreveu seu nome na história da Copa do Mundo. Operou dois gols magistrais no maior palco do esporte mundial. Está lá, para sempre. Direito inalienável, irrevogável, intransferível. Poderá contar aos filhos e netos e amigos e afins quando arrebentou na abertura de uma Copa do Mundo jogando em casa, para os seus. De reserva eventualmente utilizado, sempre à sombra do craque do time, entrou para resolver e para dizer ao mundo que estava ali, que ele existe, e é bola. Efetivou-se, assim, como o primeiro capítulo da festa do improvável nesta Copa do Mundo, quando o belo é mágico e somos pegos pelo rabo da surpresa.

## O MUNDO É UMA QUINTA DE CRISTIANO RONALDO

[Portugal e Espanha empataram em 3 a 3 pela primeira rodada do Grupo B. Cristiano Ronaldo, craque português, liderou a ofensiva lusa ao marcar todos os 3 gols de sua seleção.]

\*\*\*

Desde quando sortearam as bolinhas indicando a formação dos grupos da Copa do Mundo, estava sacramentado. Seria este um dos melhores jogos da Copa. Já na primeira rodada, na largada, enquanto muitos ainda estariam se aquecendo. Um confronto fadado à glória, repleto de significados, entre os vizinhos ibéricos Portugal e Espanha, aqueles que um dia repartiram o mundo.

A rivalidade, que nos nossos livros de história aprendemos ter se acirrado no século XV com as grandes navegações, atingiu em cheio o coração das Américas. Tanto que com Tordesilhas estabeleceu-se a linha imaginária de um mapa ainda desconhecido em sua completude: daqui para lá, fado; de acolá para cá, flamenco.

Pois que um confronto entre Portugal e Espanha carrega uma bagagem pesada, submergida no Oceano Atlântico, mas que é trazida à tona instantaneamente. Em campo, o orgulho, a honra. Se perder faz parte do esporte, perder para um rival é devastador. E o duelo entre os últimos três campeões da Europa prometia motivação dobrada.

E assim, a linha divisória do gramado foi transformada numa Tordesilhas do século XXI. As armadas-em-onze avançariam como naus prontas para conquistar o território adversário. Uma batalha naval em campo aberto, marinha em artilharia, em que cada torpedo deveria ser milimetricamente calculado para aniquilar as defesas do oponente.

De um lado, a Espanha trazia sua consagrada composição. Confiava em seu conjunto entrosado, que ultrapassaria a maré tormentosa ao ver seu comandante partir dias antes. Ainda assim, seus capitães, líderes provados e condecorados, segurariam no braço o desbalanço que bateu de través.



Do outro, Portugal virava-se a seu general, o maioral, rei do mundo: Cristiano Ronaldo. Seria ele o definidor da estratégia, o executor da ofensiva, o levantador da moral. A seus pés, trataria ele de fazer curvados os outros em sua reverência.

Em “O Ditador”, Chaplin eternizou uma história em que o líder de um governo autoritário – caricatura do nazismo – brincava com um globo. Uma representação do que pensava ele com relação ao resto: um brinquedo, algo com o qual poderia fazer o que bem entendesse. Ronaldo repete a cena, não com o viés sádico e sarcástico de lá, mas com a impetuosidade de quem domina e conquista e faz do globo o seu brinquedo. O mundo é não mais do que uma quinta de Cristiano Ronaldo.

No confronto entre todos-que-são-todos contra um-mais-a-rapa, os ataques se revezavam, num duelo franco, de peito aberto. A Espanha abriu 2 a 0, com o importado brasileiro Diego Costa. Ronaldo empatou, com uma contribuição inesperada de De Gea, arqueiro espanhol. Sem se fazer de rogada, a Espanha fez o terceiro em um petardo certo de Nacho.

O jogo se encaminhava para o fim. Mas quem tem Ronaldo não está abatido. Ainda sobrava uma arma secreta, descarregada numa cobrança de falta perfeita, sem chance nem piedade. Curvou-se lindamente na externa da barreira. Apontou para que todos pudessem ver e atestar: “eu estou aqui. O mundo é meu.”

O empate definitivo no movimentado 3 a 3 entre Portugal e Espanhol tratou de ser o melhor resultado possível para ambos. São grandes, são enormes. São irmãs, são equivalentes. São seleções que podem, sim, ser consideradas favoritas. Mas somente uma delas tem Cristiano Ronaldo. E isso vale ouro. Bolas e chuteiras de ouro em profusão.

## DA HONRA E DO TRANSE

Joaquim é nascido e criado em Elvas, no Alentejo, extremo oriente português. Completou os seus sessenta anos em fevereiro numa grande festa no Forte Nossa Senhora da Graça, fortaleza do século XVIII que é patrimônio cultural do país e histórico da humanidade. É o administrador responsável pela estrutura, funcionário de longa data. Começou com 18 anos. Subiu na hierarquia trabalhando duro, de boca fechada, cumpridor. Casado com Fátima, que sempre se recusou a sair da cidade, tem 4 filhas bem casadas que fizeram carreira em Lisboa e no Porto e que lhe deram 9 netos, as alegrias de sua vida.

Manolo é nascido e criado em Badajoz, milenar capital da província de mesmo nome, no extremo ocidente espanhol. Sujeito alto e forte, um tanto bruto, não aparenta os 67 anos que comemorou em maio último. É defensor das tradições espanholas, monarquista de mancheia. Fez carreira como toureiro de respeito, aclamado pelo público. Era famoso pelo giro triunfal da espada, três voltas completas por sobre a cabeça, uma vez com a mão esquerda, outra com a direita, para descer num só golpe, mãos unidas, e desferir a lâmina fatal que romperia a têmpera do animal, que caía invariavelmente desfalecido. Aposentado, vive feliz em seu rancho às margens do Rio Guadiana.

Bastam poucos menos de 30 minutos para, de carro, atravessar de cá a lá. No meio do caminho, em território luso, repousa o Bar de Irene. Simplório, com um ar de séculos passados, oferece um bacalhau apreciado por muitos e sujeira que é melhor fingir não ver. Neste antro do atraso, os homens da região se unem para ungir canecas pesadas de cerveja local, honrando a tradição de soldados de antanho, que brindavam, embebedavam-se, brigavam e rastejam no voltar pra casa apenas quando o sol a dar as caras. Se um é de lá ou se de cá é impossível dizer, iguais que são em forma e em conteúdo, diferenciando-se em passaporte.

A única modernidade permitida – votada em plebiscito em que assíduos foram convidados a opinar – na bodega é uma televisão de 32 polegadas um punhado gasta, ativada somente em dias de jogos de seleção, portuguesa ou espanhola.

O sol ainda apontava alto na tarde deste *viernes* em dia que cerca o solstício de verão do hemisfério norte. Como usual, os primeiros clientes, pós sesta, foram tomando assento nas rústicas mesas e cadeiras de madeira grossa, ordenando, rudes, a primeira leva de bebidas.

Joaquim chegou sem alarde. Procurou um canto, pediu atencioso, agradeceu. Bebericava procurando evitar contato visual, motivo suficiente no lugar para se iniciar um descompasso generalizado.

Manolo chegou com alarde. Acostumado aos holofotes, parou em pose, peito estufado, como dando sinal para que todos gritassem em uníssono, “olé!” Apontou para uma mesa no centro do salão, no que dois brutamontes, longas barbas e braços como coxas, coxas como toras, trataram de liberá-la dos intrusos que se atreveram a ali estarem. Prestativa e sabedora de si, Irene já chegou com caneca pronta, “Dom Manolo!”, que ele sorveu num só gole.

Ao faltar cinco minutos para as dezenove horas, um grito ecoou no salão, mais alto que o olé de há pouco, em tom de ordem impaciente, “IRENE!” Escaldada, a proprietária correu num trote de supetão, apressando-se em ligar a televisão. No instante, os hinos de tal e qual eram cantados por varões semi-ébrios. “Às armas!” “Triunfa, *España!*” “*Iniesta es glorioso!*”, um se atrevia. “Ronaldo é o tal, ó, pá!”, replicava-se de lá.

Quando o pênalti foi apitado na alvorada da partida, o “ai” contido de Joaquim foi abafado pelo quebrar da caneca espatifada na mesa e o grito gutural de Manolo, “*Joder!*” Quando Ronaldo abraçou a redonda na posição da marca da cal, não cabia dúvidas. A cobrança, firme, selou o contrato. Joaquim comemorou abraçado aos lusófonos, no máximo de sua exaltação retraída.

Quando Diego Costa empatou o placar, Manolo, em resposta, levantou-se num pulo. Ensaiou um sapateado hábil, para pôr-se em posição de galo carijó, mão direita erguida, a esquerda por trás das costas, pescoço inclinado com queixo apontando para cima, na deixa conhecida para ouvir a sua metade gritar, “Diego!”

No fundo, quieto e calado, Joaquim não esmorecia. Não suportava o espetáculo circense de Manolo. Confiava, sobretudo, no ímpeto e eficácia de Ronaldo. “O gajo não há de me decepcionar.” Falou baixinho, para si.

A angústia do jogo atingia em cheio as mentes de todos os presentes. Mesmo Joaquim que sentado não conseguia ficar. Levantou-se e a cada ataque, a cada defesa, aproximava-se mais do centro do salão, até pôr-se, de pé, no outro lado da mesa de Manolo.

Quando Ronaldo chutou sem perigo de fora da área, ninguém esperava o que viria. De Gea, guarda-metas espanhol, falhou e permitiu o segundo tento ao craque melhor do mundo. Neste momento, instintivamente, os olhos de Joaquim voltaram-se a Manolo, que perplexo, veias saltadas de raiva, chegava à contagem de duas canecas destruídas. Enquanto os lusos pulavam em celebração, Joaquim se aproximou de Manolo. Tocou-lhe os ombros em gesto fraternal. Neste instante, silêncio sepulcral se fez, rompido apenas pela TV a gritar gol.

Ninguém jamais havia se atrevido a tocar Manolo depois que um desavisado e desenxabido desconhecido atreveu-se a tocar-lhe a cintura pedindo passagem. Foram quatro noites em hospital, ó, coitado, que ainda manquitola, segundo espalhou-se dizer. O medo varreu a todos no bar. Seria o fim do Joaquim.

Manolo, espumando como a uma fera descontrolada, vira-se já com punhos cerrados, frente pronta para a guerra. Vê o rosto gentil e agradável de Joaquim, que não lhe provocava, não lhe diminuía, apenas oferecia conforto. Hesitou por um segundo. Joaquim estendeu-lhe sua caneca recém-até-a-boca, em oferta, num alento. Manolo, então, desfez-se da guarda, aceitou a caneca, golou-a folgado e apontou com a face uma cadeira para que Joaquim se sentasse. Irene, que já empunhava, precavida, uma carabina atrás do balcão, soltou do gatilho e pôs-se a reencher as copas daqueles que precisavam um gole a mais para espantar o nervoso. Palavra não trocaram no intervalo além de “Manolo”, “Prazer, Joaquim”.

Não demorou na segunda etapa para que Diego Costa sapecasse o segundo e levasse ao êxtase aqueles de vermelho e amarelo. Manolo ergueu-se sóbrio. Repetiu à perfeição seus movimentos de assinatura de toureiro. Girou uma espada imaginária sobre a cabeça, para num ágil e preciso descer, ouvir uma vez mais os seus gritarem “Diego!” Desta vez, ao sentar-se, piscou o olhou direito para Joaquim, esboçando um sorriso preocupado para que não notassem.

E nem bem sentou levantado estava, depois que o torpedaço de Nacho venceu o arqueiro português. Sem mais coreografias para executar, pego de supetão pela virada que veio a galope, saiu a dançar freneticamente pelo salão. Balançava os braços, cabeça, pernas e pescoço como se espantasse um espírito na base do sacolejo. Voltou à mesa e pôs-se de frente a Joaquim. O bar, mais uma vez, parou. Foi então que Manolo abriu os braços largamente convidando Joaquim para ter com ele num abraço. “Joaquim!” O gajo sorriu e abraçou o grande e suado homem.

Com o jogo se encaminhando para o fim, a fé de Joaquim permanecia inabalável. Afinal, era Portugal o atual campeão da Europa, querência do melhor do mundo, do artilheiro infalível. Aos 43 minutos do segundo, Ronaldo sofre uma falta na entrada da área. O ar na taverna podia ser pesado, cortado com facão. Invadia a fórceps os pulmões ofegantes de todos. Manolo grunhiu, “*Malparido!*”. “Ronaldo?”, perguntou o quase íntimo Joaquim. “*¡No! Piqué!*” bradou Manolo, como se prevendo o que invariavelmente ocorreria. Porque há momentos na história em que a glória é certa, imutável.

Ronaldo respirou fundo, ajeitou o corpo. Já passava em sua mente o encaixe do chute, o pulo da barreira, a trajetória da bola, a comemoração. Tudo transmitido em pensamento a todos que assistiam ao astro português. E na materialização da construção em sinapse, inevitável, incorrigível, inapelável, Joaquim se rendeu à esbórnica máxima! Pulou no lugar, braços esticados para o alto, suas perninhas gorduchas dobradas, desengonçado e feliz. Pôs-se de frente a Manolo, abriu-lhe os braços em devolução, “Por Ronaldo!” Manolo sorriu desta feita sem preocupação, levantou-se e abraçou o projeto de amigo, como se cedendo à superioridade do sete artilheiro.

Após o apito final, em meio a alguns gritos que se trocavam, “*Às armas!*”, “*Triunfa, España!*”, o brado mestre se difundiu como se num alto-falante potente, sobrepujando os tantos mais, como proferindo por um macho-alfa líder da alcateia: “IRENE!” A atenta senhora correu tão rapidamente quanto pôde para apagar a televisão.

Em meio à retomada da normalidade que aos poucos apaziguava a euforia, Manolo e Joaquim trocaram olhares em cumplicidade. O espanhol, sóbrio do transe futebolístico que lhe alterara o juízo, redimensiona sua fisionomia. Sua

honra e respeito e temor haviam de prontamente serem ressuscitados. Manolo em mutação, transportou-se do companheirismo a um retumbante e ameaçador semblante de “ponha-se daqui pra fora ou...” Para bom entendedor, meio sinal de cabeça basta. Joaquim se levantou sem olhar ao agora novamente e reinstaurado rival, dando-lhe as costas, evitando olhares que seriam motivo suficiente no lugar para se iniciar um descompasso generalizado, retornando à sua acanhada mesa no fundo do bar, quieto, calado, cumpridor e satisfeito.

## MESSI E O PESO DAS CABRAS

[A Argentina, em sua estreia, empata com a Islândia por 1 a 1. Messi perde um pênalti, o que faz aumentar a pressão no extraordinário atleta argentino. Ao mesmo tempo, a Adidas, sua patrocinadora, lança na Copa uma muito controversa propaganda.]

\*\*\*

A Adidas e a Nike possuem uma rivalidade na supremacia mundial, tanto em clubes quanto em seleções e em jogadores. Na Adidas, Messi puxa a fila de estrelas patrocinadas. Na Nike, o senhor das vendas é Cristiano Ronaldo.

Os dois se revezam em premiações de melhores do mundo, empatados em cinco. Com quatro premiações nos últimos cinco anos e favorito neste 2018, Ronaldo deve abrir vantagem. Indicação de que o português atinge a maturidade no auge de sua forma física e técnica, enquanto o argentino se vê na descendente, abaixo do Olimpo habitual, mas ainda muitos níveis acima dos humanos.

Criou-se, por compartilharem as loas de artilharia na liga espanhola, um embate Messi x Cristiano Ronaldo. Talvez à revelia de ambos, que parecem não ligar muito para isso e trabalham, trabalham, trabalham. Até as danadas das cabras da Adidas de Messi à beira dos gramados russos. *Goat* é cabra, em inglês. O acrônimo GOAT significa “Greatest of all time”, ou em português, o melhor de todos os tempos.

Ronaldo, uma máquina de jogar futebol azeitada para vencer, utilizou a propaganda como combustível para se motivar. Fez gol, simulou a barbicha da cabra. Fez três gols, igualando em um jogo sua marca em suas três outras Copas somadas. Repassou um peso enorme para o lado argentino. Uma espécie de “faz melhor aí, *cabrón*.”

Messi leva consigo o fardo de ser o ídolo máximo de um país acostumados a endeusar, literalmente, seus grandes. No que se atribui a ele a responsabilidade exclusiva do título. É o líder do elenco, referência e capitão. Ao mesmo tempo, vive com o peito dilacerado por não ter um título FIFA pela Argentina, virgem

de taças há inacreditáveis 25 anos. Não precisava de mais um container carregado pela própria patrocinadora, sobreposto a outro que o craque português tratou de despachar.

Se de fato ou se elucubração, Messi sentiu o golpe. Entrou em campo contra a organizada e semiprofissional Islândia – que já tinha maravilhado a Europa em 2016 – com os ombros arcados, um tico caídos. Parecia prematuramente cansado.

Movimentava-se pelo campo sem a leveza extraterrena de seu futebol. Errava dribles, passes. Cercado por até três atentos islandeses, via-se enjaulado. Ainda que uma furtiva bola inaugurasse o placar para os *hermanos*, a mal amanhada defesa dava sinais de que confiança não havia.

A Argentina de Messi é uma ilha. Messi é uma ilha, cercado de comuns por todos os lados.

Ainda assim, os deuses do futebol reservaram o momento da retomada da alegria de Messi. Tal qual a falta de Ronaldo. O pênalti que colocaria a Argentina na frente, garantiria a vitória na estreia. A vez, a sua vez. Mundo parado, focado unicamente nele. Sua feição, no entanto, não era de determinação. Era de insegurança, com pitadas de desinteresse.

Correu para a bola travado. Bateu fraco, a meia altura, mais para o centro do gol do que para o canto, acertando todos os itens que qualificam o cem por cento de um pênalti mal batido. Consagrou o goleiro-cineasta islandês, que defendeu sem dificuldade o tiro do astro argentino. Reclamou depois da retranca islandesa.

Messi parece dar sinais de ser apenas um ser humano jogando bola. Um Hércules da modernidade, açoitado pelos trabalhos não cumpridos de 2014, 2015 e 2016. A aura de divindade vai se esvaindo pelas manchas de sangue das batalhas não vencidas.

Não devemos, no entanto, duvidar da força de Messi. De seu poder de reação. Ele, no entanto, parece ter encontrado o seu ponto fraco. A sua kryptonita, o seu calcanhar de Aquiles, o seu antídoto num tiro que saiu pela culatra. Retirem, por favor, as cabras do campo. Deixem Messi sorrir, voltar a ser o fora



de série que baila sem ser lembrado constantemente de um legado que ainda está em construção.

## DESCE DAÍ, BRASIL

[A Seleção Brasileira de freio-de-mão puxado estreia empatando com a Suíça por 1 a 1, em jogo recheado de lance polêmicos.]

\*\*\*

A preparação da Seleção Brasileira até a estreia na Copa foi exemplar. Virou favorita nas bolsas de apostas. Consagrou Tite, que com seu professoral falar invadiu as telas do Brasil, vendendo de um, tudo. A equipe jogava bem, revivia o quadrado mágico, reativava os bons tempos do ludopédio nacional. Elogios se acumulavam. O time era isso, era aquilo e ainda mais aquilo outro.

Do lado de fora, o clima foi construído com cuidado para animar a galera. Ufanistas transmissões ao vivo em cada canto do Brasil, Olodum na Bahia, cavalinho do Fantástico era Boneco de Olinda. Do lado de dentro, os treinamentos da Seleção animados, clima de descontração e harmonia. A família Tite se alinhava e se unia. Ficou-se definido, o hexa tinha data marcada: 15 de julho em Moscou. Até lá, mera formalidade.

Acontece que a Suíça não é time que se pudesse desprezar. Sexta colocada do controverso e contestado ranking da Fifa, os helvéticos dariam trabalho. E deram. Possuídos por um destemido espírito uruguaio em Libertadores, os europeus eram catimba e porrada. Neymar, como de costume, era perseguido em campo. Tudo sob os olhos vessos e coniventes do árbitro (sic) mexicano.

O golaço de Coutinho mostrava no primeiro tempo uma defesa bem postada, mas um ataque um tanto inerte. Neymar segurando demais a bola. William burocrático, sem ter com quem tabelar no deserto lado direito depois da lesão de Dani Alves. Gabriel Jesus errando muito. Não estava bom. Haveria Tite de corrigir os erros na volta do intervalo.

Pois nem bem a bola rolou na segunda etapa, com chuteiras de cimento chumbadas no gramado, ninguém subiu com o livre, leve e solto atacante suíço, que testou após falta clara em Miranda contra a meta de Alisson. O empate era injusto, mas assim é o futebol. Pois desacostumada a ver-se questionada em sua

superioridade, a seleção canarinho se perdeu. Se errava um mais um, quiçá conta de elevar ao quadrado mágico!

Sobe a placa, lá vinham trocas. Primeiro saiu Casemiro, amarelado, para entrada de Fernandinho. Depois, Paulinho deu lugar a Renato Augusto. Relembrando os horrores de 2010, confiar no 'chinês' para mudar uma partida é risco incompreensível. Por fim, Firmino substituiu o já há um bom tempo mal Gabriel Jesus. Em poucos minutos mais acréscimos, o camisa 20 fez mais que o menino do City em oitenta. Não adiantou. Os ataques canarinho se mantinham inoperantes, sem perigo. Na direita, William estático, solitário. Neymar apanhava e reclamava. Os suíços, satisfeitos com o empate, batiam e enrolavam.

Pode-se questionar os erros do árbitro (sic) durante a partida. O gol faltoso, o interpretativo pênalti sofrido por Jesus. Mas há uma lição maior a se extrair da partida de hoje que deve ser trabalhada por Tite. Tem-se a impressão de que o Brasil acredita que pode ganhar a hora que quiser. Ou seja: o velho e famoso SALTO ALTO.

Desde 1974 o Brasil não empatava na estreia de uma Copa do Mundo. Quebrou-se uma longa escrita de vitórias em sequência. Neste sentido, talvez o empate sirva como alerta necessário para o despertar de um conjunto que já provou ser forte. Em Copa do Mundo o couro come em tudo quanto é idioma. Vacilos são punidos com a volta para casa. Portanto, desce daí, Brasil. Desce desse salto que não te pertence que fica tudo mais fácil.

## JAMILE E BENÍCIO, O CASAL ANTI-COPA

[Brasil 1x1 Suíça]

\*\*\*

Jamile e Benício são um casal padrão por onde quer que se escolha olhar. Classe média tradicional, sonha com o carro mais luxuoso, com aquele apartamento com varanda gourmet e móveis planejados, com um Romero Brito na parede, com um Golden Retriever, um casal de filhos e férias em Orlando. Inundados em dívidas obrigatórias e fundamentais para o crescimento do país, se consideram felizes. E como gostam de se dizer, ‘acordados’. “Não somos alienados como quase este país todo”, afirmam com um certo nojo no canto da boca e um orgulho incontido de sua decerta superioridade moral. “Cumprimos nosso papel de cidadãos.”

Com a Copa do Mundo se aproximando, uniram-se numa causa nobre: a evangelização da população ignorante. “Como pode essa gente perder tempo com a Copa do Mundo enquanto tem tanto problema no Brasil? Simplesmente não dá! Sem educação, gasolina subindo, hospitais caindo aos pedaços, e o povo pensando em hexa!” Dizem eles, quase em uníssono, sempre concordando um com o outro. Esta insatisfação foi o que levou os dois a mais do que somente reclamar. Resolveram, bravamente, tomar ação: reclamar em público.

Procurando abranger uma audiência maior, Jamile e Benício definiram fazer das mídias sociais seu campo de batalha. Do teclado, sua arma. Da indignação e mau humor, o combustível para prosseguirem. Varrem a internet, comentam em todas as notícias, participam de todos os fóruns. Quando questionados se podem se passar por inconvenientes, dão de ombros. “Não nos importamos. Afinal de contas, estamos certos.”

Esta campanha ferrenha contra a alienação alheia atraiu muitos iguais. De tanto externarem suas opiniões, se aproximaram de vários iguais. “Não estamos sozinhos.” Um grupo de iguais se formou. “Tem um grupo no Whatsapp

especialmente feito para isso. Somos os moderadores”, dizem, líderes de um movimento.

Com a aproximação da estreia da Seleção Brasileira na Copa do Mundo, em pleno domingo, Jamile e Benício tiveram uma ideia genial. Propuseram no grupo e começaram a discutir com os colegas-em-despertar de organizarem um evento único. Um marco na história dos acordados: uma festa para comemorar o fato de odiarem a Copa. Claro, durante o jogo do Brasil.

Combinaram horário, comes e bebes. O local seria o apartamento deles. “Abrimos a parede da cozinha para a sala, cozinha americana, sabe? Mais confortável para todo mundo.” No cardápio, coisas como fondue e limonada suíça. Uma única regra foi estabelecida, inviolável: é proibido torcer pelo Brasil. “Não podemos compactuar com uma CBF corrupta e uma Copa que, além de comprada, é um antro de desvio de recursos públicos. Não seremos enganados, jamais!”

No dia, às treze horas, os convidados começaram a chegar. Traziam um vinhozinho delícia, um quitute top. Vestiam roupa neutra. Não queriam parecer nem coxinha nem mortadela, afinal, são “contra tudo que está aí”. A tevê de LED, comprada numa promoção imperdível em doze vezes sem juros no cartão de crédito daquela startup super in, ligada na Globo, emissora de que zombavam o tempo inteiro.

Começou o jogo. Neymar pegava na bola, “mimado!”, “cai-cai!” Thiago Silva espantava um ataque helvético, “chorão!” Não encontravam adjetivo para o Philippe Coutinho, mas odiavam-no assim mesmo. Nem o Tite escapava, “chato pra caralho!”

Quando o tirambaço de Coutinho abriu o placar, houve gritos. Parecia comemoração, mas juram de pé junto que não era. Era revolta. E se ouvia aqui um “vendidos!”, acolá um “agora é que este país não vai pra frente!”, outro mais ali “enquanto comemoram, os políticos estão roubando!”, até um “melhor mesmo seria se fosse eliminado logo para acordarem para a realidade deste país!”

No intervalo, tomando suas *lagers* belgas compradas em promoção vantajosa do *pack* de 12 no mercado, atualizavam-se na revolução. “Não basta falar, gente.

Tem que digitar!” Todos assentiam e tomavam mais um gole, seguros de seu bem fazer.

Quando o segundo tempo começou e o empate logo veio, os amigos explodiram de felicidade. “Volta pra casa!”, “Acaba logo essa pouca vergonha!”. Na controvérsia da falta não marcada na hora do gol, regozijaram. “Toma! Quem manda querer ser malando? Bem feito!” No discutível lance de pênalti em Gabriel Jesus, ápice da felicidade!, cunharam o canto que juram entoar em qualquer momento daqui para a frente. Foi decidido no instante que este seria o mantra do grupo durante a Copa. Em uníssono bradaram: “JUIZ! LADRÃO! SAÚDE E EDUCAÇÃO!”

O jogo acabou com todos com a sensação de dever cumprido. Cumprimentaram-se satisfeitos na despedida. “Não esqueçam: toda área de comentários é uma oportunidade de despertarmos mais gente para a nossa causa! O país precisa da gente!”

Jamile e Benício já estão preparando o próximo evento, sexta-feira contra a Costa Rica. “Como o jogo é às 9 horas da manhã, vamos fazer um *brunch* divino, com tudo o que a gente tem direito. Até gorgonzola. Adoramos! Chique, né?”

O Domingo, no entanto, ainda vai longe. “Primeiro temos que entrar no Facebook e mostrar ao mundo até que ponto somos contra a Copa! Dá trabalho, mas alguém tem que fazer alguma coisa. Depois, né, tem o Show dos Famosos. A gente não perde um!”

Olham-se ternamente. Estão certos de serem a esperança do Brasil.

## A EVOLUÇÃO DO ÁRBITRO DE VÍDEO

[A Copa de 2018 foi a primeira a ter o advento do árbitro de vídeo a revisar decisões da arbitragem. Não sem uma boa dose de polêmica, chegou com estardalhaço, de cara alterando diversas marcações. Tornou-se rapidamente personagem fundamental na Rússia.]

\*\*\*

Arnaldo chegou ao estádio com seu amigo, o Alfredo. Era a primeira vez que Alfredo ia a um jogo ao vivo depois de muitos anos ausente. Sequer se interessava pelo esporte. A Copa de 2026, no entanto, fez com que ele quisesse voltar a acompanhar o ludopédio. Olhava espantado para as instalações novas da moderna arena, o estádio gourmetizado, cheirando a coisa de agora, que acabou de sair do plástico. “Vai começar!”, falou Arnaldo, puxando Alfredo pelo braço. Tomaram assento nas confortáveis cadeiras com visão total do gramado.

- Ué? Cadê o trio de arbitragem? – perguntou Alfredo. Apenas um senhor vestido de amarelo entrava em campo com a bola do jogo.

- Ih, Alfredo, bandeirinha não existe mais. Instalaram sensores nas pontas do gramado que indicam quando a bola sair.

- E se tiver dúvida de quem tocou por último?

- Mas nem tem mais como ter dúvida. Fica um grupo numa salinha vendo tudo. A cada lance, apita no relógio do árbitro de quem é a bola.

- Ah...

- Pois é, modernidade.

- E impedimento, como faz?

- Ué, a mesma coisa. O tal do árbitro de vídeo já manda o aviso pro juiz na hora.

- E se ele apitar antes?

- Mas aí o árbitro pode até ser suspenso! A regra nova é deixar o jogo correr, só pode apitar quando o árbitro de vídeo mandar.

- Ah...

- Pois é, modernidade.

- E quando é falta?

- Aí depende. Se for falta besta, assim, o juiz pode até marcar, mas não pode comprometer.

- E o que aconteceu com os bandeirinhas?

- Perderam o emprego. No começo o sindicato bateu em cima, mas não teve jeito. Tem pouco bandeirinha no mundo, coisa de negociação aí, barganha, essas coisas.

- Coitados...

- Ih, rapaz, mas melhorou muito. Tem mais erro quase nenhum. Pior foram essas mesas redondas, sabe? O povo que ficava três horas brigando “foi pênalti!”, “não foi!”, e tal, foi tudo mandado embora.

- Mas esses não fazem falta...

- Não.

- E, pênalti, expulsão, essas coisas?

- Rapaz, me escute, preste atenção. Eu já te falei. Só pode apitar quando o árbitro de vídeo mandar!

- E como é isso?

- É assim. Depois da Copa de 2018, aquele monte de pênalti apitado, expulsão e tal, os árbitros de futebol começaram a não apitar mais nada. Sabe como é? Se tinham dúvida, faziam era nada, nem esboçavam reação, ficavam esperando o tal do árbitro de vídeo dizer qual é que era. Daí esse negócio foi ficando cada vez mais sério.

- E pra quê tem um árbitro lá no campo? Porque não tira todo mundo?



- Rapaz, tentaram, mas não deu certo.
- E por que não deu certo?
- Xi, foi uma choradeira danada. O jogo virava uma briga, povo se pegando de murro, um horror. Entrou até psicólogo na parada. Fizeram uma junta para entender o que estava acontecendo. Daí definiram que precisava de uma figura de autoridade em campo. Só assim jogador de futebol respeita.
- Autoridade? Mas pelo que você está falando, o árbitro não precisa fazer mais é nada!
- Outra melhoria, inclusive. Tem um monte de gente que não quer comprometer, fazer o seu e ir pra casa tranquilo. Então o árbitro de campo nem precisa ser muito bom, sabe? Qualquer um faz um curso aí, rapidinho, acho até que pela internet. Só tem que apitar rápido quando mandarem. Melhor do que antes! Queria ser árbitro aquele bicho meio maluco que tinha problemas de autocontrole, cheio de síndrome de pequeno poder. Agora acabou isso aí. Profissionalizaram a profissão e tudo o mais. Os árbitros de vídeo ganham até ticket refeição e plano de saúde.
- E se o árbitro do campo se revoltar e começar a apitar as coisas do jeito dele?
- Só um fez isso até hoje. Saiu de campo contundido com cinco minutos de jogo. Esse povo da teoria da conspiração falou que o relógio dá uns choques que paralisam o insurgente. Mas eu não acredito nisso não. Depois desse caso, nunca mais.
- Ah...
- Pois é, modernidade.
- Mas isso só pode pro árbitro, né? Ninguém mais inventou essa história de vídeo não, né?
- Aonde! Algumas equipes estão testando o técnico de vídeo.
- Oxe!
- Pois é. Salvou até o Vitória de um rebaixamento aí um ano desses!
- Que tecnologia!

- Pois é, modernidade.

## SENEGAL, UM GIGANTE ADORMECIDO

[Depois de estreias ruins de seus conterrâneos, coube a Senegal conquistar a primeira vitória africana na Copa, batendo a cabeça-de-chave Polônia por 2 a 1.]

\*\*\*

A abertura da Copa de 2002 ainda era reservada ao último campeão. Vencedora de 1998, na final inesquecivelmente estranha – para nós, brasileiros – em Paris, a França pousava no extremo oriente com o favoritismo escrito na camisa. Além do título mundial, asseguraram os troféus da Eurocopa em 2000 e da Copa das Confederações em 2001. Ou seja, os franceses ganhavam tudo que viam pela frente, dirigidos no gramado por um soberbo Zinedine Zidane.

No grupo francês havia ainda o uma vez campeão, mas longe dos tempos áureos, Uruguai. A Dinamarca, que apareceu bem em 98 e tinha uma geração forte. E o desconhecido Senegal, em sua primeira aparição em Copa do Mundo. Caberia ao Senegal, assim pensavam quase todos no mundo, ser o primeiro a perder para a França. Mas o futebol tem dessas coisas.

O Senegal, com um futebol bem jogado, envolvente, com ataque eficaz e um sistema defensivo bem postado, fez frente ao campeão. E num contragolpe acelerado, abriu a contagem, derrubando queixos e bolões mundo afora. A França acabaria em último lugar no grupo, eliminada vergonhosamente, enquanto os africanos avançariam até as quartas-de-final, sendo eliminados na prorrogação pela também surpreendente Turquia. O feito igualou Camarões em 90 como melhor campanha de um país africano em Copas do Mundo, o que seria repetido por Gana em 2010.

Estava o mundo apresentado ao Senegal, país que aqui somente conhecíamos por música, seja da Banda Reflexu's e seu Canto para o Senegal, seja de Chico César e sua Mama África, quando ele brincava com as palavras e o cacófato versava “deve ser legal ser negão no Senegal”.

Depois de 3 Copas ausentes, Senegal retornaria ao grande palco mundial, uma vez mais envolto em desconhecimento. Mas a retrospectiva até então deste 2018

era terrível para o futebol africano. Foram 3 derrotas doídas, gols sofridos depois dos 44 do segundo tempo, e uma Nigéria que não é nem sombra do que uma vez foi. Estaria Senegal, a única seleção treinada por um negro na competição, nos trilhos de seus vizinhos de continente? Teria sido 2002 um sonho de um verão? Ou trataria de se levantar de seu sono de 16 anos e exalar bom futebol?

O grupo H desta Rússia 2018 apontava a Polônia, cabeça-de-chave, e Colômbia como favoritas. Nenhuma das duas, no entanto, largou bem cotada nas bolsas de apostas. Conta a favor sobre Japão e Senegal, apenas mais renome e alguma vantagem no indigesto ranking da Fifa. Com um pouco de boa vontade, o grupo estava aberto, tudo poderia acontecer.

E o primeiro jogo já tratou de provar isso. O Japão bateu por 2 a 1 a Colômbia, que sofreu com uma decisão tão estúpida quanto comprometedora de um zagueiro, expulso com três minutos de jogo. Obra do acaso, alguém haverá de dizer, sem considerar a boa organização japonesa, em contraste com a embaralhada, e por fim cansada, Colômbia.

Já Senegal teria pela frente a Polônia de Lewandovski. Quando a bola rolou, os senegaleses trataram de mostrar ao mundo que 2002 não foi uma fantasia. Rápidos, fortes, firmes, seguros, envolventes. Fez a Polônia de bobinho. Dominou e não deu brecha. Fez um, fez dois, e na maciota do sossego pela vitória assegurada, sofreu o de honra.

O encerramento da primeira rodada mostrou que os favoritos não vão ter caminho fácil. O equilíbrio dá a tônica deste mundial. No fim, pode até dar a lógica e os favoritos levarem as medalhas para casa. Mas há histórias que devem ser exaltadas. E uma delas remete à submersão de Senegal, que se emerge eventualmente para encantar o mundo com seu futebol. É a crônica de um gigante adormecido, despertado em 2018. Ainda é cedo para sabermos até onde pode chegar nesta Copa do Mundo. Tomara que longe. Porque é legal ver jogo do Senegal.

## PEPE, EL MARIACHI DE BERLIM

Los Tres Amigos. Este é o nome escolhido por Pepe para o grupo de mariachis que ele e mais dois amigos formaram em Berlim, capital da Alemanha. Ambos arguíram se tratar de nome pouco criativo, mas como nenhum propôs algo melhor, Los Tres Amigos ficou.

Pepe, aos 53 anos de idade, é o mais velho. Toca trompete com maestria. De tão hábil parece ter feito faculdade de música em Guadalajara, onde nasceu. Chegou a Berlim em 2001, depois de um divórcio litigioso que o afastou de suas raízes. Os outros dois amigos, também mexicanos, claro, são os irmãos Blanco. Gêmeos, dizem-se primos de quarto grau do craque mexicano, hoje aposentado. Complementam o grupo tocando guitarrón, violão típico para mariachis, e violão tradicional de 6 cordas. Com 42 anos de idade, botaram pés em Berlim em 2014, quando se mudaram com toda a família para tentar a sorte na Europa. “Disseram para a gente ir para os EUA, temos família por lá, mas sabe como é, seria muito clichê. E ganhar em euro parecia uma boa ideia.”, costumam repetir quando perguntados porque a escolha da Alemanha como nova casa.

Conheceram-se por trabalharem num restaurante típico mexicano na cidade. Revezam-se entre cozinha e salão, no que precisa e o patrão mandasse. Logo descobriram afinidades, como saberem tocar um instrumento e a saudade imensa da terra natal. Não se sabe ao certo nem quando nem por quê Pepe sugeriu que formassem um grupo de mariachis. Certamente havia uma pressão por aumentar a parca renda. No ambiente de restrição em que viviam, qualquer euro a mais contribuía. Ao fim, prova de que nunca podemos escapar tanto assim dos clichês que nos rodeiam, os irmãos Blanco toparam. Buscaram local para fabricar os uniformes típicos e puseram-se a tocar nos fins-de-semana e durante a agitada noite da capital germânica.

### ALEXANDER PLATZ

A Alexander Platz é uma das praças mais conhecidas de Berlim. Modernosa, contrasta com o entorno que se preserva como blocos de prédios baixos e monocromáticos. Falta cor em Berlim, seja na pele dos nativos, na lataria dos carros ou nas paredes dos imóveis. Não na Alexander Platz. Vê-se prédios envidraçados, painéis pintados com zelo, cafeterias modernas e quase-arranha-céus com desenhos intrigantes.

Rapidamente se enturmaram no movimento frenético da região. Coloridos como colorida era a praça, escolheram lugar e logo trataram de entoar suas canções típicas. A capa do violão é o receptáculo de doações. Foram estudando e percebendo de que forma a interação com o público faz com que ganhem mais. Perceberam a elasticidade praticamente infinitamente positiva entre os gritos – o ‘aiaiai’ afinado – e as moedas que jorravam, assim como a dança de Pepe, um pouco travada pelos joelhos de cinquentão.

A lida incessante ao longo dos anos, todos os dias durante o verão e nos fins de semana durante outono e primavera, tornaram o Los Tres Amigos um grupo conhecido. Eventualmente são chamados para tocarem em festas, com *pocket shows* especiais. Já saíram em jornal, em TV, em rádio, e são sucesso nas mídias sociais. Ainda assim, se alimentam melhor por conta das moedinhas e notas pequenas que pingam na capa do violão.

## VAI TER JOGO

Era domingo de quase verão e o grupo estava programado para voltar à Alexander Platz. Foram os irmãos Blanco que intervieram. “Pepe, não vamos. Tem jogo. México e Alemanha pela Copa!” Pepe insistiu “Ora! Domingo é um dia bom demais pra gente jogar fora. Além do mais, os alemães vão estar felizes... Vão ganhar, beber e gastar mais pra bater foto com os mexicanos derrotados na estreia da Copa!” “Não sei, não, Pepe...” responderam ao mesmo tempo. Pois não foram. Pepe, então, vestiu sua indumentária, resoluto. Iria mesmo que sozinho. E sozinho foi.

Chegou à praça para encontrar uma multidão. Grande telão foi instalado para acompanhar o jogo. Os que ali estavam, ao verem a figura típica mexicana logo saudaram o honorável intruso. Bateu fotos, tocou seu trompete, emprestava seu

chapéu, que fazia as vezes de depositário de gorjetas. E nunca ganhou tanto dinheiro quanto naquele domingo. Pensava, “Ah, os Blanco... Tolos!”

A realidade de Pepe foi se alterando conforme o jogo evoluía. A Alemanha não encaixava seu jogo, enquanto o México era perigo puro. Os cordiais anfitriões agora o ignoravam. E o esquecimento evolui a quase animosidade quando o México fez 1 a 0 e Pepe tocou *El Jarabe Tapatío*<sup>1</sup> em alto volume enquanto vibrava com o gol. Alguns alemães, mais exaltados, pediram para que se calasse. Absoluta minoria, obedeceu.

A partida prosseguia, e nada da Alemanha se entender. Os minutos corriam, os germânicos pressionavam sem sucesso. A derrota absurdamente inesperada caiu como uma bomba no meio dos corações alemães.

## ALTERCAÇÃO

Foi quando um grupo de quatro jovens alemães se aproximou de Pepe. Visivelmente embriagados, falavam enrolado. O tom alemão, já naturalmente agressivo, estava um degrau além do aceitável. Falavam entre si, rindo. Assim foram empurrando Pepe até um gradil. Encurralado e solitário, deu-se conta de que nada poderia fazer se o grupo resolvesse que o jogo na Rússia seria vingado na mão. Parecia aquela ser a sua fortuna. O povo ao redor fingia não ver o que acontecia. “Ai, minha Nossa Senhora de Guadalupe!”

No zerar de suas esperanças, já de olhos fechados esperando o soco, abraçando o trompete para não perder seu instrumento e sua renda, viu o milagre operar. Da boca do metrô da praça emergiam os irmãos Blanco, que ao se darem conta do que se passava correram. Alcançaram Pepe e num salto se colocaram entre o seu líder a matilha de pastores alemães sedentos por sangue. Gritaram como fazem em suas apresentações: “LOS TRES AMIGOS!”

Como num faroeste em plena Berlim do século XXI, firmaram mirada em intimidação forçada. Pepe, redivivo, alinhou-se entre os irmãos. Disseram entre

---

<sup>1</sup> *El Jarabe Tapatío* é a música símbolo dos Mariachis, certamente a mais conhecida.

si, como uma mensagem de antes da guerra, aquela que diziam estarem prontos para o que viesse: “Por México!”

Foi quando ao fundo, em um espanhol macarrônico, um alto e pesado senhor alemão berrou num tenor fora do tom:

“De la sierra morena,  
Cielito Lindo, vienen bajando  
um par de ojitos negros,  
Cielito Lindo, de contrabando”

Foi secundado por mais algumas vozes que emendaram, timidamente entrando no ritmo, como que lembrando da letra:

“Ese lunar que tienes,  
Cielito Lindo, junto a la boca,  
No se lo des a nadie,  
Cielito Lindo, que a mi me toca”

A esta altura, um parco violão se ouvia e o guitarrón começou a ser dedilhado. A cada palavra, a população se aproximava e se punha ao lado dos três amigos, que já estavam longe de serem minoria.

No refrão, a catarse se fez. Todos se abraçavam e suas vozes engoliam os instrumentos:

“Ay, ay, ay, ay, canta y no llores,  
Porque cantando se alegran,  
Cielito Lindo, los corazones.”

Os mexicanos choravam, parte de alívio, parte de alegria.

Não se sabe ao certo em que momento grupelho valentão se dissipou.

Assim terminava o Domingo para Pepe e Los Tres Amigos se lembrarem para sempre. Aquele em que o lucro foi mínimo, o medo foi grande e ser mexicano em Berlim viveu seu auge pela transformação da derrota certa em vitória espetacular.



## O GRUPO B E A JUSTIÇA JUSTICEIRA

[Irã perde sem merecer da Espanha por 1 a 0, enquanto Marrocos é derrotada por Portugal pelo mesmo placar, mesmo sendo superior em campo.]

\*\*\*

Fala-se da existência da Lei do Retorno. De carma. De que pau que dá em Chico dá em Francisco. Que o que você faz com os outros um dia volta para puxar o seu pé. Assim tem sido a sina do Grupo B da Copa do Mundo.

Na primeira rodada, Marrocos teve a bola, os lances agudos, as chances de gol. Pressionou o quanto pôde o retraído e inofensivo Irã. O ímpeto marroquino foi colocado à prova aos 49 minutos do segundo tempo, numa bola despreziosa alçada em sua área, aparentemente sem perigo. Mas uma cabeçada contra a própria meta de seu zagueiro decretou a vitória do país persa, que terminou o jogo sem um arremate certo sequer ao gol adversário.

O Irã comemorou o gol da sorte, chorado e imerecido. Entrou na rodada seguinte para enfrentar a temida Espanha. Apesar do tumulto interno pré-Copa e a troca de técnicos, a Espanha tinha feito grande jogo contra Portugal na primeira rodada. O empate em 3 a 3 esconde o domínio espanhol na partida. Conquistou o território adversário com desenvoltura. Sofreu os gols nas únicas finalizações que foram na direção do gol de De Gea. Merecia ganhar, mas não levou, graças a um certo Cristiano Ronaldo.

Pois no embate, o Irã comportou-se como grande do futebol. Segurou-se teso na defesa, enquanto seus ataques levavam perigo à meta espanhola. Do outro lado, a Espanha sentia dificuldades de articular suas jogadas. Trocava passes como de costume, mas sem objetividade. Até que num lance fortuito, ainda no aquecer do segundo tempo, numa rebatida da zaga iraniana que tentava afastar o perigo, a bola explode na perna de Diego Costa e entra, fazendo o 1 a 0 definitivo a favor dos espanhóis.

Ah, que reviravolta espetacular do destino! Se no primeiro jogo o Irã vencia sem merecer, num gol sem querer, agora perdia sem merecer num gol igualmente sem querer. A lei do retorno desceu cravando sua flecha no peito

persa. Enquanto isso, a Espanha, que não venceu quando mereceu, agora vencia quando não fazia por vez. O equilíbrio, o Yin-Yang da bola, se estabeleceu.

No outro jogo, Marrocos enfrentava Portugal. Injustiçado contra privilegiado. Na alvorada da partida, Cristiano Ronaldo, sempre ele, martelou o 1 a 0 para os lusos. Os marroquinos não se deixaram abater. Tal qual na primeira rodada, pressionaram, dominaram e sofreram com a ineficácia de seus avançados. O tempo corria e nada do zero sair do seu lado do placar, o zero que eliminaria a seleção africana da Copa precocemente.

Como acreditar na justiça quando se faz por merecer duas vitórias e chega ao fim com duas derrotas? Quanto há de valer a vitória moral?

A Lei do Retorno, neste caso, foi jogada para escanteio, cobrado na cabeça do craque artilheiro. E está aqui a maneira de enxergamos a vitória portuguesa com olhos de merecimento por contexto. Um Yin-Yang torto, em que um lado alcançava quatro pontos mesmo merecendo ter zero, enquanto o outro dava adeus ao torneio com zero ponto, merecendo seis. No panteão da história, a bola na rede conta, e conta muito. Merecimento é também, especialmente sob a óptica do futebol de resultados, aquele que executa. Que penaliza e estufa. Marrocos acabou sendo o algoz do destino, que insiste em premiar a ética de trabalho do gajo, em mais um ano iluminado. Afinal, como dizer, em sã consciência, que alguma equipe que seja Cristiano Ronaldo mais dez não mereça a vitória?

Está, por fim, tudo em ordem no universo. E mesmo que se racionalize que alguém deveria ser sacrificado neste castelo de cartas da injustiça justiceira, materializada em fidelidade a Irã e a Espanha, favorável a Portugal e cruel a Marrocos, que este último se pergunte: "Tudo bem, entendo, mas justo eu?"

## ARGENTINA, AMOR E ÓDIO, PRAZER E CULPA

[Argentina, em exibição tenebrosa, é goleada pela Croácia por 3 a 0 e se complica na competição.]

\*\*\*

Manhã corria quando recebi notícias que meus filhos, felizes, pintavam em papel a bandeira da Argentina, onde moram. Faixa azul, faixa branca com sol, enfeitada com um boneco acenando ou o nome do país escrito, mais uma faixa azul. Estariam às 15 horas a postos, vestidos de alviceleste, prontos para torcer por nossos irmãos.

Esta cena, as fotos enviadas pelo aplicativo, recebidas sob lágrimas de saudade, me pôs a confabular, preparando-me para o extremo. O que será deste Argentina e Croácia? Como reagirei se nossos vizinhos forem mal? Afinal, ora, lá estariam meus filhos sofrendo pela derrota argentina, enquanto eu pularia de alegria na sala de casa? Ó, culpa, já chegando de antemão!

Hemos de confessar: temos um quê de inveja do futebol argentino. Pelos sofrimentos impingidos nas Libertadores, por terem muitas Copas América mais, por serem – acreditem, são – mais fanáticos e apaixonados pelo esporte, capazes de alçar Maradona, um anjo caído, um comum torto de humanidades, elevado à categoria de divino com direito a igreja própria. E, sádicos, têm Messi, o enviado extraterreno para mostrar que o que se praticava nos gramados de cá a lá até ali e acolá não passava de algo feito por juvenis e amadores.

Descontamos nossa pretensa raiva justificando-a na arrogância *hermana*. Convenhamos, haja paciência para aturar o sentimento de superioridade que é herdado de nascença do lado de lá da fronteira. Assim, não podemos nos furtar a saborear a derrota argentina como quase uma vitória brasileira. Iconoclastia é algo poderoso; quando direcionada à Argentina, então, é o nirvana. E confesso, imbuído de um tanto de culpa e um tanto de sorriso de canto de boca, ver a Argentina se estrepar me alegra.

Mas, rasteira do destino, lá está a cria, pintando de azul claro um pedaço de papel e gravando vídeos, vestidos de seleção rival, cantando “AR-GEN-TI-NA”. Sentimentos muito conflituosos tomam conta de mim.

Na tomada da câmera durante o hino, no protocolo pré-jogo, flagra-se um Messi de fisionomia abatida. Com aquela cara inconfundível de desmantelo desesperado, de “me tirem daqui que eu não aguento mais”. Quem viu, pensou o mesmo que eu: “lascou-se. Não tem jeito que dê jeito.”

Os próximos capítulos vieram mais sem jeito-que-não-havia do que o esperado. Pousou, pois, com requintes de crueldade. Depois de um primeiro tempo em que cada equipe trocou grandes chances perdidas, o segundo começou com o contestado goleiro Caballero pixotando em nível 02 <sup>2</sup>esbofeteado, pede-pra-sair, fazendo a Croácia abrir o placar. O sádico em mim saudou o sádico em todos ao redor, que comemoraram sem pudor.

A Argentina se perdeu. Messi era um fantasma em campo.

O segundo gol croata veio num chute colocado de Modrić. Os argentinos, fragmentados, partiram, como sói, para a tradicional pancadaria e intimidação. Foram premiados pela valentia fora de tom, pois num contra-ataque o terceiro veio, fácil, fácil. Goleada na Rússia.

Amigos, nessa hora, eu era a alegria em pessoa. Todo esse enredo é bonito demais para ser ignorado. Uma possível – e agora provável – eliminação na primeira fase de uma Copa do Mundo, depois de um vice, ousados!, aqui no Brasil, no nosso quintal. “Baixa a bola aí!”

Só que, veloz e rompante como um raio, a culpa se abateu: como estariam meus filhos? Ligo para vê-los. Nada. Sem retorno. Penso com uma pitada de desejo que o clima por lá esteja de tanto desalento que resolveram todos se desconectarem do mundo para sofrer em isolamento. Mais de meia hora se passa. Finalmente, toca o celular.

– Você ligou pra falar com os meninos durante o jogo?

– Sim!

---

<sup>2</sup> Em referência à famosa cena do filme Tropa de Elite durante o treinamento de novos recrutas do BOPE

- Ah, mas nem teria como falar. Eles foram pra escola. Aqui teve aula normal, nem viram o que aconteceu.

Qual o quê! Convoquei o Modrić e o Otamendi em mim para chutar a culpa para o mais longe possível. Posso agora, ao fim, aproveitar, sem remorso, sem fração de senões, o prazer imenso de ver Maradona atônito nas tribunas, Sampaoli correndo de um lado para o outro sem saber o que fazer e Messi pensando com seus botões como será bom se esse sofrimento acabar logo de uma vez. Como amamos odiar a Argentina!

## LEVANTA, NEYMAR

[Em jogo suado e complicado, Brasil bate a Costa Rica por 2 a 0, ambos os gols nos acréscimos do segundo tempo. Neymar é alvo de críticas por seu excessivo cai-cai.]

\*\*\*

Marcação cerrada. Linhas de defesa dos de branco encurtando os espaços. Os azuis do Brasil batiam contra a parede costarriquenha e cabeça entre si. Alguém passava do lado de Neymar, que ao sentir o vulto adversário, saltava ao chão, performático. O juiz nem aí. Levanta, Neymar!

William perdia uma bola na direita, Marcelo errava um cruzamento. Philippe Coutinho buscava, Gabriel Jesus acompanhava, mas nada de furar o bloqueio. Um zagueiro surgia por trás de Neymar, que ensaiava um duplo *twist* carpado se contorcendo de dor. Desta vez, falta. Levanta, Neymar!

Um primeiro tempo difícil de jogar, e ainda mais difícil de assistir. Jogadores saem cabisbaixos, cientes da produção abaixo da crítica. O país se vira para Neymar, a referência, que parece distante, abatido. Levanta, Neymar!

Com Douglas Costa em lugar do inexistente William, o Brasil volta mais incisivo. Tenta, insiste. Jesus, na trave. Coutinho, no goleiro. Depois Coutinho de novo, resvalando no zagueiro indo a escanteio. Num contra-ataque, a bola sobra limpa para Neymar, que ajeita o corpo e chuta firme... Para fora. Ele lamenta a incrível chance perdida, mãos no rosto, a decepção em pessoa.

O meio do 10 brasileiro rasga, outra vez. Próximo à lateral esquerda, sofre uma botinada do cintura-dura caribenho, e Neymar atravessa o campo rolando e gritando de dor até a lateral do lado de lá (beijo, Luciano do Valle). Tem-se a certeza: não era para tanto. Levanta, Neymar!

Até que, dentro da área, Neymar é puxado e cai. Pênalti para o Brasil! Ele mesmo se posiciona para bater, mas o VAR é acionado. O juiz, que apitou a marca da cal, retorna da cabina anulando a marcação. Os costarriquenhos comemoram, enquanto os do Brasil sequer esboçam reclamação. Estão seguros:

Neymar exagera. Passou do ponto. Abrir mão do gol para puxar um pênalti que não tinha sido é estupidez no mundo do árbitro de vídeo. Levanta, Neymar!

Alguém pega o brasileiro. Ele xinga em espanhol e em português palavras de baixíssimo calão. Neymar está nervoso, irritado. Certamente sabe que não corresponde. Talvez seja o tornozelo, talvez esteja preocupado com a campanha de lingerie da Marquezine proibida na Rússia, talvez a Receita Federal tenha ligado na noite anterior. É tanto motivo que não se sabe, que não se vê, a não ser a consequência: não está bem o brasileiro.

O time inteiro se desestrutura. Partem para o abafa. Os costarriquenhos, inspirados no exemplo de Neymar, fazem piscina do gramado de São Petersburgo. Exacerbam a catimba. Um brasileiro sopra na orelha, fratura exposta. Um passe mais ao fundo, estiramento muscular. Encostou, então, chama a ambulância e leva para o hospital que tem risco de vida. Enquanto isso, sentindo o toque, Neymar já estava preparado para o pulo acrobático pedindo falta, quando se deu conta que era o árbitro que lhe encostava o ombro. *"Don't touch me."*

A placa subiu para os 6 minutos de acréscimo. Depois da estreia errática, o segundo jogo não apresentava solucionática (beijo, Dadá). Mas num cruzamento, Firmino ajeita, Jesus amansa e Coutinho, nossa válvula de escape da mediocridade, abre o placar. Grita o Brasil, gritam os vizinhos, grita Galvão, grita Neymar! Aqui não é Argentina, não!

Cinco minutos mais tarde, um contra-ataque é puxado empurrando às cordas uma já entregue Costa Rica. Casemiro rola para Douglas Costa, o esperado titular absoluto daqui para frente, que vê Neymar correndo pelo meio. Ele entrega a glória, mansa, para que o 10 apenas empurre para o gol vazio. Dois a zero no apagar das luzes.

Neymar comemora, engasga numa lamúria contida. No apito final, sem se segurar, desaba. Mãos no rosto, chora copiosamente. Um choro desabafo. Sabe que o peso sobre ele é desproporcionalmente maior do que o dos outros. Sabe que, apesar dos saltos ornamentais em campo, é caçado, apanha impiedosamente. Sabe que os adversários tentarão tirá-lo do sério a todo

instante. Sabe que é admirado e odiado na mesma proporção. Sabe, sobretudo, que está no nível mínimo do que pode produzir.

O gol talvez tenha sido a gota d'água que vai liberar o craque monumental que indiscutivelmente é. Gol da redenção, que abre os caminhos, fecha o corpo e acalma a alma. E que faz com que ele veja, por fim, que agora é só ladeira acima. Levanta, Neymar!



## O CASAL ANTI-COPA ABALADO

[Brasil 2x0 Costa Rica]

\*\*\*

O convite dizia claramente: a partir das oito e meia. Era este o horário do *brunch* que aconteceria no apartamento varanda-gourmet-cozinha-americana de Jamile e Benício, o casal anti-Copa. Depois do sucesso da primeira rodada contra a Suíça, desta vez um tropeço levaria o evento a ganhar contornos épicos. Afinal, parar na Costa Rica frearia de vez o ímpeto de torcer pelo hexa que os alienados brasileiros já viram arrefecer cinco dias antes.

Os convidados apareciam com a alegria possível de quem madrugou na sexta-feira. Na farta mesa montada, réchaud de ovos mexidos com bacon, pães, doces, iogurtes, sucos, frutas. O toque luxuoso vinha pelas mimosas, que as mulheres bebericavam contando sobre a última viagem que fizeram a Miami, onde lá só se toma isso para começar o dia. Luxo mesmo é mimosa no *brunch*.

Às nove horas em ponto, estavam todos grudados na televisão. Dispostos onde havia lugar, acompanhavam com afincos a sonolenta partida. Comentavam, “como alguém gosta de ver isso?”, “esse joguinho horroroso é merecido pra quem perde tempo com besteiras”. Alguns estavam insatisfeitos e se viam tolhidos do argumento principal do grupo, afinal, a história de comparar IDHs e indicadores sociais não era válida, mal ranqueada nestes quesitos que é a Costa Rica.

Como sempre, cada pancada no Neymar era comemorada. Cada passe errado, celebrado.

No intervalo, o reabastecimento das mimosas foi feito. Os homens não entendiam se já era permitido beber aquela *lager* belga top gelada, pois nem dez horas da manhã eram. Comeram folgados os pratos de café-da-manhã americano, sonhando com as próximas férias que cada um torcia para ser antes da do outro, para fazer aquela inveja boa, motivadora.

Parte do bando ficou encucada quando William saiu para a entrada de Douglas Costa. Até eles, que não gostam de futebol e têm muito mais com o que se preocupar, sabiam que havia risco de o Brasil melhorar. Quem sabe até, heresia!, bate na madeira!, ganhar o jogo. Vade retro!

O Brasil foi ao ataque. A Costa Rica se defendia como podia. Bola na trave, zagueiro tira raspando, chute para fora.

Um se exalta. “O Neymar é o retrato do problema do Brasil. Todo mundo quer ser o maioral, o bam-bam-bam. Mas sem esforço, sem trabalho. Aí fica se exibindo, ostentando, e os alienados acham que o mundo é isso, que a vida é assim! E o empresário, que sofre com a violência, com assalto, com falta de gente que não quer trabalhar, com um governo que impõe uma carga tributária sem dar nada em troca? Esse aí o Jornal Nacional não mostra!” Foi aplaudido de pé. Dizem, inclusive, que Renata Patrícia, mulher do Maurício, sensível que é a temas sociais de verdadeira relevância, chegou a chorar com tanta verdade assim, na lata. “Cara, você tem que escrever isso no Facebook!”

Até que... pênalti para o Brasil. Os amigos estão paralisados, incrédulos. Tensão no ar. O VAR é acionado. O árbitro volta da tela da revisão, desmarcando a falta. Foi a senha para se renderem ao delírio! Pulavam em êxtase extremo. Riam da cara do Neymar uma risada ensandecida. “Arruma a cama pra ele deitar de vez!” Além disso, lembraram do jargão que já ganhava os quatro cantos do Brasil: “JUIZ LADRÃO! SAÚDE E EDUCAÇÃO!”

Os seis minutos de acréscimo pareceram não esmorecer a horda. Mas eles não esperavam o golpe tão rapidamente. Com o bico da chuteira, Coutinho empurrou a bola para dentro do gol de Keylor Navas. Gol do Brasil!

A discórdia foi instaurada quando o Carlão, amigo do Maurício, gritou “GOL, PORRA!”, segurando o “A” por mais tempo, no meio de todos. Foi instantaneamente fuzilado pelos olhares de reprovação de todos que ali estavam. O bafafá estava armado. A regra era clara: era proibido torcer pelo Brasil! Maurício tentou apaziguar os ânimos, protegendo o amigo. Se reuniram, um longo bate-boca foi instaurado. Dedos em riste, mulheres chorando, alguns virando o rosto das crianças para não verem tamanha baixaria. E no meio do rebosteio, a TV grita o dois a zero. Gol de Neymar.

O silêncio indignado, 'do Neymar NÃO!', foi interrompido por mais um grito de gol. Carlão já tinha meio corpo para fora da janela, gritando, secundado por tantos vizinhos não-despertos em igual estupor. Desta vez, Benício, dono da casa, foi incisivo. Exaltado, tratou de expulsar o visitante indigesto, pondo-o dali para fora. Carlão, não se fez de rogado, respondendo teimoso: "BANDO DE MALUCO! TÔ FORA, TCHAU PRA VOCÊS! Ô, 58 FOI PELÉ, E 62 FOI O MANÉ, EM 70 ESQUADRÃO..." Seu canto foi abafado pelo elevador que o carregava para bem longe dali.

O clima na sala ficou de velório. Maurício pedia desculpas pelo amigo. Jamile e Benício, atônitos, não sabiam bem o que fazer. Teceram, então, discurso para manter em alta o ânimo abalado do grupo que começava a se partir. "Não podemos deixar um caso isolado nos abater! Nossa causa é nobre e importante demais! Somos os líderes de algo que é muito maior que a gente! Hoje, mais do que nunca, precisamos extravasar nossa indignação. Não podemos permitir que a alienação tome conta deste país! Quem está com a gente?" Os amigos levantaram as mãos em apoio, alguns mais firmes que outros. Despediram-se com a promessa de inundar as redes sociais com suas palavras anti-Copa, em qualquer oportunidade que vissem.

Quando todos saíram, Jamile e Benício olharam-se, um tanto cansados, um tanto preocupados. Tiveram um brainstorm que trouxe uma ideia que seria colocada em prática no próximo jogo. Decidiram fazer mistério sobre o que era. "Vai ser uma surpresa que vai levar nossa causa ao estrelato!" Abraçaram-se.

- E o que vamos fazer com relação a Maurício e Renata Patrícia?

- Simples. Não serão convidados. Temos que escolher melhor as nossas amizades.

## ALEMANHA E O CHEIRINHO

[Alemanha, que perdeu na estreia contra o México, precisava ganhar da Suécia para manter-se viva no torneio. Conseguiu o triunfo na bacia das almas, alcançando o gol da vitória por 2 a 1 aos 50 minutos do segundo tempo.]

\*\*\*

Toni Kroos se prepara para a cobrança. Ao seu lado, quase na risca da lateral direita da grande área sueca, Marco Reus, autor do gol de empate. Esperam pelo apito do juiz autorizando a cobrança aos quase 50 minutos do segundo tempo. Área lotada de alemães, todos menos o goleiro Neuer, que teve permissão negada pelo técnico Joachim Loew para se aventurar na tentativa do gol da salvação. Alemanha jogava com um a menos desde a expulsão de Boateng e ainda teve um jogador substituído no primeiro tempo por conta de um nariz quebrado num lance fortuito. O empate praticamente decretava a eliminação de uma das maiores instituições do esporte mundial.

Aqui no Brasil salivávamos pela consumação da derrocada alemã. Afinal, um 7 a 1 em pleno Mineirão não poderia passar impune. Os efeitos colaterais do maior desastre da história do futebol brasileiro pareciam atingir também a Argentina, finalista derrotada no Maracanã. Por um fio, mantém-se viva, respirando por aparelhos, correndo sério risco de se ver eliminada na fase de grupos, o que não acontecia desde 2002 e aquela frustrante seleção de *El Loco* Bielsa. Se já ter a Argentina na berlinda era maravilhoso, ter também a Alemanha então era o auge!

Toni Kroos rola a bola de lado. Marco Reus a deixa imóvel, segurando-a contra o tapete verde com a sola da chuteira. Cumprida a sua função, afasta-se para deixar o espaço livre para Kroos, que num movimento seguro, martela a redonda.

O histórico alemão nas primeiras fases de Copas do Mundo é praticamente impecável. Nunca deu adeus ao torneio no formato de grupos. No longínquo ano de 1938 experimentou sua única eliminação em primeiras fases, numa Copa feita apenas de mata-matas. Em pleno auge nazista, os alemães

sucumbiram nos pênaltis diante da Suíça, depois de empate por 1 a 1 no tempo normal. Aquele cheiro de eliminação precoce contra a Suécia seria um capítulo tenebroso no vencedor futebol germânico.

Quando o 8 de branco chuta, o esperado cruzamento não vem. Um apressado sueco sai da barreira de dois homens para evitar o arremate direto. Cuidadoso, procura manter os braços grudados no corpo. Um pênalti da eventual derrota seria fatal para a Suécia. O empate garantia que os nórdicos brigassem por um ponto apenas contra o líder México na última rodada, carimbando o passaporte dos dois à próxima fase, deixando os alemães para trás.

E em matéria de derrotar gigantes a Suécia estava escolada. Sobreviveu às eliminatórias europeias num grupo com França e Holanda, este último ficando de fora da festa na Rússia. Na repescagem, seguraram a Itália com o mesmo ônibus estacionado na frente de sua área que agora os alemães tentavam transpor. Alemanha seria apenas mais um, por assim dizer. Só que a Alemanha nunca é um qualquer.

Cair na fase de grupos de uma competição gera consequências severas. Assim foi quando em 2000, seguraram a lanterna de sua chave na Eurocopa. O trauma foi transformado em reconstrução. Um extenso programa de evolução de centros de treinamentos, capacitação de profissionais, implementação de tecnologias de suporte, unificação de táticas nas categorias de base foi cumprido à risca. Apenas dois anos depois estavam numa final de Copa do Mundo. Viveram a dor novamente em 2004, mas o caminho estava pavimentado para evitar que este desdobramento jamais se repetisse. E assim se fez. No mínimo, a Alemanha alcançou as semifinais de todas as competições que disputou.

Quando a trajetória da bola apontou o canto esquerdo do goleiro sueco, o cheiro subiu. O cheiro do receio sueco de que um gol alemão no crepúsculo do jogo jogasse por terra suas pretensões. O cheiro da esperança inabalável dos alemães que sabem que a Alemanha sempre chega. O cheiro do extravasar de um Toni Kroos que se redimia de seu erro que deu origem ao gol sueco. O cheiro da história de uma equipe que nunca deve ser renegada. Respeita os caras! E ali ela se aninhou, serena com a placidez da certeza recoberta.

Alemanha segue viva, vivíssima. Com grandes chances de se pôr no caminho do Brasil já nas oitavas, num duelo de titãs que poderá sacudir o planeta.

## PANAMÁ E O LEGÍTIMO GOL DE HONRA

[Panamá é impiedosamente goleado pela Inglaterra por 6 a 1. Mas o gol de honra, marcado com o placar já apontando 6 a 0 para os europeus, teve reação inesperada... e linda!]

\*\*\*

A primeira fase da Copa do Mundo é uma rica construtora de narrativas. Para o olhar em primeiro plano, a glória é a premissa, seja ela conquistada ou surrupiada. Às margens do estrelato, no entanto, moram as melhores histórias, carregadas de humanidade. Aquelas de gente que sabe o seu tamanho, longe das cifras megalomaniacas, longe dos holofotes. De gente que sustenta seus pequenos prazeres em metas simples, quase anedotas quando comparadas à grandiosidade dos objetivos estelares de seus adversários.

A classificação inédita do Panamá para a Copa da Rússia já havia sido motivo de comoção nacional, com direito a feriado referendado pelo Presidente. Na ocasião, a torcida invadiu o gramado com a confirmação do acesso, numa manifestação épica da transcendência do futebol, que se abre muito além das quatro linhas.

Já em solo russo, o primeiro momento mágico veio junto com as lágrimas do capitão Torres e o canto em brados patriotas de uma nação. A bandeira exposta, o hino tocado e recebido com alegria em lares de todo o planeta. As apostas, a partir dali, no imaginário coletivo, valiam para aquele que marcaria o primeiro gol panamenho numa Copa do Mundo. As fichas eram depositadas nos veteranos artilheiros que protagonizavam um duelo particular. Empatados, buscariam o tento que além de entrar para os livros como o primeiro do selecionado em Copas ainda elevaria o marcador ao estrelato da artilharia-mor da Seleção.

Quando neste Domingo se perfilaram ingleses e panamenhos pela segunda rodada, que mais poderia importar? Ali estavam eles, os pequenos, com elenco que vale uma fração ínfima do que é calculado para apenas uma estrela inglesa, Harry Kane. O valioso atacante inglês não se fez de rogado. Eficaz, executou o

truque do chapéu, um, dois, três só para ele, quatro, cinco, seis para os súditos da Rainha. O que seria vergonha para tantos outros, era júbilo aos da América Central. Quantos são aqueles que poderão efetivamente dizer que representaram o Panamá numa Copa? Ninguém antes, quantos depois?

Aos 32 minutos do segundo tempo, falta apitada na intermediária esquerda de ataque. Bola a ser levantada na área. Subiriam todos, pois. Por Panamá! Contavam com uma eventual distração da defesa inglesa, já satisfeita com a goleada que impunha. Na cabeça dos onze em campo, os sonhos de criança realizados, o gol, o grito da torcida. A honra da vida eterna que se ajusta ao tamanho das pretensões. Cada glória de acordo com as possibilidades.

Alçada a bola, coube a Baloy empurrar para as redes o legítimo gol de honra. As arquibancadas vibraram, os panamenhos e afins se derreteram. Eram, pois, capazes de beliscar a Inglaterra, numa sapequice juvenil, num ardil infantil, numa realização de que se orgulharão para sempre. O pouco para quem se acostumou com nada é muito.

Ariano Suassuna dizia que em volta do buraco tudo é beira. No futebol, buraco é exceção. A maioria é beira, em terreno, em quantidade, em contagem. O Panamá inteiro é beira e se engrandece com aquilo que somente a ele cabe quantificar. O Panamá sou eu, é você, é um infinitésimo, é alguém buscando seu lugar ao sol e um segundo de reconhecimento.

É impossível não se emocionar com a catarse genuína dos pequenos. Com o êxtase que não é feito de planos, mas de sonhos de dias melhores. É humano demais para não ser dignificado com a honra máxima de um gol de gente como a gente.



## A VOLTA DO NOVE-NOVE

Quando Guardiola efetivou Messi como falso nove, uma nova tendência no futebol foi criada (ou teria sido Zagalo em 1970?). O centroavante clássico, o nove-nove caiu em desuso. Queria-se atacantes móveis, exercendo múltiplas funções, tal qual a Holanda de 74. Tanto que Fred, o 9 brasileiro em 2014, parecia obra de museu naquela que consagrou duas seleções que seguiam os ensinamentos do fenômeno catalão.

Em 2018, no entanto, podemos estar assistindo a uma evolução do nove-nove, que parece estar voltando com força ao futebol. Não com as mesmas características de antes, mas tendo efetivamente incorporado as novas funções que incluem movimentações inteligentes, passes inesperados e recomposição defensiva. Se por um tempo estas pareciam ser o exigido do avançado, agora são aliadas e complementares a um faro de gol apuradíssimo. Peguemos os casos daqueles que lideram a artilharia na Rússia.

A ressurreição do nove-nove-plus começou quando Cristiano Ronaldo foi deslocado da ponta esquerda para ser a peça central da ofensiva do Real Madri. Na nova posição descobriu uma precisão nos arremates que o tornou num dos maiores artilheiros de todos os tempos. Tanto que nos últimos anos, enquanto assiste a uma queda na produção de Messi, empilha bolas de ouro e títulos. Diego Costa se naturalizou a pedido dos espanhóis, carentes justamente nesta posição. Lukaku, com história de vida emocionante, amadurece a olhos vistos e é a peça central do potente ataque belga. Por fim, Harry Kane, o jogador de futebol mais valioso do mundo, virou uma máquina de fazer gols.

Talvez a busca por alternativas ao centroavante clássico surgiu pela falta de bons nomes por um breve período. Ao mesmo tempo, pavimentou a criação de um novo perfil de jogador, mais completo. Alcançar as demandas de um fora-de-série vêm com um pacote de exigências adicionais que incluem desde um físico privilegiado até inteligência acima da média.

Atesta-se, assim, a impermanência do futebol. O que hoje vale, amanhã não vale mais. Mudará para uma versão 2.0 turbo, de acordo com o que surgir em

seu tempo. Se antes vimos a morte do nove-nove, abria-se apenas o processo seletivo para buscar um nove-nove-plus. Um exemplo deste vai-e-vem é a contratação de Luis Suárez, ele mesmo um nove-nove-plus para jogar no Barcelona.

Se Pelé não era da posição – assim como Messi, mas melhor entender que nem deste mundo eles são –, os Ronaldos, os Romários, os Just Fontaines, os Leônidas, os Gerd Muller, os Mario Kempes, os Batistutas, os Paolo Rossis e tantos nove-nove-plus que desfilaram pelos gramados da vida se sentem realizados e felizes. Mesmo os nove-nove mais tradicionais, aqueles cuja função era de empurrar para dentro como desse, veem-se honrados por estes fenômenos que fazem fila para brilhar na Rússia. Pode-se reinaugurar uma tendência. Desde 1978, a única vez em que um artilheiro de mundial teve mais de 6 gols foi justamente Ronaldo Fenômeno em 2002.

Em 2018, Harry Kane larga na frente com 5 gols em 2 jogos. Ronaldo tem 4, assim como Lukaku. Com 3 gols, Diego Costa está empatado com o ponta russo Cheryshev, um intruso no grupo. Vamos acompanhar quem chegará ao topo no fim do torneio, tanto como artilheiro máximo do certame quanto com o título. Por enquanto, sabemos que podemos contar com a pontaria infalível do novo nove-nove-plus do futebol mundial.

## ONDE FICA A TRIVELA, QUARESMA?

[No empate em 1 a 1 com o Irã, Quaresma lança mão de seu recurso mais conhecido, o chute de trivela, e marca para Portugal.]

\*\*\*

Diz-se que um jovem Mauro Galvão, recém-promovido aos profissionais do Internacional, batia bola num dois-toques. Titubeia num lance, perde a bola e é repreendido por Falcão, o genial meia, dono do time. “Dá de bico!”, gritou Falcão, para que Mauro, zagueiro que deveria jogar de fraque, respondesse “Onde fica o bico?”

Se o bico é o recurso principal dos que levam à risca a sina de ‘bola pro mato que o jogo é de campeonato’, outras formas de bater na bola são mais raras. Como um peito de pé num sem-pulo, uma cavadinha na saída do goleiro, ou ainda os três dedos que enchem a redonda de efeito e magia.

No caso deste último, não duvidem, é tarefa realmente para poucos e fortes. Porque o recurso de encaixar a trivela não oferece média, tão somente as pontas. Ou a vergonha absoluta pela demonstração da falta de habilidade pelo chute que pega na orelha da bola, indo em direção totalmente oposta à pretendida, para ser alvo de chacota; ou o toque perfeito, que dosa beijo e tapa na bochecha da bola, fazendo-a rodopiar numa rotação em seu próprio eixo e ensaiar um movimento de translação em torno de um sol imaginário que ela circunda.

No Olimpo dos deuses da trivela em Copas do Mundo, o Brasil tem a sua cota. Nelinho em 78 na disputa do terceiro lugar pintou duas curvas no mesmo petardo. E quem não se lembra de Branco contra a Holanda na Copa de 94, naquela falta em que até Romário se encolheu para não atrapalhar aquele que seria o gol da classificação à semifinal?

Lançar mão da trivela exige coragem. Lance para atuação, pois. Há um no mundo, entretanto, que faz da trivela o seu passe comum. Alguém que nasceu promessa de craque, mas cresceu bom jogador com uma dose de decepção.

Havia nele grande potencial. Misturando tratamento exemplar da bola com espírito guerreiro, Quaresma logo se transformou no rei dos três dedos.

Só que Quaresma excedeu a prescrição. Os três dedos passaram a ser a massa, não a cereja do bolo. Ainda paga o preço por rebuscar jogadas simples, três dedos quando a linha reta seria preferível. Talvez devamos enxergá-lo como uma espécie de artista que fez da trivela a sua assinatura, o seu traço característico inconfundível, o seu produto mais aperfeiçoado.

Só que de vez em quando a trivela encaixa. Como hoje no gol que abriu o placar para Portugal frente a um brioso Irã. Fora do eixo, o corpo posicionado se contorce para que o lado de fora do pé direito estabeleça-se entre tapas e beijos com a pelota, fazendo-a ter-se com a rede do lado de lá. Nesta hora, todo o resto se liquefaz e se gaseifica, sobrando apenas o extrato, o óleo essencial dos três dedos perfeitos.

Quaresma é o expoente maior de uma arte malandra, que não aceita mediocridade, que só premia os mais e os tais. Se alguém no mundo, um comum do lado oposto da classe de Galvão, houver de perguntar “onde fica a trivela?”, chama o Quaresma. Que nem ele, não há.

## TALEMI E A FANTASIA DO QUE NÃO É

[Irã e Portugal empataram em 1 a 1 pela última rodada do Grupo B. Irã ainda teve nos pés de Talemi, aos 49 minutos do segundo tempo, a chance de virar a partida e garantir seu avanço ao mata-mata.]

\*\*\*

Apita o árbitro o fim do jogo. Era aquele resultado uma das mais zebras em toda a história da Copa do Mundo. Uma virada histórica. Por 2 a 1, ambos os gols nos acréscimos, o Irã batia armada de Portugal, com Cristiano Ronaldo em campo. Os repórteres se acotovelam no pique para buscar a primeira palavra do autor do gol. Ajoelhado no centro do gramado da pequena Saransk, Talemi chora de alegria, enquanto é abraçado por colegas de equipe.

Contra ele vê câmeras e microfones sendo empurrados, gente gritando em diversos idiomas. Não sabia se sorria, se chorava se falava ou se calava. Proferiu em persa as palavras que varreram o mundo inteiro: “cuidem de nossas crianças!” O mundo noticiava o feito iraniano em contraste com a decepção lusa e o precoce adeus de Cristiano Ronaldo à competição, depois de um começo avassalador. O rosto de Talemi era manchete e notícia estampada onde quer que houvesse transmissão.

Na concentração pós-jogo, viveu as benesses de ser a celebridade da vez em um time peão. Buscavam comida, bebidas, tinha prioridade nas massagens. Conseguiu um quarto só para ele, a suíte máster, oferecimento da federação local. Havia tanta alegria pelo momento que inveja não se abateu sobre ninguém. Pelo contrário, sentiam-se todos em dívida pelo petardo de esquerda que aos 49 minutos do segundo tempo venceu Rui Patrício e estremeceu a nação.

Tendo alcançado pela primeira vez o mata-mata de uma Copa do Mundo, a delegação iraniana foi recebida em carro aberto em Teerã. A Talemi coube honrarias dignas de um chefe de estado. Dançou em bailes no Palácio do Governo. Foi convidado a festas e cerimônias secretas dos *illuminati* persas. Famoso e desejado, emendou propagandas em sequência, entrevistas. Assinou

contrato de longo prazo por alta quantia em grande clube da Europa. Já não gastava, tudo lhe vinha em bandeja de prata, ofertas bondosas recheadas de gratidão.

Humanitário, criou fundações, ensinava inglês para crianças carentes, construía casas nas áreas não-nobres para os necessitados. Foi cortejado para ser político, a representar o Irã no mundo. O que quisesse era seu, bastava pedir! De tanto se sentir nas nuvens, pensou em ter com Alá e reivindicar as suas virgens em vida, afinal, podia. Ou não? Via-se no avançado da idade, sentado em uma ampla sala de sua mansão, por onde seus netos corriam, mas que agora se sentavam atentos, ouvindo com cuidado a história em que o avô foi maior que Cristiano Ronaldo.

Tudo isso passou num flash quando Talemi se preparou, pé esquerdo na bola e chutou-a para a meta portuguesa. Viu sua vida como seria, como imaginava, como sonhava. Era aquela a sua vez. Seu chute potente comprimiu-se contra os gomos da rede lusa..., mas pelo lado de fora.

Desiludido por ter somente a si para culpar pelo empate que desclassificava – menos pela eliminação esperada, mais pela oportunidade desperdiçada de se tornar estrela – Talemi então desabou no gramado e chorou copiosamente. Suas lágrimas eram a chance perdida, a uma em um milhão que todos os mais-ou-menos do mundo esperam, se esvaindo, esvanecendo, desaparecendo. Cada gota era um trecho do sonho que por uma brevíssima fração de segundo foi em fantasia, para desmoronar em realidade. Avançaria Ronaldo, por fim, ainda maior que Talemi.

Continuaria ele, afinal e provavelmente, um ilustre desconhecido. Restaria voltar à labuta da batida constante dos trabalhadores contumazes, rumo ao próximo continental, à próxima eliminatória, à próxima Copa. Entenderia que haverá de voltar para o seu quase anonimato, o que, comparado à glória em filme diante de seus olhos de logo antes, terá o gosto amargo e salgado de uma lágrima vertida somente para dentro. Lembraria depois de ter que encarar os olhares amuados dos companheiros que confiaram em sua finalização derradeira para que alçassem juntos voos maiores. No quando, abaixará a cabeça, evitando o assunto, torcendo para que esqueçam, para que passe como

se nada tivesse acontecido. Cada um sabe a dor e a delícia de ter sua chance. O cavalo passou selado, esteve em suas mãos, mas ele falhou na monta.

E se alguém um dia perguntar como seria a vida daquela seleção se o gol saísse, Mehdi Talemí provavelmente em silêncio permanecerá, mas teria substância para dizer que viveu aquela fugaz realidade fantasiosa num átimo mais veloz que um piscar de olhos. E era lindo.

## A INVASÃO ARGENTINA DE SÃO PETERSBURGO

[Argentina bate a Nigéria por 2 a 1, com gol salvador de Rojo e se classifica às oitavas-de-final da Copa do Mundo.]

\*\*\*

Nos jogos de estratégia das guerras já lutadas, São Petersburgo - uma vez Petrogrado, outra, Leningrado -, encravada no Golfo da Finlândia, era alvo e fetiche dos invasores. De mais fácil acesso que Moscou, foi capital até 1918. Vinham os oponentes pelo noroeste europeu. As ofensivas em território russo consagraram o General Inverno, que aniquilou fronteiras e sacrificou vidas, protegendo a terra.

Os tempos são outros, mas os bravos argentinos ignoraram o histórico e puseram-se em movimento. Com o verão russo a seu favor, buscaram trens, carros, ônibus, aviões e o que mais houvesse rumo à capital cultural da Rússia. Em seus peitos, o orgulho que transborda sangue alviceleste. E suas mentes a necessidade de apoiar Messi e seu bando. Além disso, apenas a vitória interessava e tinham eles planos de ficar mais uns dias por ali.

Transportaram, assim, o clima de Libertadores para dentro dos comedidos ares russos. Esquentaram o ambiente em brados que saíam do estômago, com volúpia, com fervor. Assumamos, brasileiros: é a Argentina o verdadeiro país do futebol. No que os bons ares emanados dos calculados vinte mil argentinos dentro do estádio, fora outros tantos sem ingresso nas imediações, contagiaram o grupo.

Messi espantou o semblante preocupado para um focado. Longe das cabras da propaganda, acarinhado pela massa, estava visivelmente mais leve. Pois num lance magistral, como sói ser de sua lauda, dominou lançamento com classe superior, adiantando a bola sem deixar cair para o pé ajeitar jogando-a ali mais para a frente, tirando do alcance do zagueiro, abrindo o ângulo para o arremate cruzado que abriu o placar. Correu um aliviado Messi para o abraço da horda que via sua meta sendo cumprida. Vamos, Argentina!



O problema é que o bando de Messi, no sentido organizacional do futebol é, enfim, um bando. Na volta do intervalo, o trôpego Mascherano fez pênalti tolo, prontamente marcado pelo apito turco. O gol doeu fundo na alma de todos os argentinos, onde quer que estivessem. Viram depois a Nigéria dominar, perder gols, não sofrer riscos. Di Maria outra vez mal, Higuain quem?, Dybala plantado no banco. O contestado e desarranjado Sampaoli caminhava de cá a lá na área técnica. Talvez na mexida do esqueleto viesse a epifania que ele implorava por não ter a mínima noção do que fazer: “e agora?”

O relógio corria, a torcida argentina não se calava, Maradona proferia caras e bocas canastronas. A tensão era notada, sentida, inalada. Sairia por cima uma vez mais São Petersburgo, que nem invasão de torcida permite sem destroçar quem ousa suplantá-la.

Os jogadores em campo perdiam a cabeça. Não havia mais técnica, ou tática, muito menos lógica. Partiram para o abafa, no peito, na raça, com Mascherano sangrando, com pressão no árbitro, com gente chorando, com desconfiança, com certeza, com esperança.

Um cruzamento da direita, aos 43 do segundo tempo, depois de mais uma bola afastada pela zaga nigeriana, encontrou a defesa um tanto desajustada. No que Rojo, desajeitado e desengonçado lateral esquerdo argentino, canhoto e canhestro, fazendo as vezes de centroavante, pegou de direita em cheio, num sem pulo destinado apenas ao fundo das redes.

Catarse. Escândalo. Espetáculo. Maradona mandando o dedo para o mundo. Sampaoli pulando solitário comemorando a salvação do próprio pescoço. Já o de Rojo era montado por Messi. Vibração eufórica da torcida que substituíra a tensão de antes pela alegria incalculável de agora. O choro doce da vitória, o grito incontido, as veias saltadas. O corpo era a expressão máxima de um povo para quem não existe *pecho frío*.

Se o clima desde a largada era o de espelhamento de Libertadores, o enredo reservou contornos épicos. Um clímax maravilhoso escrito a punho pelos deuses do futebol. Triunfo com luta, com suor, com sangue, com dificuldade, com herói improvável, com Bombonera e com Monumental. Celebra-se de Jujuy à Tierra del Fuego, de La Quiaca a Ushuaia, a superação de um grupo por

muitos tido como perdido. Abriu-se, por fim, a exceção histórica para a glória dos invasores em São Petersburgo, que se rende, sucumbe à massa e se submete a uma Argentina que é grande demais.

## ALEMANHA, BRASIL, BARBA, CABELO E BIGODE

[No mesmo dia, a Alemanha, algoz brasileiro em 2014, perde da Coreia do Sul e dá adeus precocemente à Copa, enquanto o Brasil bate a Sérvia por 2 a 0 e avança em primeiro em seu grupo.]

\*\*\*

O dia 27 amanheceu travestido de sexta-feira. Todos leves, de sorriso em riste. Um feriado improvisado em pleno meio da semana. Era, pois, pois, dia de Brasil em campo pela Copa do Mundo. Alegria de tantos, menos dos startupeiros e mal-humorados de plantão que saem por aí a fiscalizar o *joie de vivre* de quem quer apenas motivo para ser feliz. E aos que se vestiram de verde e amarelo, o dia foi completo. Barba, cabelo e bigode, e se for interesse da freguesia, depila outras partes também.

### ALEMANHA

Começou com a Alemanha, a mensageira de traumas passados, a temida, a destemida, mistura de bicho-papão com o boi da cara preta. Só que monstros do armário não existem, são invenções de nossa cabeça. No que os verdes germânicos relembraram a estreia. Com futebol claudicante, não pressionavam a frágil Coreia do Sul de maneira a levar perigo. Mas quando os orientais iam para cima... Era um sassarico louco, não que de rebolado entendam os asiáticos, mas as duras cinturas europeias não eram capazes de conter.

Do lado de lá, a Suécia batia o sempre surpreendente México, seja positiva ou negativamente. Se os primeiros dois jogos foram exemplares pelo selecionado da terra de Zapata, neste último, enganados pela certeza injustificada da vaga garantida, o oposto se fez. No que os suecos se aproveitaram e fizeram a festa. Um, dois e um terceiro que entrará nos livros como um dos mais bizarros gols contra de todas as Copas.

Os mexicanos dependiam de a Coreia segurar a pressão alemã. A ofensiva dos comandados pelo desmelecado Loew era enfadonha. É fundamental abrir um

parêntese para o caso do técnico germânico. Claramente fora de foco, lutava bravamente contra um desejo incontornável de remover aquela catota<sup>3</sup> que desde a estreia lhe incomodava as narinas. Não estavam os alemães no máximo de suas forças. A Coreia percebeu a distração e num movimento passe invertido de Kroos, abriu o placar. Depois, com Neuer fazendo as vezes de meia esquerda, uma estilingada do campo de defesa culminou no gol de Son.

A portentosa Alemanha, atual campeã, caía na fase de grupos da Copa do Mundo pela primeira vez em sua história. Que mancha! Adeus comemorado no Brasil como uma espécie de vingança por aquela semifinal de quatro anos antes. (Bate na madeira!) Faltava confirmar a seleção canarinho sua vaga à próxima fase.

## BRASIL

Com Miranda envolto em sua faixa de capitão, a expectativa era de não sofrer. Questionava-se se a zaga brasileira seria capaz de conter os gigantes sérvios nas bolas aéreas. E eles levaram perigo. Uma ou outra vez, não mais que pouco. Para que o desafogo viesse dos pés de Philippe Coutinho, sempre ele, em elevação aos pés de Paulinho – seja bem-vindo à Copa, Paulinho! – em cobertura para as redes. A tranquilidade haveria de baixar.

Baixou também o ritmo de jogo. Que sonolento ficou, devagar, quase parando, tal qual Willian. Até que se deu a inversão total do que os embaixados analistas (desculpem-me o erro grave de concordância) aludiam. Foi de cabeça, no meio dos altos sérvios, que Thiago Silva escorou o segundo do Brasil. Sem choro nem vela, estava sacramentado: Brasil em primeiro, sem arranhões.

Na próxima segunda-feira, no profético horário das onze horas da manhã, Brasil e México lutarão por vaga nas quartas. Feriadão de hoje a tanto, fim de semana mais que prolongado. Viveremos manhã sem labuta, expediente só depois das 15 horas, e mesmo assim com as protocolares duas horas de resenha garantidas na CLT. Enquanto isso, na Bahia, esta terra de gente que entende de feriado como ninguém, se adianta desde já e há muito e faz bater o feriado de

---

<sup>3</sup> Joachim Loew virou chacota mundial ao ser flagrado tirado catota do nariz e depois comendo-a. Nas câmeras em 2018 via-se sua luta em manter-se “limpo”, evitando repetir a nojenta cena.

calendário com o facultativo, juntando a fome com a vontade de comer (água). Nesta seara de overdose de futebol, o fim-de-semana começou hoje e termina lá, com as quartas-de-final no prato. Estatisticamente falando, adversário melhor que o México não há, eliminado nas oitavas em todas as Copas desde 1994.

Passaremos este íterim com a alma lavada e enxaguada. Pois chorando se foi quem um dia só nos fez chorar. Aqui se faz, aqui se paga. Vencemos sem sustos e avançamos, apesar de Willian, apesar de um sumido Neymar, apesar de um inoperante Gabriel Jesus. Para cada um do lado de cá da tela, que acompanha e torce, resta jogar na conta da mística da amarelinha, da organização tática de Tite, de um Coutinho salvador. Cravar que foi a cueca da sorte, o patuá de corpo fechado, o amuleto que nunca falha, exceto quando não dá certo. Joga e vai. Porque está tendo Copa demais e o Brasil segue vivo e forte. Com a Alemanha eliminada. Agora, se vira Argentina, que sua hora há de chegar. Hoje eu quero é me esbaldar!

## O CASAL ANTI-COPA E O CAIR PRA CIMA

[Brasil 2x0 Sérvia]

\*\*\*

Depois do revertério sofrido no último encontro, Jamile e Benício, o casal anti-Copa, foram muito cuidadosos. Montaram esquema para fugir das constantes perguntas de Maurício e Renata Patrícia sem eles perceberem que eles estavam sendo excluídos. Excluir pode, desde que não pareça. “Imagem é tudo, por isso nunca bebemos Sprite.” Costumam dizer eles.

Decidiram após o evento de cinco dias antes, quando o Brasil bateu a Costa Rica e o grupo teve a primeira baixa, que era necessário algo mais contundente. Para os que ficariam, montaram surpresas que, estavam certos, elevariam o espírito cívico-patriota e faria sumir “essa presepada que se chama Copa do Mundo”. Apresentavam orgulhosos a estrutura pensada em cada detalhe. Cada companheiro de luta que chegava ganhava um tour pela instalação.

Na sala, o Romero Brito mudou de lugar e deu vez a um belo retrato em preto e branco de Ricardo Amorim<sup>4</sup>. Embaixo, num adesivo, lia-se, “se todo brasileiro fosse que nem Ricardo Amorim, o Brasil seria uma potência econômica.” Na sala, sobre a mesinha de centro, brochuras que listavam as emendas e decisões judiciais que aconteceram durante a Copa e ninguém ficou sabendo, chamado “Guia básico contra a alienação”. A principal atração, no entanto, era uma colorida piscina de bolinhas montada na varanda-gourmet do apartamento. Cada criança que chegaria, ganharia uma camiseta amarela e uma faixa para a testa escrito “Cai, Neymar!” Neste item, pode-se dizer que acertaram em cheio. As crianças se esbaldaram!

O ambiente era de contagiante clima fúnebre. Antes do apito inicial, Jamile e Benício, o casal anti-Copa, resolveram reforçar a única premissa do grupo: proibido torcer pelo Brasil!

---

<sup>4</sup> Em diversas postagens no LinkedIn, Amorim emitiu comentários contra a Copa como fator predominante para o bom caminho do país.

Os gigantes sérvios eram exaltados. Seu sentimento patriótico, enaltecido. “Mas e as guerras?”, alguém perguntou, no que replicaram, peito estufado de estudo prévio para os questionamentos, “um mal menor que os homens de bem devem estar preparados em nome da pátria!”

Mas aí o Philippe Coutinho resolve dar um arco no ponto futuro, encontrando Paulinho cortando a defesa sérvia pelas costas dos zagueiros. Ele deixa a bola quicar, e com a ponta dos pés, perna esticada ao máximo, toca por cima do goleiro. Gol do Brasil. Assim, meio de supetão, sem jogada que foi crescendo. Pá, pum, gol.

O grito de gol do narrador empolgou as crianças, que pularam na sala com a camiseta do Neymar. Alfredo Luís logo correu para acudir seu filho Pedrinho, que era Neymar desde criancinha e se esgoelava até cair. Levou-o para a varanda, de onde fez ouvir uma bronca reparadora, que o infante engoliu sem entender. “Agora fica quieto, cai um monte que nem o Neymar e nada de torcer pelo Brasil!” Voltou para a sala todo-todo, cheio de si, pai modelo, sendo recebido com um olhar apaixonado de sua esposa e uma bicota respeitosa para não chocar ninguém com cenas de desnecessárias demonstrações de amor.

O intervalo veio com o Brasil na frente, Sérvia sem oferecer perigo. As crianças saltavam na piscina gritando “vai, Neymar!”, no que eram corrigidas instantaneamente, “é CAI, Neymar!” Não adiantava. Repetiam, corrigiam, repetiam, corrigiam, mais vez e outra. Essas crianças e seu teimoso destemor! Via-se a hora de alguém perder a paciência e a cabeça.

Os adultos, encostados no balcão da cozinha americana repleta de móveis planejados, abriam a geladeira para mostrar as cervejas artesanais que tinham levado, aquela *weiss* topzera, inclusive a safra especial de uma cervejaria da família do Herbert, “receita de meu tataravô alemão”, em papo que ninguém caía, porque de alemão ele tinha apenas o nome, mas de sobrenome era Silva até a oitava geração.

Discutiam como o Brasil poderia perder praquela Sérvia. “Deixa o Willian. Não joga nada mesmo.” “Isso! E coloca o Renato Augusto ou o Taison, pra ter mais gente ruim jogando.” O papo virou uma ampla resenha, todos envolvidos e dando opiniões, uma mais abalizada que a outra, sobre como o Brasil poderia

piorar. Jamile e Benício olhavam de longe, achando aquilo estranho. Por um momento comentaram entre si se aquele acalorado debate poderia ser confundindo com estarem discutindo com sinal trocado sobre o jogo do Brasil – se somos proibidos de torcer, criemos inconscientemente um jeito de circundar isso e falar mal para falar de. “Não, não é possível.” disseram eles.

“Vai começar o segundo tempo!” Sentaram-se ali dispostos. E a Sérvia foi para cima. Atacava, chutava, “uh!!!”, reagiam, fãs. Sorriam, “agora vai!” Mas não foram. Porque num escanteio, Thiago Silva subiu mais que os tais gigantes balcãs, testando para dentro o dois a zero. As crianças saíram correndo dos brinquedos e pularam em polvorosa comemorando o gol, se abraçando. “Foi do Neymar?” perguntou o Pedrinho, que foi puxado pelo braço com uma desmedida brutalidade, “vambora.” Os outros pais sequer tinham força para repreender os seus.

O grupo estava #xatiado. Afinal, nem a oportunidade para soltar o seu bordão tiveram. Em plena quarta-feira em que alguns tiveram que deixar seus escritórios de empreendedores que são, não teve “JUIZ LADRÃO! SAÚDE E EDUCAÇÃO!” Lúgubres ficaram até que o árbitro encerrasse o martírio e estivesse consumada a classificação do Brasil aos mata-matas. Jamile e Benício não sabiam o que fazer. Comentários sobraram:

- Que tempo perdido! Uma tarde de trabalho jogada fora pra quê? Pra continuar essa patacoada!
- Exato! Pra ter mais jogo, mais alienação!
- Será que nosso esforço vai ser em vão?

Jamile e Benício se levantaram. Líderes habilitados que são, “completamos um curso maravilhoso de PNL e construímos um plano detalhado para superar nossas fraquezas com um coach super humano”, teriam de tomar a palavra.

- Gente! Nosso papel já deveria estar claro para todos. Somos educadores! Somos influenciadores! Se cada um de nós conseguirmos 5 pessoas, e essas 5 pessoas conseguirem mais 5, em breve todo o Brasil vai estar com a gente!
- Mas isso não é pirâmide?



- Uma pirâmide do bem! Avante!

A despedida foi discreta. O moral estava baixo. Tanto que afetou até mesmo Jamile e Benício. Sempre renitentes, tropeçavam na vontade.

- Calma, amor. Vai ficar tudo bem.

- Não sei. Temo pelo país.

- O que eu posso fazer para que você melhore?

- Ah... Não faço ideia.

- Que tal aquele textão que só você sabe fazer e que eu adoro?

- Você sabe mesmo como me animar, né?

Levantaram rumo às telas de seus celulares e computadores, prontos para colocar um carro pipa de água fria na celebração de tantos. O Brasil caiu para cima, mas eles, mártires, não falhariam em impedir que efetivamente caísse para baixo e subisse pelo seu chamado de despertar.

## NA MINHA MATEMÁTICA, SENEGAL

[Senegal perde a Colômbia por 1 a 0. Simultaneamente, o Japão é derrotado pela decepcionante Polônia pelo mesmo placar. Empatados em todos os critérios, os asiáticos superam os africanos no critério de números de cartões amarelos e avançam à próxima fase.]

\*\*\*

Como se mede carisma? Como se mede simpatia? Tivesse eu que criar um indicador, partiria para o ISLOQ: Índice de Sei Lá O Quê. Aquele que se calcula na base do achismo, do sentimento, da vontade de abraçar. Sabe como é? Não tem fórmula fixa, use como o quiser, na mais perfeita implantação do MSLC, o Modo Sei Lá Como.

Em se tratando de *je ne sais quois*, a seleção de Senegal tinha para dar e vender. Mas 'jenessequá' não se vende. Sequer se sabe o que é, afinal. Então a distribuição era gratuita, em ação o que elevava ainda mais o valor do produto, que não era produto, que não tinha valor de face, a não ser o valor de até onde sobe na sua barra do ISLOQ.

A nova e vanguardista métrica envolve futebol aberto, junta dança no aquecimento, engloba sorrisos, adiciona colorido, considera torcida, roupas, cantos, brilho no olho. E mais um monte de coisa que eu nem faço ideia, porque subjetividade não aceita apontamento.

Na comparação de ISLOQ entre as seleções, está cristalino. Se a Copa do Mundo fosse decidida em carisma, não haveria dúvida. O favorito disparado, campeão incontestável, seria Senegal. Tudo bem, o contexto colaborava. A gélida e pálida Polônia, cabeça-de-chave sofrível, alimentava o desejo de que os outros do grupo avançassem.

E houve concorrência forte. Afinal, o que dizer desta Colômbia, nossos vizinhos sul-americanos com jogadores e laços estreitos com o Brasil? Como não se encantar com a dança caótica e espasmática de Mina, que se tivesse dormido

no colchão de Marcelo<sup>5</sup> ganharia três hérnias de disco e ficaria sem mexer por uns quatro meses? Foram para cima, sem James Rodriguez, amarelinhos como bate o coração brasileiro. E como não gostar deste Japão que buscou resultados empinando o nariz, abusado que só, vestido de azul como a cor do mar que envolve a ilha?

O dilema estava montado na frieza do só-passam-dois: um deles estaria fora. E a última rodada começou com os empates classificando o Japão em primeiro e Senegal em segundo. Os *cafeteros* davam adeus à competição, mas tudo poderia mudar com apenas um gol. E ele veio.

A Polônia, a insossa europeia, estilingou o Japão, porque podia, porque sim, porque tinha um resquício de honra a fazer vez. Pronto, mudou tudo. Agora Senegal passava em primeiro, Colômbia em segundo, Japão fora. Mas tudo poderia mudar com apenas um gol. E ele veio.

Mina subiu mais alto que a zaga verde e pôs a Colômbia na frente, porque podia, porque devia, porque depender dos outros é erro estratégico. Fizeram onda na comemoração – conta muitos pontos no ISLOQ –, seguraram o ímpeto senegalês. Só que embaralhou o grupo e ao extremo. Agora, Colômbia era líder, Japão e Senegal empatados em segundo. Mesmo saldo, mesmo número de gols, confronto direto empatado. A classificação dum ou doutro seria decidida no número de cartões amarelos. Ora, inédito!, *fair play* como fiel da balança. E os asiáticos, mais disciplinados, prevaleceram.

Só que no meu ISLOQ particular, o Japão despencou quando abdicou de jogar bola no fim do jogo contra a Polônia. Modorrentos, saíram justamente vaiados, com o advento do regulamento debaixo do braço. E já que a arbitrariedade opinativa é a tônica do mundo das redes sociais, levanto motim contra essa tecnicidade que de futebol nada entende, porque fria em números e vazia em alma. *Fair Play*, não! Institua-se, já!, o ISLOQ como critério de classificação. Porque na minha matemática, deu Senegal na cabeça.

---

<sup>5</sup> Marcelo, lateral-esquerda da seleção brasileira, saiu contundido por espasmos nas costas, atribuindo culpa ao colchão em que dormia no hotel.

## BÉLGICA E A INCRÍVEL FAÇANHA DE GANHAR TUDO SEM MOSTRAR NADA

[Bélgica e Inglaterra chegaram à última rodada classificadas. Viam que quem perdesse teria pela frente a chave teoricamente mais tranquila até a final. Assim, ambas entraram com equipes totalmente reservas, jogando para perder. Mesmo assim, a Bélgica prevaleceu ao ganhar por 1 a 0.]

\*\*\*

A “geração de ouro”. A melhor de todos os tempos do país. Times ricos se estapeando para contratar seus jogadores. Técnico tal dizendo que fulano é o melhor do mundo. Tanto fuzuê, tanta zoada, tanta lambeção que, olha, acreditemos que uma mentira dita mil vezes se torna verdade. No mundo da pós-verdade de agora, basta distribuir no Whatsapp que pronto!, é fato incontestável. Assim, na insistência, sem lastro, lenço ou documento, a Bélgica virou favorita a levar para Bruxelas esta Copa do Mundo.

Viu-se navegando águas tranquilas e amenas num Grupo G que alocou Panamá e Tunísia para que brincassem de jogar bola, enquanto a tormenta era guardada para o último jogo contra a Inglaterra, valendo a liderança, ora, pois. E assim se fez. Lukaku virou artilheiro, Harry Kane ultrapassou. Tunísia até ofereceu certa resistência ao selecionado inglês, o Panamá até se protegeu por um tempo contra a Bélgica, mas sucumbiram, como havia de ser. Só que, mais a mais, os duelos contra os fracos africanos e caribenhos não querem dizer nada sobre a qualidade da equipe.

Veio, enfim, a partida final, tão aguardada. Era um tal de *analytics* para cá, gráficos de regressão, coisa de supercomputadores, coisa para ser adquirida por milhões de dólares e um real de BIG DATA<sup>6</sup>. Até porque, valendo pontuação máxima na escala dilmarousseffiana de nada com nada, quem ganhasse perderia, e vice-versa. Isso porque, atestam, a chave de lá-além do Brasil é mais fácil que a de cá-com-a-gente. Isto posto, o segundinho pulava

---

<sup>6</sup> Na Bahia, diz-se muito “quero minha arte em dinheiro e um real de Big Big”. Big Big é uma bala-chiclete sabor tutti-frutti, conhecida por ser oferecida como troco nos comércios.

fora do caminho brasileiro, aninhando num mata-mata que só tem quase-chegas e a Espanha.

Com tanto número e planilha, especialistas que já traziam a expectativa desde antes: jogo previsivelmente chato. E não foi por falta de aviso. Roberto Martinez, técnico da Bélgica, declarou dando o tom da música. Às aspas: “Temos que competir bem, mas nossa prioridade não é vencer.”

Aqui se fala, aqui se faz. Não podemos dizer que falta palavra honrada ao técnico belga. E num grande gesto humano, seu companheiro inglês de profissão aceitou a oferta e arremedou o tal. Nessa leva, um saiu com 8 reservas, outro não se fez de rogado e tratou logo foi de botar 9 suplentes em campo.

Na base do desentrosamento fuleiro, era um tal de não querer jogar de um lado com uma preguiça do outro, um rame-rame lascado. Em vez de bola, batata quente. Fosse o estádio de Kaliningrado uma fábrica de linguiça, nunca seriam enchidas tantas nesta edição, exceto, talvez, naquele enfadonho França e Dinamarca.

Era, decerto, um jogo sofrido. Especialmente aos que pagaram ingresso. Depois da soneca e de checar as mídias sociais, a torcida vaiava, queria jogo. “Mas pra quê essa agonia, gente?” pensavam os atletas em campo, classificação garantida.

Só que aí veio o segundo tempo e o show de horrores teve o seu ponto alto. Aos 6 minutos, o belga Januzaj inaugurou o marcador para os vermelhos. Atleta que certamente terá sua desobediência punida severamente pelo líder. A prioridade não era aquela, afinal! Mas, mais do que isso, o destaque foi a comemoração maravilhosa do centroavante reserva Batshuayi. Depois do gol, talvez revoltado pela rebeldia sem causa do companheiro, pegou a bola para chutá-la violentamente dentro do gol. Errou o alvo – como provou ser esta sua principal qualidade, perder gols feitos, com selo Deivid de qualidade – meteu na trave, no que ela, a bola, já de saco cheio de tanta violência desmedida, voltou para dar-lhe um lindo soco na cara. Foi o que teve de melhor na pelada.

Não é nada, não é nada, não é nada mesmo. A Bélgica conseguiu a incrível façanha de ter a melhor campanha da primeira fase, mas esconder o jogo completamente. Jogou contra ninguém e quando contra alguém sacou o time

todo. Assim, a dúvida permanece: Do que são capazes? Até onde podem chegar?

Difícil cravar. Certo, apenas, a minha torcida efusiva pela Colômbia contra a Inglaterra e a vontade gigantesca de ver a Bélgica cair nas quartas contra o Brasil. E se perguntarem a Martinez uma vez mais sobre sua equipe, poderá dizer, com ar de profexô, gato-mestre do nó tático, que se trata de “esconder o jogo pra enganar o adversário”. Problema será se enganar os seus próprios atletas, que são bola, mas que ainda não tiveram teste à altura de sua aura de favorita.

## CRISE DE ABSTINÊNCIA NUM DIA SEM COPA

[O dia 29 de junho foi o primeiro na Copa da Rússia sem qualquer jogo transmitido.]

\*\*\*

O alarme apitou logo cedo. Levantei ainda com o corpo um pouco sobrecarregado pela overdose de futebol. Tomei um banho, escovei os dentes. Saio para a sala vazia, minha mulher já tinha seguido para o trabalho. Silêncio.

Ligo a televisão na expectativa. Na tela, um programa de amenidades matutinas. Acho estranho. Insisto. Mudo para os canais de TV a cabo. Uma mesa redonda. Replay. VT. Tudo o que já tinha visto. Nada de novo no ar. Silêncio. Vazio.

Um certo dismantelo toma conta de mim. Como se o efeito do entorpecente estivesse passando, a vontade continuasse intocada, e a sacrista voz que emana do retângulo iluminado avisa: hoje, só amanhã.

Os efeitos no meu corpo depois de 15 dias consecutivos de partidas e 48 jogos são nítidos. Estou, sem questionar, viciado. Zapeio na base do desespero, crise de abstinência no talo, como se, sorrateiro, um *rematch* entre Senegal e Japão fosse pintar para decidir o desempate, ou tivesse um campeonato entre os eliminados como prêmio de consolação que estivesse fora do radar da grande mídia. Mas, não. Nada.

O jornal mostra a previsão do tempo, mais pratos de comida, jogadores brincando com os filhos. Clima de descontração e alegria, algo nível Sessão da Tarde, leve, para passar o tempo e recheiar a programação. Uma lágrima solitária escorre.

Passo, então, a garimpar algo que eu tenha deixado escapar. Um lance não visto, uma cena excluída pelo diretor, um depoimento que aguardava horário mais apropriado. No esgotar do querer, na corda bamba da dignidade, me arrastando em busca de um trago, encontro um tanto de resto. Haveria, enfim, de me saciar. Num patamar muito acima da expectativa. Coisa linda. Mais que

a canastrice de Maradona, mais que a auto-bolada de Batshuayi. Mais, mais, mais.

Senegal e Colômbia. Jogo decisivo. Valendo vaga. Momento primordial que exige a mais alta concentração, a mais elevada motivação, dedicação total. Escanteio para a Colômbia. O camiseta número 5 senegalês, Gueye, se posta na primeira trave. Ah, Gueye, esse menino...

Como legítimo trabalhador pernal já um tanto cansado da chefia opressora, Gueye se escora na primeira trave. Indiferente, cola a mão na cintura. "Tô nem aí!" A bola viaja na cobrança. Gueye poderia acender um cigarro, tomar um gole de cerveja. Olha para o lance com aquele desprezo de "me deixe".

Mina, zagueiro colombiano, cabeceia para o gol. A bola vai entre Gueye e o goleiro. Nem esboço de reação. O arqueiro pula para evitar o tento que significaria a eliminação africana. Ao seu lado, Gueye vira a cara. Finge que não é com ele. "Tô de atestado!" A bola entra, a Colômbia celebra. Caberia a Senegal correr atrás do gol que não viria.

Que cena demasiado humana. Como não amar um Macunaíma redivivo? No palco em que se esperava a entrega máxima, o sacrifício sobrenatural, Gueye era a representação do oposto. Vai ver estava sol demais, vai ver era insurreição contra o sistema, vai ver tinha outras prioridades, "preciso voltar logo, minha mulher está reclamando que faz dias que eu não apareço em casa". Vai ver que sei lá, bichos, simplesmente não estava a fim. E de boas, "Não sou obrigado. Ai, que preguiça..."

Fez meu dia.



## DESPEDIDAS E AZAR DA COPA DO MUNDO

[No mesmo dia 30 de junho, a Argentina de Messi e Portugal de Cristiano Ronaldo, os dois melhores jogadores de futebol da atualidade, são eliminados por França e Uruguai, respectivamente. Pode ter sido a última participação de ambos em Copas do Mundo.]

\*\*\*

Quem cravou a frase foi Fernando Calazans, comentando sobre o fato de Zico não ter sido campeão pelo Brasil: “Azar da Copa do Mundo.” O meio-campista da enfeitada seleção de 1982 se juntava a outros geniais deuses sem título como Di Stefano – que sequer disputou uma edição –, Puskas, Roberto Baggio, Platini e Eusébio, entre outros.

Lionel Messi e Cristiano Ronaldo, os dos maiores expoentes do futebol nos últimos 10 anos, ícones máximos de uma geração, parecem fadados a se juntarem a este grupo. Conquistaram pelos seus clubes tudo o que poderiam. Craques incontestáveis em números, em fãs, em troféus e em admiração. Mas em palco FIFA, se veem destinados a saírem zerados.

Esta edição russa da Copa do Mundo parece ter unido os dois artilheiros num desenrolar que nenhum deles gostaria de passar. Igualados pelo destino, separados por nuances que recaem sobre atributos subjetivos, e um ou outro mais direto. As coincidências são muitas para serem ignoradas.

Chegando à Rússia, viam-se isolados em genialidade dentro de equipes que não estavam próximos ao patamar elevadíssimo que se acostumaram a exercer. Capitães, líderes técnicos de elencos limitados. Passaram pela primeira fase no último jogo, na bacia das almas, de maneira sofrida, chorada, expondo feridas de equipes mal estruturadas.

Chegaram às oitavas para passarem em branco e se verem eliminados no mesmo dia. Se pela vantagem mínima de um gol, se despedem com justiça. Passaram em branco, para frustração de cada nação que colocou todas as fichas no seu herói.

Embora torçamos para que retornem em quatro anos, Lionel Messi estará com 35 anos no Catar. Cristiano Ronaldo com 37. Certamente estarão longe de seus auge físicos. Terão provavelmente deixado seus papéis de protagonistas para trás. Este adeus na Rússia tem saudade e resignação. Messi olha pelo retrovisor com a impressão de que sua hora e sua vez passou há quatro anos, no Brasil. Ronaldo sequer tem espelho retrovisor para mirar, como se nunca tivesse efetivamente tido sua chance – ou como se todos os seus espelhos refletissem apenas ele.

Ao menos poderão dizer que o adeus vem em dois grandes jogos de futebol. E num combinado sem acerto, num acordo sem assinatura, arquitetado apenas pelo acaso, caiu nas mãos de Messi a transferência do reinado. Não que na esfera clubística se vejam sob a mira de militantes sedentos por glórias individuais. Não estão, e quando parece que alguém chega, repelem com força e uma temporada exemplar. Que o diga Cristiano Ronaldo, vencedor nos últimos 3 anos e favorito ao quarto na sequência. Mas estamos falando de Copa do Mundo.

No 4 a 3 espetacular entre França e Argentina que mandou para casa nossos hermanos, Mbappé roubou a cena. Apesar dos poucos 19 anos, foi um veterano em campo. Rápido, habilidoso, fez valer a fortuna gasta pelo PSG para tirá-lo do Monaco há um ano. Coroou sua atuação de gala com dois gols. O primeiro desde um tal de Pelé, no tão-tão distante ano de 1958, a marcar duas vezes em um jogo de mata-matas com menos de 20 anos em Copa do Mundo.

Na partida derradeira de um mito, o bastão parece ter seguido para ele. A juventude de Mbappé como perpetuação da maravilha que é o futebol. E no caso de Messi e de Ronaldo, se não ganharam uma Copa do Mundo, com o perdão da repetição, efetivamente, azar da Copa do Mundo.

## TOCA PRO LADO QUE O JOGO É DE CAMPEONATO

[Rússia e Espanha empatam em 1 a 1. A dona da casa avança ao bater os ibéricos nos pênaltis.]

\*\*\*

Diz-se que o sueco Alfred Nobel, inventor da dinamite, ao ver sua invenção ter destino não nobres, sofreu. Arrependeu-se, “ah!, estes humanos limitados...” Para tentar apaziguar sua culpa, criou o prêmio Nobel, destinando uma portentosa quantia<sup>7</sup> a diversos estudiosos nos mais variados temas como incentivo à criação.

Na mesma linha, diz-se que Santos Dumont, inventor do avião, ao ver sua invenção sobrevoando a sua Paris como arma de guerra, sofreu. Alguns historiadores chegam a atribuir sua morte a um profundo desgosto. “Ah, estes humanos limitados...”

Hoje, ao ver a Espanha e um burocrático e inócuo tiki-taka, certamente Guardiola sofreu ao deturparem sua visão. Como sofreu qualquer ser que assistiu a uma partida modorrenta, lenta, sem porquê. Munidos do mais poderoso espírito de Parreira, aquele em que o gol é um mero detalhe, a involução do esquema catalão criou nova forma de jogar o futebol. Algo de vanguarda.

O que poucos percebem é que, na verdade, o jeito espanhol de praticar o futebol tem como estratégia vencer o oponente pelo tédio. E, como bônus, ainda poupa os jogadores, que nem precisam se esforçar muito. O negócio é tocar e tocar até seu a defesa derrubar. Não subestimemos o poder de um bocejo.

Em ânimo equivalente ao ritmo de cinema iraniano, a uma entrevista com o Suplicy ou a um programa de humor do Multishow, é tudo parte de uma grande atuação pautada em técnicas avançadas de hipnose. “Durma... Durma... Durma...” Funcionou. Quem viu, dormiu.

---

<sup>7</sup> Hoje de 1 milhão de dólares.

Os ibéricos seguiam fiéis à tática do professor. Toca aqui, toca ali, toca acolá. Os russos nem aí. Toca mais, toca lá, toca uma para mim! Os russos montaram mesa no gramado, tomavam um *borscht* discutindo a vida. A chuva veio e todo mundo pensando nas roupas no varal. E os espanhóis ali, toca e vai, toca e fica, toca que eu toco, se recusando a tentar quebrar a linha defensiva da Rússia. Era o clichê repaginado: “toca pro lado que o jogo é de campeonato”.

O empate óbvio seguiu para a prorrogação, para protesto de todo o planeta. Tortura ninguém aceita! Dependesse de mim, um par ou ímpar e pronto!, resolvido. Ou pega o critério de cartões amarelos e aplica ali, na hora. Ou então, como num reality show, tira logo os dois de uma vez, questão de merecimento, traz de volta um eliminado qualquer, depois de escolha dos jurados. Lança votação por SMS, entre no site e vote em quem passa, VOCÊ DECIDE!

Mas os quadrados de terno donos do regulamento, este rebanho de gente enfadonha que quer que o mundo se acabe em comedimento e moderação, resiste. Prorrogação e pênaltis, sim senhor!

Revolta! Revolta! Onde estão os *black blocs* nessas horas? Onde está aquele reserva impertinente que manda uma banana para a lei e a ordem e dá o caminho da emoção? Cadê o VAR que cancela tudo, remarca o jogo e troca o futebol por uma gincana do Caldeirão do Huck valendo a reforma do CT? Cadê, minha gente? Cadê a criatividade?

Entre mortos (nenhum) e feridos (ninguém), perderam todos. Principalmente o tempo, duas horas de um toca-toca-e-não-invoca. E mais um cabeça-de-chave, tido como favorito nas bolsas de apostas se despede. Desta vez, sem história bonita, sem deixar saudade. Devem estar até agora na base do deixa-que-eu-deixo. Finalmente, há destino em seu tocar: “Motorista: toca pro aeroporto!”

## O BRASIL NO 2 DE JULHO

Atesto e dou fé. Registrou-se. Foi selado, carimbado avaliado e rotulado no Diário Oficial da Resenha Soteropolitana, publicado no boca-a-boca na última quarta-feira por volta das 17 horas de relógio. Definia-se que a próxima fase do hexa-que-virá cairia em pleno 2 de Julho, a verdadeira independência do vai, Brasil. E que, por consequência, ora, mas quá!, que era feriadão deste então até lá, sem interrupção.

No que o baiano aceitou a regra auto legislada já preparando o isopor abastecido para todo o tempo. Na esteira do ponto facultativo transformado em feriado oficial, aproveitemos a licença para beber desde antes das 10 da manhã, para acordar sem despertador, para reunir a galera e torcer pelo Brasil.

Alguns sequer de despertador precisarão. Reunidos desde a véspera, nem conviverão com a culpa de comer uma água lascada desde cedo, porque nem pararam. Diz o lema dos torcedores fervorosos, cantado em repente e canto de arquibancada, “não precisa nem de mote / jogo em feriado só na base do virote”.

É benefício em demasia. Chuta-se a escanteio o banzo tradicional das noites de domingo, trocado pelo Olodum cantando de galo no raiar do dia.

Em vez de buzinas no trânsito caótico, as vuvuzelas apitam seu berro rouco e sem tom. Cerveja e torresmo no café. Feijoada para secar a Bélgica. É dia de Brasil, pois, pois! Tudo o que sai é axé, é confluência astral, são bons fluidos.

Está no hino de nosso estado, este país chamado Bahia:

“Nasce o sol a Dois de Julho,  
brilha mais que no primeiro.  
É sinal que nesse dia  
até o sol é brasileiro!”

Não só ele. O sol é brasileiro, Deus é brasileiro, Neymar é brasileiro, Jesus – o Gabriel – é brasileiro.

E já que estamos falando de Bahia, berço efetivo do país e origem da vida – quem duvida é bairrista –, terra onde os absurdos já têm tantos precedentes que viraram o comum, chegamos a celebrar, aliviados, que o aeroporto não se chame mais 2 de Julho, para não dar sopa pro azar e parecer que o destino da Seleção nesta data seja um avião de volta pra casa. Ufa!

Para costurar um enredo que beirasse o fantástico, melhor seria se as bolinhas do sorteio hoje pudessem reservar Portugal em nosso caminho. Já pensou? Poesia demais! Cachoeira seria o centro energético do planeta. Tite vestiria roupa de armada, assinaria Maria Quitéria na coletiva.

Mas veio o México. Não importa. ‘Tá tendo Copa demais. Para nós, vale o clima de “já ganhou” que pegou a todos de jeito. Vale já pensar na Bélgica nas quartas, mesmo antes de um e de outro passarem pelas oitavas. A gente é torcedor, já projeta um 7×1 contra a Rússia na final como vingança de tabela. Vale baixar músicas de mariachi como trilha sonora pós-jogo. Vale Boneco de Olinda do Chaves na televisão. Vale pintar a rua de última hora, ficar rouco, abraçar o cunhado no gol. Vale o que vier, vale o que quiser. Vale tudo.

Vale especialmente a independência da realidade, cruzar a porta do armário que leva ao mundo da fantasia e viver ao máximo o espetáculo do futebol.

## CHORANDO NO PÉ DO CABOCLO

[Brasil vence o México por 2 a 0. Pós-jogo foi caracterizado pelos exagerados protestos mexicanos.]

\*\*\*

A Prefeitura da Cidade de Salvador e a Polícia Militar estão sem saber o que fazer. A intensa movimentação de pessoas no Campo Grande tem causado transtornos. Acontece que desde a semana passada, estrangeiros armaram acampamento improvisado na praça. É tanta gente que chegou a atrapalhar o cortejo do 2 de Julho na capital baiana. Quem passa pela região, ouve o lamento choroso, a lamúria reclamona no Pé do Caboclo.

### INVASÃO ESTRANGEIRA

Carlos Queiroz, o técnico iraniano, foi o primeiro a chegar. Gritava contra a arbitragem, queria mais 15 minutos de acréscimos além dos 5 dados pelo árbitro, que não vieram. Em seguida chegou Cueva, “ah, seu eu faço aquele pênalti...” Os nigerianos vieram completos, “foi por tão pouco!” A Alemanha também colou na corda do lamentar sorumbático. Por fim, Senegal aterrissou indignado, “por cartões amarelos? Isso lá é critério que valha?”

Foi aglomerando mais gente.

Cristiano Ronaldo pagou uma visita. Apareceu como de praxe: sozinho. Em seguida chegou ele, Messi, também sozinho. Sampaoli tentou aparecer, mas foi impedido pelo atacante argentino. Ficou do lado de fora do portão, implorando, “*Pulga, lo puedo pasar?*”

Iniesta apareceu rapidinho, só para dar um alô. Com aposentadoria da seleção anunciada, aproveitou para vender as benesses da retirada e da venda de planos de previdência para Messi e Ronaldo. “Vocês vão adorar esse negócio de não jogar mais pelo país. Imaginem o tanto de verões livres daqui pra frente!” Ambos parecem ter se encantado com a proposta. Schmeichel se intrometeu de surpresa. Dizem que trocou passagem de última hora com o

croata Modrić. E para ainda hoje mais tarde estão previstas as chegadas de mais duas delegações inteiras. O Japão e sua pueril inocência deve chegar já, já. Mas a mais chegada mais aguardada é a da seleção do México.

Esquemas de segurança estão sendo montados para que Layún, o botinado mexicano que entrou para pegar Neymar como desse, virou alvo principal da intentona internauta nacional. Além de Layún e todo o escrete mexicano, estará presente também Juan Carlos Osório, que como bom aprendiz da linguagem boleiro-brasileira, deu adeus sem admitir derrota merecida, mas sim a articulação de juízes e conspirações internacional. “Se vocês soubessem, ficariam enojados!”, repete Osório, a todo tempo, a todo custo.

## **PROBLEMA OU OPORTUNIDADE?**

Mas toda crise também é oportunidade. Aproveitando-se da situação, alguns baianos têm oferecidos serviços customizados ao gosto da freguesia e faturado um extra que vem bem a calhar no orçamento. Torcedores de Bahia e de Vitória, letrados em matéria de chororô, organizaram workshop de “Técnicas infalíveis de como chorar no Pé do Caboclo: resultado garantido ou seu choro de volta.” A programação inclui mesa redonda com botafoguenses e diretoria palmeirense. Dizem que a sessão mais aguardada é a palestra com advogados do Fluminense.

o mesmo tempo, outra abordagem que tem dado lucro é vender colchões. Quem se aventurou, está comemorando. Como é o caso de Osvaldo, vendedor de uma loja de colchões da região. “Rapaz, é só falar pra eles ‘vá chorar na cama que é lugar quente!’ que eles abrem a carteira. E pagam tudo em dólar ou euro, dinheiro vivo, na hora. Tô rico! E o mais doido é que nem choram desconto. Vai entender.” Empreendedorismo, a gente vê por aqui.

## **PRÓXIMOS PASSOS**

Perguntada sobre que atitudes pretendem tomar, tanto Prefeitura quanto Polícia Militar resolveram que era melhor deixar assim mesmo. “Hoje foi de



jogo, tá todo mundo numa água da zorra, e você querendo mexer com gringo chorão? Além do mais, fique quieto que ninguém lhe bole.”

Eventuais chegadas adicionais permanecem no radar das repartições. “A gente tem que manter o efetivo em operação, especialmente se a Inglaterra for eliminada amanhã. Rapaz, aí vai ser uma chiadeira danada, uma zoadada desgraçada. “Tá todo mundo de plantão rigoroso.”

Ainda segundo o chefe da Polícia Militar, o fluxo de peregrinos da choradeira só deve se normalizar depois do dia 15, dia da final da Copa do Mundo. “E é melhor que venha o hexa. Senão o Brasil todo não vai caber no Campo Grande. Aí não vai ter Pé do Caboclo que dê jeito..”

## O CASAL ANTI-COPA E O ARRIBA, MÉXICO!

[Brasil 2x0 México]

\*\*\*

A decisão sobre ter ou não a festa na segunda-feira, 02 de julho, foi tomada não sem muito peso na consciência. Jamile e Benício, o casal anti-Copa, sofreram. Afinal, como apoiar tão arduamente um país exportador de gente querendo ganhar a vida no grande e otimizado Estados Unidos? Ficaria manchado o discurso com a tinta inlavável da hipocrisia?

Debateram enfaticamente. Olharam por cima e por baixo, pelos lados, por fora e por dentro, procurando porquês e inconsistências. Ao final, empenharam-se em manter sua brava luta de protestar contra a Copa do Mundo. É preciso quebrar alguns ovos para se fazer uma omelete. Providências cabíveis para amenizar a situação foram tomadas. Para não envergonhar o grande líder, o irmão Amorim – ave, Ricardo! –, removeram seu quadro, dedos e mão apoiando o queixo com um ar de intelectual inegável. Imaginaram que ele passaria mal só de ver tanta terceiro-mundice junta. Brasil... México... Argh!

Mais uma vez anfitriões de uma sonora festa em seu apartamento, capricharam. Primeiro, por conta do novo corte de gente. Desta feita, todos aqueles com crianças foram excluídos.

- Cambada insolente! Tudo bem ser criança, mas eles têm que saber o lugar deles!

- Isso aí é criação. Coisa de pai e mãe fracos.

Mais do que a ultra seletividade recém ampliada, o cardápio estava delicioso. Tacos, burritos, feijão ao chili. Tequilas foram compradas, mas como bons brasileiros, eram misturadas em caipirinhas mexicanas feitas com adoçante. O que eles de antemão sabiam que seria alvo de controvérsias era a troca da cerveja. Substituição: saem as *lager* topzera da Bélgica, vinham as aguadas mexicanas, com direito a limãozinho dentro e guardanapo no gargalo para não molharem os preciosos dedinhos de seus convidados, sem esquecer da

enroladinha na ponta. Quanto zelo! De decoração, uma caveira enfeitada ganhava destaque na mesa de canto do lado do sofá. Lembrava do *Dia de los Muertos*, “*porque muertos están todos en Brasil*”. No *home theater* uma *playlist* de mariachis tocava sem parar.

Esparramaram provocações em todos os cantos. Faixas penduradas com exaltações ao país da América Central exibiam o poder criativo de Jamile e Benício:

- Roberto Bolaños > Renato Aragão
- Thalía > Xuxa
- Maria do Bairro > Avenida Brasil
- Carrossel > Malhação

Os amigos chegam. Apenas quatro casais além deles, aqueles mais confiáveis. Não hão de falhar!

O jogo começa com o México em cima. A torcida grita olé no estádio. Os dez amigos ensaiam uma ola na sala do apartamento, num indo e vindo infinito. “*Arriba, México! Bamos!*” alguém grita, para ser replicado quase em uníssono num gritinho estridente, “*Ay, ay, ay, ay!*” Depois do início sob pressão, a seleção brasileira se ajusta. Oferece perigo, mas o zero a zero perdura.

O primeiro tempo acaba para a já tradicional resenha no balcão da cozinha americana. Sentam-se nas banquetas de pintura metálica a discutir sobre a tática do México, as eleições vindouras, Tite, Neymar, Casemiro. Um deles dá um gole na cerveja dessaborizada fazendo cara feia. Sente saudade daquela belga topíssima, que quando gelada é o real líquido sagrado do Olimpo. Não deixa transparecer o pensamento que o invadiu de supetão: seria melhor que Brasil e Bélgica avançassem e poder tomar sua cerveja decente em paz. “*Desconjuro!*”, afasta o mau agouro como se acordando de um sonho. Faminto, buscou uma *tortilla* e a mergulhou num pote de *guacamole* em pedra dura, tanto bate até que fura.

Logo na largada do segundo tempo, Neymar se estica todo e faz um a zero. Desespero na sala de Jamile e Benício. “*Até pra fazer gol o cara faz deitado!*” O 10 de amarelo é caçado em campo. É pontapé daqui, pisão dali, locutores implorando cartão para o árbitro. Era a deixa que bastava para que cantassem

o mantra maior que consagrou aquele grupo tão unido: JUIZ LADRÃO! SAÚDE E EDUCAÇÃO!

A partida prossegue sem qualquer risco de o México causar uma zebra. Pelo contrário, o Brasil domina, “como dominado é o povo brasileiro”. No fim, Firmino brilha mais que seus dentes, empurra a pelota para dentro e dá números finais ao placar.

Um sopro de empolgação tomou conta de todos. Havia uma clara excitação no ar. Não, não era pela garantida vitória brasileira. Estavam cientes do papel que cabe a eles exercer. A empolgação vinha da esperança de que a Bélgica garantisse seu favoritismo. Era, enfim, a eliminação prevista para o Brasil na próxima fase com direito a gritos exaltando IDHs avançados, corrupção inexistente, a volta das *lager* topzera, do sapatênis, do suéter no ombro, da geral cafonice chique-brega da classe média que se acha elite. Se era para perder, que se perdesse para quem eles sempre olharam com profunda admiração. Ah, a Bélgica!

Cuidando para não ser pego chorando, Juca passa a mão no rosto. Alcira, sua namorada, vê e pergunta se está tudo bem. Ele diz que sim. “Fico pensando na Bélgica e na surra que o Brasil vai tomar. Finalmente o país vai voltar a pensar somente em coisas importantes! Chega!”

Já Jamile e Benício, o casal anti-Copa, estão contentes. Depois de duas festas em que imprevistos foram muitos e a resiliência do bando foi testada com força, esta correu tranquilamente. Despedem-se dos amigos com um largo sorriso de quem, sádico e moribundo, vê o fim próximo. Suspiram entre si.

- Ah, perder pra Bélgica... Que sonho!
- Sexta-feira, 3 horas da tarde. Temos que chamar muito mais gente.
- Uma pena esse horário péssimo. Um incentivo para esses trabalhadores que adoram uma desculpa para ficarem de perna pra cima não trabalharem!
- Aposto que já vão emendar direto pro fim de semana.
- Deus não pode dar asa a cobra.
- Não. Por isso precisamos que este pão e circo termine logo.

- Aliás, eu tava aqui pensando... A gente fica falando da Bélgica, mas e se o Japão aprontar?
- E daí que tanto faz. O IDH é maior ainda!
- Mas não tem as *lager* top, né?
- Isso é...
- Mas há tudo de correr bem!
- Sim, a nossa Bélgica não vai de nos decepcionar!
- Não, jamais! Fazemos a nossa parte!
- Aliás já tô vendo aqui, ó. Chocolate belga, *waffle*. Não foram eles que inventaram, mas fica um menu de doce que é uma beleza.
- Ih, olha isso aqui! Parece também que a batata frita veio de lá!
- Jura? Sério?
- Sério!
- Meu, olha que mundo maravilhoso. Batata frita que hoje é o prato símbolo dos Estados Unidos, nossa pátria mãe!
- Mas é uma pena que nosso regime não permite... E já vou avisando: se é pra ter essas porcarias, melhor que seja tudo orgânico, batatas plantadas ao som de música clássica e chocolate 85% cacau.
- Tudo por você, meu amor.

Eles choram abraçados. Sexta-feira próxima indica ser um dia épico na história deste impertinente casal.

## O ANTI-JOGO DOS FINGIDORES DO FUTEBOL

[Inglaterra e Colômbia fazem jogo truncado, pegado e um tanto violento. Sobram pressão no árbitro, lances maldosos e fingimento. No fim, os europeus ganham sua primeira disputa de pênaltis na história das Copas do Mundo e elimina os sul-americanos.]

\*\*\*

No auge da fúria torcedora e do afã futebolístico, não me seguro e larga a verdade universal: a única coisa boa que a Inglaterra fez pelo futebol foi ter inventado este esporte maravilhoso. Foi criar num momento de epifania e no segundo seguinte levar as tradições de *fish and chips* para dentro dos gramados e para as pernas pesadas dos seus atletas. Coisa feia...

De lá para cá, os súditos da Rainha Bebete se esforçaram para angariar inimizades. Se recusaram de participar das primeiras edições de Copa porque se julgavam superiores. Foram pela primeira vez em 1950 e perderam dos EUA, que até hoje é periférico no esporte.

Em 1966 levou sua única taça relevante jogando em casa, num Wembley lotado. Contaram com a ajuda providencial da arbitragem, validando um gol que não entrou e batendo a Alemanha por 4 a 2. Se é para vencer, que se conte com o auxílio luxuoso do apito.

Esta percepção foi trazida para 2018: convoca o árbitro! E assim se fez. O assoprador de apito americano, talvez compadecido pela vergonha imposta há tanto tempo, piscou o olho em 'xá-comigo' e teve como função primordial enjoar o futebol dos *cafeteros*. E o fez com maestria!

Inverteu faltas escabrosas. Marcou um pênalti inacreditável. Distribuía cartões amarelos tal qual panfletista de empreendimento imobiliário no semáforo, sem escolher nem ver a quem. Fraco como o futebol de seu país, fora da Copa, aceitou e cedeu à pressão dos vermelhos.

E já estamos na seara das pressões e dos dramas, como não repudiar os atos de uma equipe que em vez de jogar bola preferiu inventar agressões inexistentes? O campo de jogo virou um palco de teatro, repleto de fingimento.

E para coroar, lembremos da capa do The Sun, tablóide local, que regurgitou preconceito mundo afora. Neste embate de oitavas-de-final, meus amigos, eu era Colômbia, como se nascido em Cartagena, morador de Bogotá, que passa férias em San Andrés. Comemorei o gol de Mina como a um título.

Veio, então, a disputa de pênaltis. De um lado a Inglaterra e seu histórico desmoralizante, derrotada em todas as três ocasiões em Copas. Do outro a Colômbia que era pura raiva (e um mau futebol, porque sem James Rodriguez, é uma equipe menos que comum).

E no troca-troca de chutes, veio como uma bomba a defesa de Pickford e o seguinte gol britânico. O gol da inédita classificação inglesa nos pênaltis, carimbando seu espaço na próxima fase, contra a Suécia.

Na sorte que desequilibrou os dois caminhos à final na Rússia, a Inglaterra é o único campeão do lado mais fraco. Levarão a campo seu anti-jogo bufo e enfadonho. Seguirão sem angariar qualquer sorriso simpático. Numa época em que lugares como Jamaica, Cuba e Paquistão saem às ruas em comemoração pela classificação do Brasil, ninguém levantará bandeira pela Inglaterra. Não haverá celebração, nem comoção. Pelo contrário. Haverá tão somente o desconforto de um completo desmerecimento e a ira colombiana compartilhada e sentida por todos, que conseqüentemente passarão a torcer contra. Serão eles, os ingleses, contra o resto do mundo. Melhor chamar o juiz de novo, para não se sentirem tão sozinhos. Talvez assim, no artifício do desconjuro, tenham alguma chance.

## A COPA E O POTENCIAL À ETERNIDADE

Não são apenas os gols, as finais e os títulos que entram para a história de uma Copa do Mundo. Muitas vezes, são até secundários na contação de história. Quer exemplos?

Em 1954, a Alemanha foi campeã em casa numa virada espetacular contra a Hungria de Puskas. Você certamente lembra do craque húngaro. Seguramente sabe o quanto aquela Hungria fazia do futebol uma arte, mas dificilmente conseguirá dizer um nome sequer dos alemães. Repeteco em 1974, quando a Holanda de Crujff e o futebol total de Rinus Michels foram batidos pela organizada esquadra germânica.

Em 1966, a Inglaterra conquistou seu único título numa final com erros de arbitragem. Foi a única ocasião em que um jogador fez 3 gols numa final de Copa... Mas lembramos mais de Eusébio e da quase eliminação de Portugal pela Coreia do Norte, que virou para cima dos asiáticos depois de saírem perdendo por 3 a 0.

Dentre os grandes lances da esplêndida Copa de 70? O gol que Pelé não fez<sup>8</sup>, o outro gol que Pelé não fez<sup>9</sup>, o terceiro gol que Pelé não fez<sup>10</sup>. Nesta Copa também se eternizou Beckenbauer e sua tipoia que imobilizava o ombro deslocado na semifinal contra a Itália. Dizem que o 4 a 3 entre alemães e italianos foi tão espetacular<sup>11</sup> que presos escaparam de uma delegacia porque os guardas estavam distraídos assistindo ao jogo. Pense!

A final de 78 tinha holandês com braço engessado. Este caso atrasou o início do jogo, porque os argentinos, catimbeiros, estavam preocupados com a segurança (deles próprios, por conta da dureza da proteção). A solução? Molhar o gesso

---

<sup>8</sup> O chute atrás da linha do meio-campo na vitória de 4 a 1 sobre a Tchecoslováquia.

<sup>9</sup> A defesa espetacular de Gordon Banks na cabeçada de Pelé, tida como a maior de todos os tempos. O Brasil venceu por 1 a 0, gol de Jairzinho.

<sup>10</sup> Na semifinal contra o Uruguai, Pelé fez um drible-da-vaca com o corpo no goleiro Mazurkiewicz, mas seu chute foi para fora.

<sup>11</sup> A partida mereceu placa no Estádio Azteca, que a chamou de "*Partido del Siglo*", ou "Partida do Século" em português.



até ficar maleável... Ainda em 78, todos lembramos do placar da Argentina contra o Peru, mas poucos sabem quanto foi a final.

O lance mais conhecido da final de 94 é o pênalti perdido de Baggio. Ou seria o Galvão segurando Pelé pelo pescoço, gritando “E TETRA!”, enquanto pulavam descontrolados? Ou Bebeto e o nana-nenê contra a Holanda? Nesta mesma Copa, destacou-se também a comemoração de Yekini, mais mágica que o gol e que o 3 a 0, placar de que poucos se recordam. Contra quem mesmo? E importa? Que falar, então, da enfermeira conduzindo Maradona pela mão no jogo contra a Grécia, naquele que seria seu deprimente ocaso num Mundial?

Em termos de botinagem, a cabeçada de Zidane em 2006 se tornou o maior *highlight* daquela edição. Em 2010, como esquecer De Jong e sua voadora no peito de Xabi Alonso em plena final? Ou, voltando a 94, da cotovelada de Leonardo em Tab Ramos que quase aniquila a carreira do americano? Ou, mais ainda, qual o tamanho da capacidade geradora de piadas que a mordida de Luis Suarez provocou no embate contra a Itália em 2014? E já que falamos do craque uruguaio, há dúvida que sua defesa no último minuto contra Gana foi o maior momento da Copa de 2010?

Em 98, o trauma brasileiro vem menos pelos gols franceses e mais pelo imbróglio com relação à convulsão de Ronaldo. E Leônidas, em 38, que não jogou a semifinal por estar totalmente desgastado, mas vingou a ideia absurda de que estava sendo poupado para a final?

Ninguém se lembra da comemoração dos uruguaios em 50, apenas do Maracanazo, do chute de Ghiggia, do calvário de Barbosa e do silêncio sepulcral de mais de 200 mil testemunhas daquela que foi a maior catástrofe tupiniquim até 2014. Aliás, na Copa da terceira final entre Alemanha e Argentina, aqui do nosso lado ecoa somente a voz mortificante dos 7 a 1.

A história é escrita por linhas tortuosas e mais sambaleantes que um drible de Ronaldinho Gaúcho. Vai saber quando o sobrenatural desce à Terra para contar em verso e prosa o que o surreal determinou. O Mundial constrói e destrói mitos. Um esforço contínuo. Jogos demais, seleções demais, jogadores demais, torcedores e envolvidos demais para que reduzamos a um momento, a uma partida. Não é apenas o último jogo que vale. Em muitos casos, sequer é o mais

importante. Todo quase-ninguém vs sem-importância tem potencial à eternidade. Na dúvida, veja-se tudo, saboreie-se tudo. Sem moderação.

## AS ILUSÕES DA COPA EM CASA

Quem afirma é a estatística, essa menina travessa que sob tortura enverga e entorta e confessa absurdos. O time que joga uma Copa em casa avança a mais longe do que se acostumava. Ah, não é? É! Senão, vejamos.

O México, especialista em oitavas-de-final, atingiu as quartas duas vezes, justamente em 70 e em 86, quando foi sede. Coincidência? Nem tanto. A primeira final brasileira foi em casa, em 1950. Que tal a Suécia e sua única final em 1958? Ou o Chile, semifinalista em 1962, mesmo patamar alcançado pela Coreia do Sul em 2002?

França ganhou seu único título em casa. Inglaterra também. Uruguai e Itália venceram os dois primeiros mundiais em seus quintais. Argentina levou em Buenos Aires seu primeiro título, Alemanha o seu segundo em Berlim.

De tão poderoso que é o sentimento de jogar a Copa em casa, em apenas uma ocasião o time da casa não passou da primeira fase. Coube à África do Sul esta indigesta desonraria em 2010, exceção que comprova a regra.

O clima de Copa contagia. Parece empurrar o time da casa a andares inimagináveis. E nesta edição, quem dá as caras, como dita a regra não escrita, é a Rússia. Alcança umas quartas-de-final impensável. Eliminar a Espanha? Categoricamente, no pré-Mundial, qualquer pessoa em são consciência diria “Espanha”, sem pestanejar. O escrete espanhol andava muito além da capacidade técnica do selecionado russo.

Mas aí tem o elemento sobrenatural, que se reveste de metafísica, profanado no grito da torcida, nas bandeiras nas sacadas, nos batuques e vuvuzelas, que entra pelos olhos, boca, narinas e orelhas, a sua presença<sup>12</sup>. Entra em campo no espírito do vai-que-dá. Ah, o poder da motivação! E o atleta vai, quando vê, deu!, e quer mais, “sim, podemos!” Um sistema que se retroalimenta, quanto mais avança, mais se motiva, mais certeza produz, mais energia gera e a lusitana roda.

---

<sup>12</sup> Em referência à música “A tua presença morena”, de Caetano Veloso.

A atmosfera de Copa em casa abraça e envolve como um cobertor quentinho num dia de frio. Por instinto, mesmo que não queiramos, estamos envoltos em seu manto acolhedor, confortavelmente aconchegados, não vivemos sem, quero Copa todo dia! Torcer pelo seu país em seu terreno provoca uma espécie de ilusão coletiva, uma escalada irracional rumo ao título.

E se alguns julgam isso ser impossível, meio louco, “comigo jamais aconteceria”, basta que lembremos de 2014, quando acreditamos que o Brasil seria campeão jogando uma semifinal com Hulk, Oscar, Bernard e Fred. Ora, mas quá! Será o impossível?

Para nós, brasileiros, demorou um tempo para vermos o tamanho da mentira que nos contaram. Ao mesmo tempo, mostramos, como a Rússia mostra, que é possível mais quando se canta o hino à capela. Aí, quando se percebe onde está, cai a ficha e nos perguntamos “nossa, como chegamos até aqui?” Fé cega, paixão ardente, torcida insana. A Copa é um emaranhado de ilusões, literatura em execução, pronta para nos atrair com seu canto hipnotizante.

## O SONHO NÃO ACABOU

[Brasil perde da Bélgica por 2 a 1 e é eliminado nas quartas-de-final.]

\*\*\*

Fim de festa. Aquele cheiro salobro de cerveja quente apodrecendo o ambiente, piso grudento de sujeira, pilhas de louça para lavar, o mundo para arrumar. A bebida consumida um ou dois degraus acima do recomendado a maltratar o juízo. Na nossa cabeça, uma inércia paralítica provocada pela frustração, pela decepção e pela adaga afiada da realidade que pede para ir armando o coreto e preparando aquele feijão preto que ela está voltando.

Torcer é o autoengano disfarçado de esperança. Peguei-me durante a partida apostando num atraso de sinal, numa distopia entre a imagem na minha TV e os fatos que chegavam da Rússia. Se um ataque era negado aqui, me ligava na reação do alheio pela janela torcendo por um desfecho diferente, como se fosse uma pegadinha de mau gosto feita exclusivamente para mim. Ó, universo, menino travesso, que fiz eu? Mas nada é nada, nada fiz e nada de brincadeira tinha. Tal qual via, assim era.

Confesso que torci. E muito. Só que, apesar do meu dismantelo e da minha orientação, no escanteio para a área, relógio ainda em aquecimento, o gol contra do para-sempre-amaldiçoado Fernandinho fez *tchan*. Na reprise do contra-ataque de almanaque orquestrado contra o Japão, eu apontando o que tinham que fazer como se da minha sala minha voz chegasse no pé do ouvido deles do lado de lá, o tirambaço de De Bruyne fez *tchun*. No apito final, o empate que não veio e *tchan, tchan, tchan*. Acabou o sonho do hexa na Rússia.

Uma Copa do Mundo vai muito além do resultado, mais do que futebol. Mexe com simbologias únicas, que fazem sentido somente no âmbito individual. A questão não é ganhar, é viver a Copa. Aproveitar ao máximo o que ela significa, o que ela representa. Para usufruí-la não existe fórmula certa 7-passos, ou essa matemática autoritária e tola de pode ou não pode, de deve ou não deve. Existe, tão somente a paixão e o querer.

Lembro-me do garoto da capa do Jornal da Tarde de 5 julho de 1982, quando Paolo Rossi enterrou o escrete mágico de Telê Santana. O país chorou, e se viu inteiro ali na imagem que era só paixão e frustração e tristeza.

Os anos passaram, o esporte com um quê de amador se tornou profissional, movimentando cifras bilionárias. Mas a paixão, amigos, ela está ali, adormecida ou ativa, nunca morta. Lidamos com a perda de diferentes maneiras. Aprendemos a nos defender das agruras da vida como podemos. No entanto, penso que endurecer-se para o que uma vez nos despertou tanto sentimento é algo um tanto triste. Não posso me permitir que isto aconteça, ou pelo menos tentar evitar no máximo de minhas capacidades. Abster-se de emoções que nos apaixonam não é coisa boa, tanto pelo contrário.

Na esteira da derrota consumada para a forte Bélgica, não teremos mais o feriado prolongado da terça-feira, os encontros obrigatórios com os amigos, todos vestidos de amarelo, o ufanismo das transmissões passando por cada canto do Brasil, mostrando que podemos, sim, ser um. A rua vai voltar ao normal, as decorações serão guardadas – como acontece em aniversários, no São João, no Natal, no Ano Novo, em qualquer época de celebração. Mas, absurdo dos absurdos, diferente das irmãs festeiras com dia e hora marcada, a Copa é de quatro em quatro anos e sem se saber ao certo quanto tempo dura.

Assimilo, com viés de desolação, que a dor maior não é da derrota em si, porque perder faz parte do esporte. Não houve humilhação, porque aí atribuiríamos o desprazer à honra lascada pelo resultado fatídico, tal qual 2014. Sem muletas para nos escorarmos, a dor vem do fato de que a realidade, mesmo deixada de lado, retorna. O fim de festa sempre vem. O que não nos impede de admitir que queríamos a fuga por mais um tempo, porque o prazer é libertador.

O que será então da próxima terça-feira, senão mais um dia comum na vida de todos nós? Algo insossa, sem surpresa, sem inesperado, sem magia? Ora, de terças-feiras ordinárias estamos fartos! E chego a ter pena de quem proclama ao vento que se recusa a viver intensamente a delícia que é este tal do futebol.

Pois, sim, concluo que o sonho do hexa, por hoje, 'tem, mas acabou'. Amanhã volta. Só que esse amanhã dura longos quatro anos. Foi, digamos, apenas adiado, empurrado com a barriga. Vai ser guardado no porão da memória,

cabendo a nós resgatá-lo, limpá-lo e exibi-lo como nosso. Seremos, quando lá no Catar, que está mais para 'bem pra lá' do que para 'logo ali', os mesmos de agora, contagiados, mesmo que tardiamente, pelo clima de Copa, torcendo pelo Brasil, cantando o hino à capela, reunindo a galera, vestidos de amarelo, rindo, chorando, cornetando, se divertindo e torcendo secretamente para que o mundo se acabe em fantasia.

## EU TENTO SIMPATIZAR COM A BÉLGICA, MAS...

Sabe, eu tento simpatizar com a Bélgica. Acredite, eu me esforço. Mas a barreira é enorme... Questão de estereotipização, por motivos alheios ao futebol. A gente cresce, envelhece, quer evoluir, mas o mundo joga contra, mais que o Fernandinho em jogo eliminatório de Copa.

Porque para quem nascido e criado na Bahia, os belgas têm uma cara de menino amarelo da moléstia. De gente abestalhada que chora e faz biquinho quando acaba o Danoninho, que dão piti quando trava o PlayStation, que jogam bolinha de gude no tapete da sala, que se não forem pra Disney esse ano a vida não merece ser vivida. Fossem brasileiros, seriam orgulhosos moradores de Leblon-Ipanema-Jardins-Itaim. Suéter no ombro, polo para dentro da calça, sapatênis, cerveja artesanal, sorvete de 79 reais uma bola, tudo caro-sem-noção para poder bancar o custo do *storytelling*, eufemismo da moda para mentira da braba, culhuda, caô, lorota, potoca, balela, conversa fiada, pra boi dormir, patacoada.

Eu sei, eu sei, que pessoa horrível, mas não julgue o belga sem terminar de me ouvir, criatura. Seguinte é esse.

Aí lá vou eu ao LinkedIn (por que a gente se tortura dessa forma, meu senhor?). Terra arrasada em que o apocalipse será um congresso de *coaches* que tentarão bater o recorde mundial de mais pessoas falando tudo sem dizer nada. Fui ter por aquelas bandas mesmo depois da 'xófem' reclamando que o evento de networking dela não era visto como mais importante que a Copa, porque, né, ela é formada na Escola Michel Temer de Autoestima da Porra. Mesmo depois de tais ricardos amorins (deixa em caixa baixa) e afins espalhando *fake news* e frasetas moralóides. Mesmo depois dos posts repletos de platitudes e charlatanices do tipo "7 lições da eliminação da Alemanha". Blá-blá-blá, mimimi e idiotia são premissas básicas na rede dita profissional.

Ou seja, não foi por falta de aviso. Mouco e tolo, resisto. Ignoro a experiência, calo a voz que sai de dentro gritando na orelha "sai dessa que é roubada. Você é mininico agora, é, disgrama?"



Pois eis que de cara, sem nem preliminar, de prima, pá!, põe na tela, QUERO IBAGENS!, vejo um ser humano vestido com a camiseta da Bélgica. Fico curioso. Para quê...

No texto moralóide que acompanha, a explicação de que “pra Bélgica a gente pode torcer, Brasil é que não dá, a gente é tudo uns atrasado”. O mesmo de sempre, o discurso da superioridade moral, de acordo com ele mesmo, o arauto do avanço, fusão de Elon Musk com Steve Jobs e Osho, ó, divindade suprema!

E se você é da laia de São Tomé, que precisa ver para crer, creia (e se o estômago permitir, veja depois) quando afirmo que, porque miséria pouca é bobagem, o cara é a mistura do capeta com o demonho e com o michel temer (já avisei da caixa baixa) de cueca. Desconjuro! Raciocine comigo e veja se não estou com a razão.

O sujeito é o típico brasileiro de regalias e privilégios. Tal qual os coleguinhas que embarcaram para a Rússia, pertence à classe do novo produto exportação brasileiro, o BBB+B: Branco rico, bombado, babaca e de barba. Só isso já seria suficiente. Mas tem mais. O subsolo do inferno tem filial na varanda onde ele gravou seu vídeo (sim, porque chumbregagem precisa de diversas mídias comprobatórias do crime). O cara, além de BBB+B, é também STARTUPEIRO, INFLUENCER, coach motivacional e escritor de ‘livros de AUTO-AJUDA’ (sic).

Ou seja, a descrição exata de como seria o décimo círculo do inferno de Dante.

Valhei-me, minha nossa senhora da crença-que-eu-não-tenho. Expulsai o filhote do capiroto topzera, mano!, das timelines de minha vida! Vade retro!

Tudo isso para dizer que eu tento gostar da ‘ótima geração’ Bélgica. Mas não dá, bicho. É muito reforço negativo nessa zorra. Haja Lukaku na causa para superar tamanho desmantelo.

Garçom, fecha a conta que pra mim deu por hoje.

## O NOVO SEMPRE VEM

[França, Bélgica, Inglaterra e Croácia são os semifinalistas da Copa 2018.]

\*\*\*

Estão definidas as semifinais desta Copa 2018 com apenas 2 títulos mundiais somados em seus quatro participantes. França e Inglaterra são os porta-estandartes de títulos passados, contra as virgens Bélgica e Croácia. É a menor quantidade de títulos nesta fase de uma Copa do Mundo desde 1966, quando a Alemanha ostentava seu único caneco – e com a ressalva daquele ser apenas a oitava edição do maior torneio de futebol do planeta.

A renovação continua com outros dados que espremidos advogam pela causa da insurgência dos uma vez mais fracos. Foram 19 Copas seguidas com Brasil e Alemanha na semifinal – em 1930 foi a única vez sem um ou outro, que sequer tinha os germânicos em campo. Se uns dizem que a camisa pesa, nunca isto fez tão pouco sentido. Porque esta renovação não vem de agora. Não é surpresa que Inglaterra, Bélgica e França tenham chegado.

Esta percepção é corroborada por uma base forte e bem formada. A Inglaterra é a atual campeã mundial sub-20, vencendo em 2017. Quatro anos antes, era a França a vencedora. Os ingleses não se deram por satisfeitos, e ganharam, também em 2017, o mundial sub-17. Não é pouco e é um excelente indicativo de sua tentativa de voltar a brilhar entre as seleções.

Os franceses possuem uma geração jovem e muito habilidosa, com nomes como Griezmann, Pogba e Dembelé, e ainda com a joia Mbappé. Pois já pisaram em solo russo como favoritos. Vinham com a decepção de terem sido batidos por Portugal na final da Eurocopa em casa em 2016. Mostrou-se um grupo que amadureceu rapidamente. Não se abalou contra os argentinos, dominou as ações contra um Uruguai sem Cavani e chegou sem sustos.

Sua adversária será a Bélgica e sua geração dourada. Favorita em diversos campeonatos passados, é a primeira semifinal que este grupo disputa. Assim, tiram do ar aquela aura de seleção boa de bola, mas condenada pela história a permanecer injustiçada. Chegam embalados por terem batido o gigante Brasil.

Do outro lado da chave, a Inglaterra enfrentará a Croácia, que foi chegando e duas disputas de pênaltis em sonolentos jogos de mata-mata. Prevaleceram, no ápice de um grupo talentoso, capitaneados por Modrić. Se não podem ser considerados surpresa, ao mesmo tempo nunca foram os preferidos nas bolsas de apostas.

Diante de tamanha realocação de poderes, chorarão os conservadores, os tradicionalistas. Choram desde a eliminação da Itália, pois “Copa sem a Azzurra não é Copa. Vimos Alemanha fora, Argentina em seguida, Brasil depois... Ficou o novo, o trabalho de longo prazo, a confluência da inovação em catarse. Renovar-se é tarefa obrigatória inclusive para os grandes de camisa enorme, como provou a Alemanha em 2014.

Dói ver o Brasil fora, mas não é possível dizer que quem chegou não tenha, por fim, merecido. Sequer podemos achar ruim. Pelo bem do futebol, quanto mais equipes fortes e campeãs, melhor para o esporte. Espalha-se a brasa do possível e de que projetos bem estruturados dão certo. Traz ares de democracia participativa, não mais de oligarquia concentradora. Nações de todos o mundo: UNI-VOS!

E se, ainda assim, alguém continuar pensando que está faltando poderio aos quatro semifinalistas, descrente da relevância e importância de quem pede passagem, relembro as palavras da verdade do profeta Belchior:

“Você pode até dizer eu estou por fora, ou então que eu estou inventando. Mas é você que ama o passado e que não vê que o novo sempre vem.”

E o novo veio em 2018, de uma vez só, disruptivo. Veio na velocidade de Mbappé, na classe de De Bruyne, na inteligência de Modrić, na precisão de Harry Kane. Assumamos e concedamos à pauta irrevogável: o mundo é deles.

## O CASAL ANTI-COPA E A VOLTA PRA CASA

[Brasil 1x2 Bélgica]

\*\*\*

Os dias que antecederam a sexta-feira para o aguardado Brasil x Bélgica foram de expectativa e excitação para Jamile e Benício, o casal anti-Copa. Não poderia haver adversário melhor para que a seleção voltasse para casa com o rabo entre as pernas e que o país pudesse, finalmente, voltar ao seu normal. “Vai ser um dia maravilhoso!”, diziam, ansiosos.

Tudo o que envolve a Bélgica apetece a Jamile e Benício, o casal anti-Copa, e aos seus fiéis amigos. O país é uma Monarquia Parlamentarista, “quer mais luxo que vir de um país que tem Rei? O Filipe que importa de verdade é o ‘nosso’ Rei da Bélgica, não estes dois brasileiros aí!”, diziam, naturalizados. “Povo lá fala pelo menos quatro línguas, inclusive o flamengo, que não é o do Rio, viu? Não vai confundir!” contam, rindo bastante. “E um IDH, né?, que é dos maiores do mundo! Pra eles, sim, dá pra torcer!”

Como de praxe, prepararam grande festa. Era tão grande a confiança nos Diabos Vermelhos que convidaram inclusive aqueles um dia esquecidos. Podia criança, podia o Carlão – que nem respondeu ao RSVP, mal-educado –, podia de tudo. Sextou! Partiu, fim-de-semana, partiu, feriadão, partiu, aeroporto!

O pedido para chegarem um pouco antes do que normalmente se fazia foi atendido pelos pontuais camaradas. Nem bem o relógio apontava as 13 horas, estavam todos lá.

Em movimento ousado, Jamile e Benício foram além da decoração costumeira do apartamento com varanda gourmet e cozinha americana financiado a perder de vista. Haveria de ser mais, de se fazer mais.

Pois num canto da sala, ao lado da TV, criaram o que chamara de ‘espaço vermelho’. Audaciosos, pintaram a parede predominantemente de vermelho, com detalhes em preto e amarelo na vertical. No meio colaram um adesivo enorme com o emblema da Federação Belga de Futebol. Via-se também um

#BelgiqueDiabolique acima, em altura minuciosamente calculada para aparecer em fotos a seres publicadas. Também faziam questão de indicar ser obrigatório em todos os *posts* e *stories* dali para frente usar a *hashtag*. Para auxiliar, montaram câmera poderosa em tripé para garantir a qualidade da filmagem. Um MacBook, trazido de Orlando sem pagar imposto, “senão não compensa, não é mesmo?” estava a postos para editar vídeos, caso alguém precisasse.

O cardápio montado pelos anfitriões incluía um *buffet* de diferentes tipos de batatas-fritas, prato alegadamente belga. Acompanhavam crepes, barras de chocolates belgas e *Belgian waffles*, assim em inglês mesmo, para dar mais destaque e um toque sofisticado. Tudo feito na hora por um *catering* contratado exclusivamente para a ocasião.

Os convidados chegavam e recebiam uma sacolinha de boas-vindas. A começar pelo mimo mais importante: uma camiseta oficial da seleção da Bélgica. Todas com o número 10 às costas e com o nome de cada visitante. Rapidamente envergavam o manto com orgulho! Eram belgas de coração e vestiam a camisa, como não! Havia mais: peruca do Fellaini; faixa tricolor nas cores da bandeira da nação europeia; uma tiara vermelha com duas orelhas de diabinho, que a maior parte educadamente se recusou a usar; um pequeno kit de pintura de rosto; as mulheres tinham ainda a opção de esmalte colorido para as unhas.

O clima era ameno. A ausência de Maurício e Renata Patrícia foi sentida. Seria aquela a oportunidade para a reconciliação, contanto que o casal excluído admitisse sua culpa e cortasse relações em definitivo com o Carlão, o deselegante. Pensando bem, concluíram depois, podia ser que eles se recusassem a ajoelhar-se no milho da culpa apontada por eles, gerando desconforto desnecessário.

Pois que Jamile e Benício, o casal anti-Copa, ao se certificarem de que todos os confirmados estavam presentes, tomaram a palavra. “Vamos ensaiar algumas músicas para o nosso jogo de daqui a pouco.” Distribuíram um panfletinho frente e verso. Na frente, lia-se a letra para ser cantada no ritmo da música que virou hit da Copa – com direito a liberdade fonética:

“Ô! Oitenta e dois, três do Paulô  
Oitenta e seis, o Zico errou  
Nove-zero, Caniggia, gol  
Dali a oito, Allez, les Bleus!

Ô! Dois mil e seis o Robertô  
Dois mil e dez, Melo melou  
E em catorze, o apagão  
Vexame em pleno Mineirão.

Ô! Hoje o Brasil vai perder! (4x)”

No verso, a paródia para *Bella Ciao*, também hit em várias línguas em solo russo:

“E o Marcelo,  
E o Coutinho  
E o Neymar cai! Neymar cai! Neymar cai, cai, cai!  
E o Brasil já está chorando,  
Agora vamos trabalhar!”

Bastaram poucas repetições para que as canções estivessem na ponta da língua, cantadas a plenos pulmões, sem erro ou falha. Cantavam e de vez em quando ouviam um xingamento que invadia a varanda do apartamento, prontamente ignorada e rebatida apenas internamente, “Não liguem para estes alienados. Perdoai, eles não sabem o que fazem!”

O jogo começou e o Brasil logo sapecou uma bola na trave belga. O grupo sorriu preocupado, mas logo rebateu com incentivos ao zagueiro da seleção brasileira. “Não vai chorar, não?” Gargalhada geral. Que virou completo festejo descontrolado quando um gol contra traiu Alisson e fez Bélgica 1 a 0. Que alegria! Eles se abraçavam, emocionados. Uns choravam. “Finalmente essa balela de Copa vai acabar e poderemos todos voltar às nossas vidas normais! Pelo bem do Brasil!”

Quase vinte minutos depois, o ruivo branco-como-o-leite Kevin De Bruyne, num chute em contra-ataque mortal, abriu 2 a 0. Era verdade demais, era possível! Avante, Bélgica!

O time brasileiro se perdeu. Errava tudo. Estava arrasado psicologicamente.

O intervalo chegou com a confraternização no balcão regado a cervejinhas *lager* top-topíssimas belgas. “E a Bélgica ainda tem a melhor cerveja do mundo!” Brindaram, exultantes, esquecendo o sofrimento da aguada cerveja mexicana da rodada anterior.

Para o segundo tempo, a seleção brasileira voltava com Douglas Costa no lugar de Willian. Um pufe de ar varreu a sala, num misto de preocupação com esperança resiliente. Buscaram, pois, mais uma breja trincando, para não perderem o foco. O sabor belga-tropicalizado da quase-puro-malte de receita estrangeira haveria de manter o querer da derrota canarinho-pistola.

O Brasil foi para cima. A Bélgica recuou, se defendia como podia. Neymar mal, mas sem cair. Num lance, pediram pênalti no craque-que-cai brasileiro, mas ele próprio falou para seguir o jogo. Algo de muito estranho acontecia. Philippe Coutinho, que não é o Rei, canelava. Jesus saiu, Firmino entrou. Renato Augusto foi a campo, no lugar de Paulinho.

O Brasil insistia, martelava. E nada. Os amigos já não comemoravam cada roubada belga, cada ataque interrompido. Seria a tensão? Ou seria o desmantelo pelo fim das confraternizações em Copa do Mundo? Num pensamento que somente o botão de cada um sabia, assentiam que “até que se o Brasil passasse não seria má ideia...”

De repente, nos mais de 30 minutos corridos, cruzamento, Renato Augusto sobe de cabeça. Ele testa bonito, batendo o gigantesco goleiro belga Courtois, descontando para o Brasil. O pessoal do catering comemora, vibra. Vendo a inércia dos patrões, eles logo se recompõem à postura profissional adequada. Jamile e Benício, o casal anti-Copa, olha de canto de olho para os contratados em reprovação. Levantam-se sorrateiros, para chamá-los de canto e pedindo retidão.

Retornam para seus assentos, preocupados. Era pressão demais do Brasil. Na sala, ninguém mais sorri, ninguém mais vibra. Unhas são roídas, cabeças são coçadas, pernas tremulam nervosas.

De repente novamente, Renato Augusto sai de cara para o gol. Era o empate. Ele domina, ajeita, chuta e... a bola vai para fora. O pessoal do serviço, já esquecido das atribuições recém-lembradas, enlouquecem. UH! O grito é acompanhado por pelo menos metade de todos os presentes. UH! Jamile e Benício não acreditam. Em ato um tanto desesperado, puxam o canto ensaiado com afinco antes, para pararem no silêncio de todos, que não davam bola alguma para eles.

Outro ataque brasileiro. A bola é rolada para dentro da área, vinda do lado esquerdo. Mansa, pronta e receptiva, aguarda o arremate final de Philippe Coutinho que, se fizesse, seria coroado Rei ali mesmo. Ah, ia! Mas o pequeno Couto pega errado e a pelota viaja longe... Pois desta vez, não foi metade, mas sim o grupo inteiro que gritou decepcionado. UH! Jamile, indignada, jura ter visto Benício vibrar também em torcida pelo Brasil. Ele nega peremptoriamente. “Claro que não, amor. Coisa da sua cabeça.”

Não deu mesmo tempo para o empate. O juiz encerra o jogo. Brasil eliminado. Jamile põe-se de pé puxando Benício pelo braço. Eles pulam, comemoram, xingam na janela, “Agora é que o Brasil vai pra frente!” Mas o que era para ser o clímax da festa, o êxtase final, a vitória, enfim!, era descontentamento e indiferença.

Os companheiros tecem papos estranhos.

- Agora vou ter que cancelar o pacote que paguei pro fim-de-semana contando com a terça-feira...

- Pois é! Eu já tinha combinado com a chefia que eu voltaria só na quarta-feira de cinzas, depois do meio-dia!

- E o meu bolão, então? Lascou-se todo!

E todos concordaram que os bolões estavam seriamente comprometidos.

Despediram-se deixando para trás a peruca do Fellaini, que um dos visitantes jurou ser a mesma do David Luiz de 2014. Abandonaram o restante do kit, exceto a camiseta belga que era realmente bem bonita. Acenaram de longe para Jamile e Benício, o casal anti-Copa, sem procurar muita intimidade.



Na saída macambúzia de todos, olharam-se os dois com olhos de missão cumprida.

- Foi difícil, mas conseguimos!

- Sim! Foi com a nossa força, com certeza. Sem a gente nada disso teria acontecido.

- Mal sabe essa gente que a capivara do hexa não era nada comparada à nossa vontade!

Riram bastante. A pergunta a seguir veio como uma bomba na sala.

- E agora?

Estavam tais quais cachorros correndo atrás de carro em movimento, que latem histericamente, mas sem saber o que fazer quando o carro para. Pois o carro parou. Eles emudeceram. Até que um propôs.

- Vê o que tá acontecendo aí de novidade.

- Deixa eu abrir aqui o portal da internet...

- Estão chegando eleições, né?

- É, mas ainda é muito pra frente. A gente precisa de algo pra agora.

- Pra já! Pelo país!

- Aliás, te contei que essa semana vieram me pedir dinheiro?

- Como assim?

- Pois é. Vieram com um papinho de construir um hospital na comunidade aqui do lado, sabe? Pois a mim não enganam, não! Meu dinheiro eu não torro com essas malandragens.

- Quem foi que pediu?

- Ah, uma ONG qualquer aí, que só porque tem um monte de artista apoiando acha que tem credibilidade.

- Que absurdo! Aposto que é daquela emissorazinha de TV e sua laia ignara!

- Não é? Querem me fazer de trouxa, mas comigo não, violão! E outra: que papo é esse de dar dinheiro? O povo quer facilidade demais. Tem que ensinar a pescar!

A frase entenece a militância. No púlpito da elevação moral, erguido com drones sobrevoando os reles mortais alienados, estão sobre o mundo. E profundamente enamorados, enfeitiçados um pelo outro.

- Você fala com tanta paixão sobre essas coisas. Eu te amo cada vez mais.

- É porque nós somos acordados. Não somos levados pela massa. Somos a salvação deste país!

- E você fica tão bem de vermelho... Me beija!

- Beijo, mas com moderação, por favor. Um beijo-família. Língua só depois das dez da noite.

## A DIGNIDADE DA RAÇA E DO CHORO

[Uruguai, eliminado pela França nas quartas-de-final, foi demonstração de raça e vontade de vencer, acompanhando uma certa mística uruguaia.]

\*\*\*

Uruguai e Rússia disputavam na última rodada a liderança do Grupo A desta Copa do Mundo. Melhor em todos os aspectos, a celeste já se via à frente do placar. Os donos da casa insistiam da forma que podiam.

Num lance pela direita, um atacante russo ganha no corpo de Nandez, defensor uruguaio. O jogador celeste, caído, vê que o adversário poderá invadir a área e lança mão do único recurso que tinha. Mesmo no chão, se atira com a cabeça na bola, tentando jogá-la à linha de fundo, mesmo com o pé russo próximo e perigando chutá-lo. A segurança defensiva da equipe era maior do que o instinto de autopreservação.

Há boa dose de loucura em atos desmedidos de raça. A primeira conquista da Libertadores da América pelo Grêmio mostrava um ensanguentado De Leon erguendo a taça. Esta ficou sendo a imagem guardada eternamente na torcida. Este viés ensanguentado em campo foi revivido por Mascherano, na classificação suada da Argentina contra a Nigéria.

Os uruguaios, no entanto, sempre se destacaram. Talvez por serem um país pequeno, que precisam do berro acuado do menor para se sobressair. Ou talvez esteja encrustado na alma celeste, numa cultura irrevogável de sangue e suor.

Contra a França, o zagueiro Giménez, diante da inevitabilidade da eliminação, aos 43 minutos do segundo tempo, chora na barreira armada por Muslera. O mundo assiste seu pranto sentido, doído. Lágrimas pela certeza de não haver como escapar. Estaria o Uruguai fora.

Ao contrário de outros choros que vimos quatro anos antes, há uma diferença fundamental. O choro de Giménez era livre, puro, solto. Era o de um de querer demais, da decepção de ver um desejo tão forte se desfazer. No Brasil, entendemos tanto o choro como fraqueza que efetivamente somente choramos

quando fraquejamos. Assim, os outros choros, aqueles de 2014, conforme impressões coletivas, ou eram por considerar aquele palco grande demais, ou eram de vergonha e culpa.

A raça de jogar-se de cabeça numa bola pela linha de fundo, ou de evitar um gol com a mão no último minuto, ou chorar pela derrota, demonstra, principalmente, o ideal de que o grupo é maior, de que o país importa mais. De que o coletivo se sobrepõe ao individual. E aos olhos de compatriotas e simpatizantes, cria empatia instantânea.

O torcedor sofre, sente demais. Ver em campo o espelho de si, de que ali está gente como nós, entregue de corpo e alma, faz com que durmamos tranquilos com a consciência de que valeu a pena. De que não fomos enganados por milionários intocáveis que reverberam indiferenças.

Enquanto isso, em *terra brasilis* contemplamos o silêncio de atletas. Pipocam declarações fabricadas por assessorias em redes sociais. Ou então entrevistas bajuladoras de assessores sem importância. Se escondem recusando a responsabilidade que trabalham para ter. São, afinal, intocáveis, superiores. Não há espelho, por fim. Não há satisfação. Há, tão somente, indiferença. E num desserviço perigoso à perpetuação do futebol como paixão, dão razão aos “acordados”, aos infames detratores da alegria alheia, que passaram o tempo todo a dizer que ‘não perdem tempo com essas coisas’. É assim tão complexo entenderem que se quer, apenas, um mínimo afago, uma mão esticada, um gesto a dizer que nas veias corre o mesmo sangue que borbulha e ferve pela derrota?

Há dignidade na satisfação dada, na voz ao microfone, na fala embargada. “Viemos, vimos e vencemos o tanto que era possível.” Temos, ainda, muito o que aprender com os uruguaiois. E por hoje preferiria estar na pele deles, onde honra é premissa básica de uma nação.

## GLOBALIZADA EUROCOPA DO MUNDO

[A semifinal da Copa e sua composição europeia.]

\*\*\*

A Oceania e sua meia vaga foi a primeira a dar adeus. Quer dizer, nem chegou a se despedir, porque nem na Rússia esteve. Acenou de longe, tentou um 'oi', mas foi ignorada pela comitiva que seguiu sem parar.

A África, com cinco apontados a embaixadores de seu futebol, foi o segundo continente a empacotar suas malas com algumas *matrioskas* de lembrança. Nem Salah deu jeito, nem Senegal e seu envolvente jogar, nem Marrocos e sua exagerada falta de sorte – ou de competência finalizadora.

A América Central sabia que o Panamá mais seguia ao leste europeu a passeio, fazendo história pela participação. A Costa Rica não surpreendeu como em 2014 e se foi na primeira fase. Coube ao México a tarefa de representar a Concacaf mais adiante. Os mexicanos não protestaram, mas o fantasma das oitavas assustava. Não teve jeito.

O Japão foi o um do zerinho ou um da Ásia. Prevaleceu imperioso. Assustou a valente e habilidosa Bélgica. Feriu uma, duas vezes... Mas sem ferida mortal, sucumbiu em seu querer demais, desprotegido por acreditar que poderia avançar. Desguarnecido, abriu o flanco para sofrer ele o golpe final.

A América do Sul e seus 9 títulos eram a armada contra a hegemonia europeia. Quatro dos cinco representantes chegaram aos mata-matas. Dali para frente era ganhar ou voltar para casa. Argentina, merecidamente, e a Colômbia, controversamente, não foram páreo para França e Inglaterra. Havia, por fim, Brasil e Uruguai.

Na Europa diz-se que eu a Copa do Mundo é a Eurocopa com Brasil e Argentina. Claro, um exagero com viés eurocentrista. Recuso-me a ver assim, especialmente após enfadonhos embates entre europeus, e uma vontade incontida de reverter as estruturas de poder. Poder aos mais 'fracos'! Sonho

com uma semifinal eclética, Brasil, Argentina, um africano, um asiático, quem sabe um caribenho... Completamente livre das amarras europeias!

A França, uma vez mais, enterrou um sul-americano e mandou o Uruguai de volta para casa. Tendo deixado o Peru na fase de grupos, a Argentina nas oitavas e o Uruguai nas quartas, com chances de pegar o Brasil nas semifinais – havia a possibilidade de ainda uma final contra a Colômbia, negada pela Inglaterra. Nesta construção, caberia inverter a prerrogativa do eurocentrismo e dizer que a Copa do Mundo seria uma Copa América mais a França.

Só que o Brasil, no mesmo dia, também se despediu. Caiu diante dos belgas. Resistente, lutou até quando pôde. Naquele instante, eram 6 equipes vivas na Copa, todas europeias. Alimentava, infelizmente, o discurso separatista europeu. dos Era, afinal, a Eurocopa do Mundo.

Ainda assim, França e Bélgica, que largam favoritas, possuem grande influência de outras partes, especialmente africanas. São múltiplas as origens, do Norte da África ou Subsaarianas. Os franceses têm Mbappé, francês de origem camaronesa, como líder técnico e futuro do esporte. Os belgas têm Lukaku, de ascendência congoleza, dominando seu ataque.

Os casos são muitos e evidentes. Hoje, no futebol, a balela da pureza de origem está enterrada. Veremos uma globalizada Eurocopa do Mundo, mesmo que ainda europeia, com o estrangeiro crescendo dentro de duas veias. Se não há equipes de outros continentes, há certamente representantes. Uma valiosa mistura de culturas e de integração em harmonia. Uma mensagem de que somos todos iguais, de que é possível unir e conviver. E numa época em que o extremismo nacional renasce, o futebol indiretamente demonstra, uma vez mais, exemplos de civilidade e de avanço.

## O AUGE DE NEYMAR JÁ PASSOU?

Os anos da aurora da carreira de Neymar foram mais do que promissores. Destemido, imponente, conquistou o estado, o Brasil e o continente. Em 2015 atingiu o ápice, ao ser o maior destaque do Barcelona campeão da Liga dos Campeões, superando até mesmo Messi, e ser votado como o terceiro melhor do mundo. Era questão de tempo para que se efetivasse como o número 1 do mundo.

O que o brasileiro não percebe é o que é necessário para que seja alçado a esta posição. Sob qualquer prisma, técnico, físico, psicológico ou de imagem, Neymar nunca esteve tão distante de virar referência mundial como agora. E o maior culpado por sua estagnação, ou até leve queda, é o próprio atleta.

Parece estranho dizer isto um ano após ser peça central da maior transferência da história do esporte, que definiu um novo patamar de gastos no mercado. O quase 1 bilhão de reais<sup>13</sup> pago pelo PSG era o passo definitivo para seu estrelato.

Um ano depois, é difícil até mesmo dizer que ele seja a estrela do próprio clube. Como artilheiro-mor, Cavani parece insuperável. Como futuro da equipe, o posto é do francês Mbappé, sete anos mais novo e que já supera o astro brasileiro nesta edição da Copa do Mundo.

A tônica das movimentações de Neymar parece ter como estratégia a tática de terra arrasada. Deixou o Santos em negociação mais do que controversa, rendendo multas, processos e ódio dos santistas. No Barcelona, pediu para sair pela montanha de dinheiro árabe, desagradando a fanática torcida que o aceitou como seu. Pois mal chegou ao PSG, o que não falta são boatos de estar forçando saída para o Real Madrid para substituir ninguém menos que Cristiano Ronaldo.

O super astro português é exemplo de que opera no extremo oposto de Neymar. Ao se ver atrás de Messi, Ronaldo procurou entender como melhorar. Iniciou trabalho pesado para transitar da ponta para se tornar no maior matador do futebol atual – quiçá da história. Ouviu as críticas, assimilou

---

<sup>13</sup> Transação foi fechada em recorde 222 milhões de Euros.

oportunidades, executou um plano que tem sua obstinação como motor de um envelhecimento que parece não vir. Melhora e faz os outros ao seu redor melhores.

Neymar, ao contrário, cerca-se de bajuladores. Fecha-se para quaisquer críticas. Ataca qualquer um que ouse se opor a sua visão de intocável. Encolhe-se em sua bolha, fechado com os parças, namorando beldade global. Mansões, carrões, jatinhos, seguidores.

Mais do que isso, recusa-se a assumir as responsabilidades de protagonista que ele tanto exige. Incoerente, quer apenas o bônus. Cala-se nas derrotas, ressentese nas vitórias. Prova-se mau perdedor e mau vencedor. E como antagonismo pouco é bobagem, virou piada e vilão maior do futebol, motivo de chacota pelo seu cai-cai exagerado, mesmo incansavelmente caçado.

O talento de Neymar é inegável, talvez único no planeta atualmente. Merece o que conquistou. Mas ao chegar ao topo, aparenta ter percebido que não está disposto a fazer o que precisa para seguir crescendo. Crê que basta sua habilidade descomunal para que lhe deem o que acredita ser seu de direito. Enquanto isso, seu auge parece ter ficado para trás, naquele mágico 2015.

Depois da apagada passagem pela Rússia, reforça a imagem de menino imaturo e mimado, mesmo aos 26 anos. Torçamos para que assim não seja, que ele exploda seu casulo de proteção e perceba que entrar para a história pelo potencial desperdiçado não condiz com aquilo que apregoa. E assim volte a subir, ao se portar como estrela mundial que é.



## A ÓTIMA GERAÇÃO FRANCESA

[França supera a Bélgica por 1 a 0 e é a primeira finalista da Copa do Mundo.]

\*\*\*

Noves fora as pirraças seguidas com a Geração Belga, temos de admitir: é realmente um grupo bom. Mas não ótimo, como apregoam os analistas estatísticos. Nem tanto no cravo, nem tanto na ferradura. Nem lá, nem cá, está ali no meio, na zona isentona do protagonismo do futebol.

Das certezas irrefutáveis, como a morte, os impostos e o cai-cai do Neymar: haveria a Bélgica de cair para uma camisa mais pesada. Era esperado, questão de tempo. Pois se a mandinga não deu certo contra o Brasil, na semifinal tinha a França. Azuis e vermelhos em campo, numa combinação belíssima de cores e toques.

Sem jeito que desse jeito contra o encaixado sistema defensivo francês, o castigo veio pelo alto. Na cabeça de Umtiti – um dos nomes mais fofuxos deste torneio. Justamente contra a equipe mais alta da competição. Suco de ironia. E os Diabos Vermelhos sucumbiram diante dos Galos Franceses.

Reorganizemos as expectativas. Porque favoritismo mesmo, destes de que não se pode duvidar, é quando a França chega forte. Vice-campeã em casa da última Eurocopa, pousou na Rússia com a ânsia de se provar madura. Favoritismo embasado por uma geração talentosíssima e negociada a peso de ouro nas transferências dos novos tempos.

Na real, se tem de se carimbar a alcunha de ótima geração é à da França.

E há coincidências demais nesta equipe com relação àquela de 1998, que destruiu o Brasil no Stade de France, diante de sua torcida.

Pavard, lateral-direito, incorporou o espírito de Lilian Thuram e marcou um golçoço para desafogar a França. Se Thuram foi o destaque da semifinal contra a Croácia, Pavard marcou um gol antológico contra a Argentina nas oitavas.

Varane e Umtiti, zagueiros titulares de Real Madri e Barcelona, são segurança e estabilidade, como eram Desailly e Blanc, que suspenso deu lugar a Leboeuf.

Kanté honra a tradição de volantes-formiga, trabalhadores, duros, eficazes no desarme. Como Karembeu em 98, como Makelele depois. A linhagem de volantes franceses é poderosa.

Ou então comparemos a classe de Pogba com Deschamps ou com Petit, o algoz do terceiro gol naquela final que foi uma convulsão de emoções para o Brasil.

As coincidências do ataque, no entanto, são clara demonstração de que com a França não se brinca, não, senhor.

Griezmann é um Djorkaeff redivivo, ponta habilidoso e veloz.

Giroud é o centroavante inútil, que não faz gols, e tem como função única fazer o pivô e se assustar quando a bola chega. E ela chega, principalmente nos pés mágicos do 10 francês...

Mbappé de agora é o Zidane de então. Craque incontestável, líder técnico da equipe. Compensa com uma velocidade impressionante a técnica que não chega a ser zidanesca, mas quem alcança este patamar elevadíssimo de Zidane?

Vão à final, com pinta de título, lideradas no banco em 2018 pelo capitão de 1998. Coincidências demais para serem ignoradas.

*Allez, les Bleus! Vive la France!*

## CROÁCIA E A LÓGICA INVERTIDA

[Croácia vira o jogo contra a Inglaterra na prorrogação, vencer por 2 a 1, e vai disputar a primeira final de Copa de sua história.]

\*\*\*

Ah, projetos... Vive-se a era de planos de longo prazo colocados em ação. Alemanha, a partir de 2000 e uma traumática Eurocopa. Trauma compartilhado em modelo e consequência pela Bélgica, em 2004. De volta à década de 70, a França foi pioneira. Sim, funciona, mas o fenomenal está na exceção. Porque poucas sensações são tão maravilhosas quanto a surpresa, assim como absolutamente tola é a busca pelo controle integral.

Não que esta crônica seja uma exaltação à bagunça. Por favor, não me entenda mal. A estatística comprova que tem mais chance que se organiza. A mensagem aqui é outra. É de exaltação ao imponderável, ao contrassenso, ao não óbvio.

Adoramos um azarão. Que redefine, ou deveria redefinir, nossas certezas. Afinal, certeza não existe, existe probabilidade, esta bela e recatada senhora que sofre nas mãos da menina traquinas e serelepe chamada realidade. E a verdade dos fatos informa em letras garrafais: a Croácia está numa final de Copa do Mundo.

E qual o projeto croata? De maneira simples: absolutamente nenhum.

Até pouco mais de 20 anos atrás, sequer país a Croácia era. Nação encravada em região com sucessivas guerras separatistas.

Modrić, o craque do time, um dos pilares do ultra campeão Real Madri, possui relação conturbada com seu país. É odiado. Faixas chegam a estampar que a equipe seja campeã, “apesar de Modrić”.

Sorteio indicou os europeus, eliminados na fase de grupos em suas duas últimas participações em Copa, dividindo forças com a vice-campeã Argentina de Messi.

Já em gramados russo, no meio da disputa, um atleta se recusa a entrar em campo nos acréscimos do segundo tempo. É cortado e mandado de volta para casa.

Some-se, então, a falta total de projeto, o ódio de um país ao seu craque, um grupo dito complicado, uma indisciplina que poderia rachar o grupo. Depois, um tanto louco, multiplique por menos um, inverta o sentido, subverta a razão, porque a realidade tem acordo com o imponderável. Andam de mãos dadas, indissociáveis. Coube a esta brava Croácia comer a lógica com farinha, sobre a mesa coberta com a toalha de sua bandeira.

Sim, de onde menos se espera é que, quase sempre, não sai nada mesmo. Só que se fecharmos os olhos para o cálculo irrefutável e abrirmos os braços para o acaso, perceberemos que a única constante na vida é a mudança. O novo sempre vem. E o destino tratou de virar tudo de cabeça pra baixo. Ainda bem.

Passou quem fez por merecer no único lugar que importa, por fim: o campo de jogo. É na bola que se aniquila a sobriedade galopante do futebol 'moderno'. Um alento de molecagem invadindo e implodindo a rigorosa matemática analítica. Pois aceitemos, é o inusitado nos mantém viva a alma.

Celebremos, portanto, a incerteza e seu carteadado de fortunas imprevisíveis!  
Viva à Croácia!

## MARADONA É O CRAQUE DA COPA

No lotado estádio de São Petersburgo, a Argentina jogaria sua sobrevivência contra a Nigéria. Fim de tarde na cidade que já foi capital russa. O sol de través, calor ameno do lado de fora, contrastando com a temperatura fervilhante da torcida *hermana* que invadiu a antiga Leningrado para empurrar sua seleção.

Por entre frestas da moderna estrutura metálica, um fecho de luz penetra, serelepe e breve. O único, o um, o tal. Procura cuidadoso as tribunas da arena e vai ter num diminuto espaço, justamente onde Maradona está<sup>14</sup>. Ele recebe o raio de braços abertos, para ser explodido em mil cores pelo prisma que é Dom Diego. Exultante, a massa alviceleste o idolatra.

(Maestro, aumenta o som da música sacra, sobe o “ó...” gregoriano, porque a querência de Maradona é o divino surreal com um quê de novela mexicana e bolero melado.)

É a mão de Deus, é o Deus encarnado de sua própria igreja, é o anjo caído. É raio, é luz, é estrela e luar, é tarde de sol, é Iaiá, é Ioiô. É fogo, é paixão. E já que o Papa, o intermediário, é também argentino, interceda-se nos cânones católicos, canonize-se de uma vez por todas e crie-se a oficialização do inegável: Maradona é Deus e o Diabo na Terra em torno do sol.

Sua seita, ao fim, teria ares de irrefutabilidade. “Taqui o documento, mais do que santo, é o próprio Deus. Papel passado e registrado em cartório!” O futebol é o seu Evangelho. E como um Lutero dos novos tempos, assumiria de vez o leme de sua religião. Expandiria sua atuação ao mundo, naquela que seria uma igreja, por certo, diferente.

De templos que seguem a arquitetura das mais gigantescas e bregas *haciendas* latino-americanas. Talvez com uns animais silvestres correndo pela frente. Uma piscina em formato distinto e com azulejos decorativos, em volta da qual os seguidores se reuniriam, sentados em pufes de oncinha (ou de zebrinha ou malhadinho) com genuflexório, entre confortáveis espreguiçadeiras. Em vez de

---

<sup>14</sup> As caras e bocas de Maradona na Rússia têm relação também a um documentário que está sendo gravado sobre sua vida. Parte, portanto, era atuação.

hóstia sagrada, uma porção de amendoim para acompanhar. Em vez de vinho, um *shot* de tequila e uma cerveja gelada. Abstêmios são hereges.

Nas escrituras proféticas, incorporará lendas e lemas daqui, dali e de acolá, ao discernimento de seu líder supremo. Em vez do pudico e limitante “orai e vigiai, “faze o que tu queres, há de ser tudo da lei” será o mantra tomado emprestado de Aleister Crowley e sua Thelema. Pecado é não se permitir. É efetivamente proibido proibir.

No fim do dia, depois de seu cochilo da tarde, surgirá ele. Atendendo à narrativa minuciosamente alinhavada, recriará este mesmo facho de então, quando será possível ver sua aura em realidade aumentada. Virá, que eu vi, com uma camisa de linho de manga curta, muitos botões abertos, mostrando o peito semi-peludo encoberto apenas por um cordão de ouro. Tatuado, segurará um charuto com uma das mãos, enquanto a outro ficará livre para comandar a batuta do controle dos fiéis.

Na cerimônia, sentaria em sua folgada poltrona. Olharia seu público com um ar um tanto enfadonho. Daria uma longa baforada no cubano presente dos Castro. Observaria a forma da fumaça que expele de sua boca. Somente então professaria seu discurso tão aguardado. “*Qué pasa ahí? Animense!*”

E a horda se ergueria, em volume num crescendo, “Vamos, vamos, vamos, vamos!” As mãos vão balançando, para cima e para baixo, evoluindo em amplitude na medida dos decibéis. Maradona vai se levantando junto. “*Vamos, vamos, vamos, vamos!*”. Ele grita “*no les escucho!*” “*VAMOS, VAMOS, VAMOS, VAMOS!*” No ápice, todos abraçados como se numa arquibancada em La Plata, em transe, absortos na supremacia do Senhor! Por fim, um rojão anuncia um grande banner que se soltaria do mezanino do quarto que dá para a piscina na fazenda. Nele se lê o lema maior sobre a imagem pintada a mão do sacrossanto dia em que São Petersburgo foi sua. E o povo explode numa *rave* abençoada por seu Deus e bonita por natureza.

Desta igreja eu participaria.

Pois que numa Copa sem um nome que se sobressaia individualmente de maneira indiscutível sobre os demais, e aproveitando os aditivos propostos em leis católicas para elevar *El Pibe* a santo, faça-se o mesmo com as restritivas

regras da FIFA e crie-se o precedente necessário. Porque na Rússia não houve personagem melhor que Dom Diego Armando Maradona. É ele, sem dúvida, o craque da Copa.

Ouvi um amém?

## MEU CARO AMIGO, ME PERDOE, POR FAVOR

Meu caro amigo que odeia a Copa, em verdade lhe digo, eu tentei não entrar clima. Lutei, arduamente. Reforçava mentalmente a pauta FIFA corrupta, CBF idem, jogadores alienados. Ficava pensando na situação do Brasil, na economia, nas propagandas do Tite, na saúde e educação, nas injustiças e mazelas, etc e tal. Procurei cercar-me de todas as fontes de tristeza profunda. Acredite, chafurdei nos comentários de publicações de grandes portais. Fui ao limite, ao fundo do poço: até entrei de novo naquele grupo da família especializado em *fake news* e bons-dias de gatinho, flores e musiquinhas.

Mas não deu.

E olha que quando a gente empatou com a Suíça na estreia, o alento veio na esperança da eliminação, mesmo que intimamente eu a odiasse – a eliminação – com todas as forças. Hoje eu não sei dizer como é que eu fui parar com o rosto pintado com a bandeira do Brasil, nem como eu arrumava as desculpas necessárias para assistir a Irã e Marrocos. Deve ter sido tudo isso junto, que crescendo, crescendo e me absorvendo, e de repente eu me vi assim, completamente dela, da Copa.

O inimigo era poderoso demais. Não haveria de haver resistência mal-humorada que sobrevivesse a tanta alegria. Fui engolido pela massa.

Eu via as ruas sendo pintadas no meio da competição, e pensava, “tá tendo Copa”. Acompanhava as discussões de como cada um andava no bolão e lamentava eu ter demorado para entrar. No trabalho cada um escondia seu aparelho de ver o jogo, o segredo mais conhecido de qualquer repartição. Nos dias de jogos do Brasil, então, aquela algazarra pré-jogo, o trânsito, o buzinaço... Ah, que maravilha!

Quando Cueva perdeu o pênalti, fiquei triste por ele. Quando o VAR era chamado, eu era quase uma criança atraído à tela da TV assim como o árbitro era atraído à sua. Suspense! Tensão! Quando Mina dançou suas danças quebra-espinha, rebolei junto, principalmente contra a Inglaterra. Indignei-me com a injustiça da eliminação de Senegal por cartões amarelos, ora, onde já se viu?



Quando Cristiano Ronaldo enfrentou sozinho a Espanha e sapecou três em performance histórica, admirei o craque. Pasmei-me embasbacado quando Pavard pegou de fora da área aquele chuteira contra a Argentina. Fiquei enternecido e comemorei junto o gol de Baloy pelo Panamá. E não vou nem entrar na linha dos memes e piadas da Copa, porque senão entro numa crise de riso interminável. E, sim, mandei a capivara do hexa no seu Whatsapp como provocação.

Perceba o cardápio completo de emoções! Como negar algo tão poderoso?

Ok, ok, sou um fraco, talvez. Deixei-me influenciar em meio a um barco afundado. Está lá o Titanic afundando e eu tocando violino. Mas tente entender o meu lado.

Eu estava ali, quieto mas apreensivo. Seleção travada contra a Costa Rica. Pressão, vai não vai. Daí o Coutinho, já nos acréscimos, chuta o balde. Quando eu me dei conta, eu pulava abraçado com o vizinho, jogando cerveja para o alto, gritando gol de ficar rouco. Estou até hoje sem voz. E como para quem já está no inferno é melhor abraçar o capeta, dei até um beijo na testa do cabra e ginguei ao som do Olodum imitando um Boneco de Olinda.

Depois da decepção de ver a Seleção Brasileira se despedir, ficam lições aprendidas.

Sim, sim, você estava certo, meu caro amigo desalmado. Tivesse eu ficado longe desta balbúrdia, nenhuma frustração tomaria conta de mim. Concordo inteiramente. Mas percebi que fugir de sentimentos te deixa fechado para as grandes surpresas e alegrias da vida. Futebol é integração, é interação, é elo, é aproximação. Não é isolamento. Prefiro sentir, doer, chorar, sorrir, gargalhar, construir empatia, confortar, galhofar. Prefiro viver.

Depois que este seus argumentos anti-Copa tem mais furo que peneira velha. Qual argumento? Ora, qualquer um. Nada do que você fala faz sentido. Carece de lógica. Começa em algo e vai dar em lugar nenhum. Regride, portanto.

Mais do que isso, meu caro amigo, você possui a arrogância de se fazer moralmente superior, senhor da retidão e correção. Aprendi que de gente como sua senhoria eu quero é distância. Daqui de baixo mando uma banana para

você aí de cima. E me perdoe, por favor, de no frigir dos ovos sentir até um pouco de vergonha de, em algum momento, ter sequer assentido com sua ladainha macambúzia e sorumbática.

Agora me dê licença que faltam dois dias, só mais dois jogos!, e, como num sonho, tudo será passado. Vou com espírito desarmado para aproveitar este tanto que resta ao máximo.

A você e a todo o seu pessoal, adeus.

## O JOGO QUE NÃO IMPORTA, PARTE 2

[Em partida que valia o terceiro lugar, Bélgica joga bem e bate a Inglaterra por 2 a 0.]

\*\*\*

Quando Bélgica e Inglaterra entraram em campo na última rodada do Grupo G, conseguiram uma proeza inacreditável: trouxeram sentido a uma frase de certa ex-presidenta<sup>15</sup>. Encheram a cancha de reserva, querendo perder para pegar lado mais fácil rumo à final. Sim, nem quem ganhou ou quem perdeu, ganhou ou perdeu. Todos perderam. Principalmente o mundo do futebol.

E já que a FIFA distribui prêmios de diversas qualidades às seleções durante a Copa do Mundo, conceda-se o prêmio Embuste Maior a estas desonradas Bélgica e Inglaterra. São seleções irmãs, veja como elas se completam.

A Inglaterra é má vencedora e excelente perdedora. Quando bateu a Colômbia, saiu bufando e espumando contra os perdedores. Talvez tenha sido influência dos preconceituosos tabloides locais, vai saber. Acontece que ao ser eliminada pela Croácia, a elegância britânica ressurgiu. Admitiram a derrota, parabenizaram os adversários. Saber o discurso da derrota de cor é inerente a quem sempre perde.

Do outro lado, a Bélgica é boa vencedora e má perdedora. Eliminar o Brasil foi um marco na história dos vermelhos. Sobraram elogios à seleção canarinho e reverências ao futebol pentacampeão do mundo. Já na fase seguinte, o contrário deu o tom. A superior França virou alvo de comentários cheios de beicinho de criança que perdeu o brinquedo e precisa fazer birra.

Coube ao destino fazer justiça nesta mesma Copa do Mundo para que a lição fosse aprendida. Sádico, elevou as esperanças de ambas. Sacramentou a queda na mesma fase, a do quase. Como Ícaro, voaram perto demais do sol, tiveram suas asas queimadas, suas expectativas frustradas. Foram relegadas, golpe final, a disputarem justamente a partida que não importa. A partida que não

---

<sup>15</sup> Dilma Rousseff.

aceita vencedores, disputada naquele descontente clima de fim de feira, quando a xepa prevalece, tudo é resto e sobras, e todo mundo só quer ir embora logo para casa.

Ah! Uma caneta da vida, um banho-de-cuia do futebol. O carma retribuído instantaneamente. “Aqui se faz, aqui se paga.” Sorrimos todos que perdemos lá atrás aquele sorriso malicioso, de canto de boca, de “tome, sacana”. Quem jogou para perder foi, no fim, contemplado com o dia em que não importa quem ganhar.

Na frieza dos números definitivos deste sábado, deu dos males o menor. O bom vencedor prevaleceu sobre o bom perdedor. Imagine o contrário, o tanto de choradeira que seria! Calcule o insuportável do mau vencedor bater o mau perdedor. Conheceríamos decerto o cúmulo do mimimi. Haja chupeta para tanto marmanjo-chorão! Ia ser uma troca de farpas estúpida, “eu sou o tal”, “não, sou eu”, “feio”, “bobo”, “meu IDH”, “Playstation”, “batata-frita”.

Eu acompanharia com a intenção única de satisfazer uma curiosidade mórbida de apostar quem seria o primeiro a sair gritando “Manhê!” Viria a matriarca já cansada daquela chiadeira sobre nada, afinal, e daí?, terceiro e quarto, nove fora, nada. “Já os dois pro cantinho do pensamento! Vão ficar quatro anos de castigo. E anda logo, porque se eu contar até três...”

## AXÉ, LES BLEUS! VIVA À FRANÇA!

[França vence a Croácia por 4 a 2 e é bicampeã mundial de futebol!]

\*\*\*

Qual o tamanho adequado da expectativa para um final de Copa do Mundo? Para quem a disputa, nada menos do que o máximo possível é aceito. O maior palco do futebol mundial não aceita comedimento. Só recebe vibração altíssima.

Axé que pulsa das arquibancadas recheadas de torcedores apaixonados pelo maior esporte do planeta. Que também vem das telas plugadas em todos os cantos. Visível nas feições ansiosas de Macron e Kitarović, presidentes de França e Croácia e na necessidade de Infantino de se provar o cabeça de uma FIFA encalacrada em acusações mil. Só não vinha de Putin, porque o homem de gelo tem uma predisposição genética para não sorrir.

No campo de jogo, as seleções receberam a energia no melhor de suas habilidades. A Croácia, tentando transformar num gás extra de quem chegava com pernas pesadas de prorrogações demais e um certo ar de que estar ali já era suficiente. A França, geração talentosa, pronta para brilhar, cuspidando fogo pela Eurocopa perdida em casa. Favorita, querendo seu papel de protagonista de maneira definitiva.

Mas de axé entende mesmo quem tem não apenas um pé, mas o corpo inteiro na África.

A França de 2018 é uma aula de geopolítica, de história, de sociologia, de antropologia, de filosofia... A grade inteira de humanas! É o resumo de uma linha do tempo que tende a se concentrar ao redor do Arco do Triunfo. E as ondas, as vibrações, o axé foi extravasado na Marselhesa entoada aos gritos, na Torre Eiffel iluminada pelo querer da massa.

Como é grande a França!

Agora coroada merecidamente como país do futebol, em mandato de quatro anos, prorrogáveis nos pés de seus bailarinos boleiros. Aquela que entende que para ser campeã mundial tem que ser atropelando.

Título com ares de dinastia. Ou há de se duvidar à 10 de Mbappé pertence o cetro do controle do futuro do ludopédio? Com direito a sobrenome que é destino, que é a confluência de todo o embaralhamento, quase esculhambação, que é o globalismo. O lado maravilhoso da inevitabilidade migratória e seus frutos.

Na chuva de gols, sucedida pela chuva torrencial que desabou sobre Moscou, mais mensagens do espetáculo que é o futebol. Um extasiado Macron criança, vibrando euforicamente com os gols, na única liturgia do cargo que cabe numa final de Copa, e distribuindo medalhas em puro contentamento. Kitarović chorando ao abraçar Modrić e sua Bola de Ouro. A água escorrendo aos cântaros pelos ternos desalinhados e ensopados de todos.

Todos adorando aquela alma lavada de uma Copa que deu certo!

Porque não há torneio mais exuberante que a Copa do Mundo. De jogos fantásticos, de outros nem tanto. Vale o que vier, vale o que quiser. De personagens elevados ao estrelato, outros renegados ao limbo. De novos Pelés, de sucessores dos grandes de antanho, daqueles que, mais-que-são, serão a referência de futuras gerações. Nem direito acabou, mas a saudade já é enorme.

Parabéns, Croácia! *Vive la France!* Viva ao futebol!

*Axé, les Bleus!*

## DEPRESSÃO PÓS-COPA

Começou quando, do nada, assim, num estalar de dedos, tinha um dia inteiro sem jogo. É golpe! Daí, quando parecia estar tudo bem, de novo. Ah, não! Mas é muito golpe! Depois veio a sacanagem maior: dois dias inteiros sem bola rolando! Não é mais golpe. É o cúmulo da xibiatagem coletiva! Logo na sequência, pá-pum!, veio mais uma vez os dois dias vazios. Chorei.

Chorei um choro sentido, doído. Daqueles que soluçar, de dilacerar o peito, de querer largar tudo. De que vale a vida sem Copa do Mundo? Adeus, mundo cruel! Vou-me embora pra Passárgada, com tíquete só de ida.

A questão que corrói a alma é que era sabido, que tinha data para apagar. E o fim era ontem, o tal do quinze de julho de dois mil e dezoito. Não é que não soubéssemos, portanto. É que não queríamos mesmo. Mas a gente é bicho besta, que confia na esperança das causas impossíveis. Valhei-me, meu Santo Exedito, prorroga a danada da Copa até pra sempre, na moral!

Como sói ocorrer quando o coração supera a razão, tal qual a Croácia numa final de Copa do Mundo, a gente desaba ao encontro da realidade. Não adianta lutar contra. Acabou, bicho. Acabou! Aceita, cara! Aceita que dói menos!

Assim, nesta segunda-feira – ainda por cima numa segunda! Por que tão sádica, ó, vida? – saímos às ruas um exército de zumbis carregando nos olhos a tristeza e a desolação. Fossem os de gravata, donos da caneta-que-tudo-pode, preocupados com a saúde de nós, seres humanos pretensamente racionais, a Copa acabaria era numa quinta-feira. Dia seguinte, SEXTOU!, fim-de-semana começando. Veja bem como a gente passaria com mais tranquilidade! E ainda garante a resenha sem tratar de produtividade. Só vi benefícios. Taí, FIFA, a proposta que alterará este estado nefasto da multidão de ombros caídos e de costas curvadas. Se não de maneira definitiva, pelo menos reduzida ao mínimo. Palavras da salvação.

A construção que nos afeta a saúde tem nome e sobrenome, causa e consequência. Há de ser reconhecida pela Medicina como epidemia que assola

a humanidade de quatro em quatro anos. Doença severa, de difícil tratamento. É fato irrefutável, verdade absoluta!, a Depressão Pós-Copa.

A condição é agravada por uma série de fatores. Sejam eles sociais ou econômicos – ó, vida!, você de novo a nos sabotar! – ou principalmente, futebolísticos. Porque sem nem meio-termo ou meio do caminho, vem o Brasileirão por aí. O nível, meu povo, cai de paraquedas que não abre. E eu tenho medo de altura.

Que poderemos dizer, então, nós baianos, coitados, sofridos, lascados, que trocaremos as batalhas de nações por meias-bombas num escárnio contra o rebaixamento? Garçom, traz um galão de água senão eu desidrato de tanta lágrima que sai de mim.

Mas um dia, eventualmente, a dor passa. Sim, o único remédio para a Depressão Pós-Copa é o tempo, aplicado a conta-gotas. Nos adaptamos, nos reacostumamos. Lá no longe, esqueceremos do conforto da ilha da fantasia criada em campos russos neste verão europeu nestes gloriosos 31 dias que se encerraram há pouco.

Ah, mas era tão bom! Como era!

E secretamente contaremos os dias para sermos contaminados uma vez mais. E nem adianta vir com vacina, que eu não quero imunidade para o espetáculo. Garçom, mais uma dose! Mas desce daqui a quatro anos, faz favor, que preciso desintoxicar. Enquanto isso, traz a conta. E um lenço.